

**Vergílio Ferreira – Mário Dionísio:
Correspondência (1950 – 1967)**

Carlos Filipe Ramos Serra

**Trabalho de Projecto
de Mestrado em Edição de Texto**

Carlos Filipe Ramos Serra
Vergílio Ferreira – Mário Dionísio:
Correspondência (1950 – 1967)
2012

Abril 2012

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do

Prof. Doutor Fernando Cabral Martins

*À minha avó, Antónia Maria Serra,
pelos seus 92 anos de coragem, persistência, dedicação e amor.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, antes de mais, por todo o apoio e dedicação ao longo de tantos anos;

Aos amigos, pela fraternidade e camaradagem, bem como pelo encorajamento e força:

Duarte, Davide, João, Maria, Tiago, Ana, César, Rui, Alexandra, Rita, Nuno e Miguel;

À Eduarda Dionísio, pelas preciosas informações e enorme disponibilidade, sem as
quais este trabalho não teria sido possível;

Ao Professor Doutor Fernando Cabral Martins, orientador deste trabalho, por todo o
apoio e disponibilidade prestados ao longo da preparação do mesmo;

Ao Professor Doutor Ivo Castro e Professora Doutora Cristina Sobral, que sempre
acreditaram no potencial deste projecto editorial e pela ajuda dada na transcrição e
análise de alguns dos materiais;

Ao Prof. Doutor Helder Godinho e Ana Isabel Turíbio, da equipa Vergílio Ferreira da
Biblioteca Nacional, pelas informações disponibilizadas acerca do espólio do autor.

VERGÍLIO FERREIRA – MÁRIO DIONÍSIO: CORRESPONDÊNCIA (1950 – 1967)

CARLOS FILIPE RAMOS SERRA

[RESUMO]

PALAVRAS-CHAVE: Vergílio Ferreira, Mário Dionísio, Correspondência, Neo-Realismo, *Vértice*

O conjunto total da correspondência trocada entre Vergílio Ferreira e Mário Dionísio entre 1945 e 1974 encontra-se até ao momento inédito. Fruto de um riquíssimo diálogo de quase trinta anos entre os dois autores, as quarenta e cinco cartas que aqui se apresentam, escritas entre 1950 e 1967, são apenas uma de duas partes dessa mesma correspondência, correspondendo ao material que constitui o espólio de Mário Dionísio. Deste epistolário constam 11 cartas de Mário Dionísio para Vergílio Ferreira, escritas entre 1953 e 1957, e 34 documentos de Vergílio Ferreira para Mário Dionísio, escritos entre 1950 e 1967. Este trabalho, que consiste numa proposta de edição anotada, com notas que reunirão informação de tipo cultural, histórico e literário, antecedida de uma introdução contextualizadora, pretende servir de contributo não só para o estudo da vida e obra de ambos os escritores, mas também para uma melhor compreensão do próprio Neo-Realismo – que representa o ponto de ligação e de divergência entre ambos – e do panorama das redes de comunicação mantidas entre escritores e intelectuais portugueses no século XX.

VERGÍLIO FERREIRA – MÁRIO DIONÍSIO: CORRESPONDENCE (1950 – 1967)

CARLOS FILIPE RAMOS SERRA

[ABSTRACT]

KEYWORDS: Vergílio Ferreira, Mário Dionísio, Correspondence, Neorealism, *Vértice*

The full body of the correspondence exchanged between Vergílio Ferreira and Mário Dionísio from 1945 to 1974 is yet to be published. Presented in this work are forty-five letters written from 1950 to 1967. The result of a lively debate they are the first of two parts of the correspondence between these two authors and belong to Mário Dionísio's estate. The source material comprises 11 letters from Mário Dionísio to Vergílio Ferreira, written from 1953 to 1957, and 34 letters from Vergílio Ferreira to Mário Dionísio written from 1950 to 1967. This material is arranged for publication and presented here with an apparatus consisting of cultural, literary and historical notes and an introduction that aims to provide a background to that correspondence. If Neorealism was the link between those authors they, nonetheless, had diverging views on it and it is the purpose of this work to shed light on new and important source materials for the study of such relationship as well as of Neorealism in Portugal. Another aim of this work is to present a brief perspective of the communication networks created by the Portuguese writers and intellectuals of the XXth century.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO À CORRESPONDÊNCIA	1
1.1 Correspondentes	1
1.2 A revista <i>Vértice</i> e o Neo-Realismo.....	3
1.3 Contextualização da Correspondência	10
2. QUESTÕES EDITORIAIS.	16
2.1 Importância do trabalho e o seu interesse editorial.....	16
2.2 Descrição do espólio, estado do texto e direitos de autor.....	17
2.3 Critérios de Edição	21
CORRESPONDÊNCIA	23
Carta I (Évora, 16.07.1950).....	24
Carta II (Évora, 30.06.1951).....	28
Postal I (Évora, 05.07.1951).	30
Carta III (Évora, 13.07.1951).....	32
Carta IV (Évora, 30.07.1951)	36
Carta V (Évora, 27.09.1951)	40
Postal II (Évora, 27.09.1951)	43
Carta VI (Évora, 09.02.1952)	45
Postal III (Évora, 05.03.1952).....	49
Carta VII (Évora, 30.04.1953).....	51
Carta VIII (Évora, 03.06.1953).....	56

Carta IX (Lisboa, 17.09.1953).....	59
Carta X (Évora, 27.09.1953).....	65
Carta XI (Évora[?], Janeiro/Fevereiro 1954[?]).....	71
Carta XII (Lisboa, 25.02.1954)	74
Carta XIII (Évora[?], Agosto/Setembro 1954[?]).....	76
Postal ilustrado I (Bruxelas, 06.09.1954).....	78
Carta XIV (Lisboa, 13.10.1954).....	80
Carta XV (Lisboa, 18.02.1955).....	82
Carta XVI (Évora, 16.03.1955).....	86
Carta XVII (Évora[?], 17.03.1955[?]).....	89
Postal IV (Évora, 23.03.1955).....	92
Carta XVIII (Lisboa, 24.03.1955).....	94
Carta XIX (Évora, 30.03.1955).....	97
Carta XX (Évora[?], Março/Abril 1955[?]).....	100
Carta XXI (Lisboa, 04.04.1955).....	103
Carta XXII (Évora, 19.04.1955).....	107
Carta XXIII (Lisboa, 20.04.1955).....	110
Carta XXIV (Évora, 22.04.1955).....	112
Carta XXV (Lisboa, 21.05.1955).....	115
Carta XXVI (Lisboa, 12.07.1955).....	117
Carta XXVII (Lisboa, 06.09.1955).....	121
Carta XXVIII (Melo, 08.09.1955).....	124
Carta XXIX (Évora[?], Setembro/Outubro 1955[?]).....	128
Postal V (Évora, 28.06.1956).....	130
Postal ilustrado II (S. Martinho do Porto, 23.08.1956).....	132

Carta XXX (Évora, 27.09.1956).....	134
Carta XXXI (Lisboa, 29.12.1957).....	137
Carta XXXII (Évora, Junho 1958).....	141
Carta XXXIII (Évora, 12.06.1958).....	145
Carta XXXIV (Évora[?], Abril 1959).....	148
Carta XXXV (Praia das Maçãs, Fontanelas, 14.08.1960).....	151
Carta XXXVI (Praia das Maçãs, Fontanelas, 12.08.1963).....	154
Carta XXXVII (Praia das Maçãs, Fontanelas, 27.08.1963).....	157
Postal ilustrado 3 (Funchal, 26.12.1967).....	160
 LISTA DE DEDICATÓRIAS.....	 163
 BIBLIOGRAFIA	 167
 ÍNDICE REMISSIVO	 169

LISTA DE ABREVIATURAS

V. F.: Vergílio Ferreira

M. D.: Mário Dionísio

[...] Era o tempo de se conversar e não de atropelar palavras no momentâneo aturdimiento. Era o tempo de se ter alma e não o seu contraplacado. Era o tempo de se terem ideias e não bocados de cortiça. O tempo do silêncio e não dos gritos das massas. O tempo de se estar só e não dos encontrões de se estar em companhia. A carta. Memória antiquíssima a descobrir talvez um dia como os manuscritos do Mar Morto.

(Vergílio Ferreira, *Escrever*, p. 33)

1. INTRODUÇÃO À CORRESPONDÊNCIA

1.1 Correspondentes

Vergílio Ferreira

Nascido em Melo, concelho de Gouveia, a 28 de Janeiro de 1916, filho de futuros emigrantes que o deixarão ao cuidado de uma tia materna, juntamente com os seus dois irmãos, muito cedo Vergílio Ferreira se vê confrontado com a solidão numa infância e juventude para sempre marcados pela ausência dos progenitores. Após uma peregrinação a Lourdes, e por sugestão dos familiares, frequenta o Seminário do Fundão durante seis anos, experiência que virá a ser, mais tarde, o tema central de *Manhã Submersa* (1953), um dos seus mais aclamados romances. Daí sai para completar o Curso Liceal na cidade da Guarda, ingressando depois, em 1935, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde concluirá o Curso de Filologia Clássica em 1940 e manterá os seus primeiros contactos com o Neo-Realismo, começando a redigir o seu romance de estreia, *O Caminho Fica Longe* (1953). Em 1942, terminado o estágio no liceu D. João III nesta mesma cidade, parte para Faro, onde iniciará uma prolongada carreira como docente que o levará a pontos tão distantes como Bragança, Évora – pano de fundo de *Aparição* (1959), considerada unanimemente uma das mais importantes obras literárias portuguesas do séc. XX – ou Lisboa, onde acabará por se fixar definitivamente. É também neste período que conhece Regina Kasprzykowski, com quem casará em 1946, que o acompanhará até ao fim dos seus dias.

Professor, romancista, ensaísta e filósofo, foi sobretudo na escrita que Vergílio Ferreira mais se destacou, sendo dos intelectuais mais representativos da sua geração. Influenciado pelo Existencialismo de Kierkegaard, Heidegger, Sartre, bem como por outros pensadores como Marco Aurélio, Santo Agostinho, Pascal e Jaspers, ou, num plano mais literário, Malraux, Camus, Dostoievski e Kafka, a sua obra, inicialmente de pendor neo-realista, destaca-se por uma profunda abordagem ensaística onde se reflecte uma séria preocupação com a vida e a morte, o mistério da existência e os

problemas da condição humana e onde, em suma, o indivíduo se torna tema central da reflexão filosófica.

Autor de vastíssima e multifacetada obra, repartida pelo romance, contos, ensaio e diarística, Vergílio Ferreira veio a falecer a 1 de Março de 1996, deixando um livro ao editor, publicado posteriormente, intitulado *Cartas a Sandra* (1996). Após a sua morte, a Câmara Municipal de Gouveia e a Universidade de Évora criaram prémios literários em sua memória, e o seu espólio, constituído por originais manuscritos de quase todos os seus romances, mas também por bastante material inédito, foi doado, em 1997, pelos herdeiros à Biblioteca Nacional.

Mário Dionísio

Mário Dionísio nasce em Lisboa a 16 de Julho de 1916. Frequenta, na mesma cidade, os liceus Luís de Camões e Gil Vicente e, em Évora, para onde se mudara após a morte dos pais, o Liceu André Gouveia, licenciando-se em 1939 em Filologia Românica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Por entre colaborações várias em periódicos literários e culturais anti-regime – onde se mostrará empenhadamente activo desde o início dos anos 30 até aos anos 70 –, será sobretudo no período universitário que se integrará no meio intelectual de oposição a Salazar e ao Estado Novo, integrando nomeadamente o Movimento de Unidade Democrática (MUD), onde ficará mais tarde responsável por estabelecer a ligação entre a sua Comissão de Escritores, Jornalistas e Artistas e o Partido Comunista Português (PCP), para onde entrará em 1945. Em 1940, casa com a sua antiga colega de curso Maria Letícia, professora de liceu, de quem terá a única filha, a escritora Eduarda Dionísio.

Assumindo desde cedo a pedagogia um importante papel na sua vida, foi professor do ensino secundário durante praticamente quarenta anos, vinte deles no Liceu Camões – instituição a que ficará para sempre associado, juntamente com Vergílio Ferreira –, ingressando em 1978 na Faculdade de Letras de Lisboa como professor associado, onde permanecerá até 1987.

Homem de mil talentos, foi poeta, ficcionista, ensaísta, tradutor e pintor. Sendo um dos mais importantes teorizadores do Neo-Realismo, exerceu a sua actividade crítica quer no domínio da literatura, quer no das artes plásticas, defendendo sempre uma natural interdependência entre “forma” e “conteúdo” numa estética que, a seu ver, não deveria nunca seguir dogmatismos político-partidários. Enquanto pintor, usou os pseudónimos de Leandro Gil e José Alfredo Chaves e organizou, participando, inúmeras exposições colectivas, como as Exposições Gerais de Artes Plásticas, tendo realizado a sua primeira exposição individual, em Lisboa e no Porto, em 1989.

Poeta ligado ao grupo coimbrão d’O *Novo Cancioneiro*, destacou-se pelo carácter combativo da sua poesia e pelo seu optimismo quanto à evolução da sociedade e do homem. No domínio da ficção, manteve-se fiel à estética neo-realista, procurando todavia um lugar próprio dentro dessa corrente. Das suas obras mais significativas, destacam-se, na poesia, *As Solicitações e Emboscadas* (1945), *Riso Dissonante* (1950), *Memória de um Pintor Desconhecido* (1965), *Le Feu Qui Dort* (1967) e *Terceira Idade* (1982, Prémio do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários) e, na ficção, o livro de contos *O Dia Cinzento* (1944), uma das suas mais reconhecidas obras literárias, e os romances *Não Há Morte Nem Principio* (1969), *Monólogo a Duas Vozes* (1986) e *A Morte É Para Os Outros* (1988). No domínio do ensaio, escreveu, entre outros, *Ficha 14* (1944), *Vincent Van Gogh* (1947), *Encontros em Paris* (1951, entrevistas com vários pintores e artistas), *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea* (1958) e *A Paleta e o Mundo* (1956-1962).

Viria a falecer em Lisboa a 17 de Novembro de 1993.

1.2 A revista *Vértice* e o Neo-Realismo

Inegável estandarte de um movimento político-literário de forte cariz social e combativo, e pano de fundo de grande parte desta correspondência, a revista *Vértice*, suplemento literário e cultural coimbrão dos anos 40, merece aqui uma nota especial para uma melhor compreensão e contextualização desta epistolografia e da sua

relação com o Neo-Realismo. Para traçar a sua história, foi de grande importância o trabalho de Viviane Ramond, *A Revista Vértice e o Neo-Realismo Português*, que nos forneceu dados essenciais para este sub-capítulo.

Corrente artística surgida em Portugal no final da década de 30 do século passado, com expressão sobretudo na literatura, mas também nas artes plásticas e no cinema, o movimento neo-realista veio abraçar, na sua génese, os princípios do Realismo oitocentista, no que este tem de análise pormenorizada e exaustiva, relidos por uma perspectiva teórica marxista e pelo chamado Realismo Socialista, estética oficial do comunismo. A par da alternativa *Socialismo Marxista-Leninista*, com a designação eufemística de *Novo Humanismo* ou *Neo-Humanismo*, surge nesta altura igualmente a designação *Neo-Realismo*, termo cunhado por Joaquim Namorado – que, em Dezembro de 1938, o utiliza pela primeira vez num artigo assinado no semanário *O Diabo* –, inventado para contornar a actividade censória. Partindo da premissa de Marx acerca do papel de militância e do compromisso do artista enquanto espelho da realidade humana, económica e social – não abandonando o seu lado subjectivo, mas dando claramente ênfase ao aspecto social/universal do indivíduo –, em oposição ao artista que cria e actua passivamente face ao mundo, o Neo-Realismo surge tendo como principais vectores ideológicos a dinâmica político-económico-social da luta de classes, a defesa da justiça e dos valores humanos, das classes exploradas e desfavorecidas, mormente o operariado e os camponeses, numa clara oposição à ideia e ao culto da arte pela arte.

Influenciado pela doutrina de autores soviéticos como Gorki ou Sholokhov, mas também franceses (Malraux, Aragon, etc.) e brasileiros (Jorge Amado, Graciliano Ramos, Lins do Rego, entre outros¹), este movimento, que em bom rigor encontra já os seus primeiros ecos num Ferreira de Castro do início dos anos 30 (a sua *Selva* data de 1930), inicia-se entre nós, como foi já dito, na transição da década de 30 para a de 40, representando, de certo modo, as obras *Ilusão na Morte* (1938), de Afonso Ribeiro, *Sinfonia da Guerra* (1939), de António Ramos de Almeida, ou, logo depois, *Gaibéus* (1939), de Alves Redol, *Rosa dos Ventos* (1940), de Manuel da Fonseca, e *Esteiros* (1941), de Soeiro Pereira Gomes, um importante marco balizante desta primeira leva.

¹ Cf. Carta III.

No entanto, será o chamado grupo d'*O Novo Cancioneiro*, colecção poética da cidade de Coimbra, quem, ainda no mesmo ano de 1941, virá a catapultar este movimento. Constituído por Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado, João José Cochofel, Mário Dionísio, Francisco José Tenreiro, Sidónio Muralha, Álvaro Feijó e Políbio Gomes dos Santos, a grande parte destes autores se atribui a responsabilidade do sucesso que virá a tornar-se *Vértice*.

Depois da extinção de alguns dos periódicos que mais contribuíram, ideológica e politicamente, para o impulso e afirmação do Neo-Realismo, como *Liberdade* (Lisboa, 1928 - 1935), *Gleba* (Lisboa, 1934-1935), *O Diabo* (Lisboa, 1934 – 1940), *Sol Nascente* (Porto, 1937 – 1940) e *Altitude* (Lisboa, 1939), nos quais Mário Dionísio chegou a colaborar, e até mesmo *Seara Nova* (Lisboa, 1921 – 1978), surge na *Lusa Atenas*, em 1942, pela mão de Raúl Gomes, a revista *Vértice*. Na altura a frequentar o curso de Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra, o jovem estudante decide pôr em prática uma ideia que há muito o entusiasmava. A enorme vontade de criar um suplemento cultural que, à semelhança dos anteriores, pudesse servir de contestação ao regime salazarista e contribuir para essa consciencialização leva-o a procurar parceiros para esta sua aventura editorial que, contudo, por motivos sobretudo financeiros mas também de redacção, acaba por não dar grandes resultados, tendo sido publicados apenas três números. É, no entanto, em 1944, pouco antes da publicação do terceiro e último número da primeira série de *Vértice*, que a entrada em cena de Eduardo Lourenço será um marco decisivo no futuro da revista. Seu colega de curso na universidade, será Lourenço que, com a sua generosidade e confiança, irá salvar a revista, garantindo a sua continuação ao disponibilizar os dois mil escudos necessários para cobrir gastos de serviços tipográficos. Raúl Gomes, Eduardo Lourenço e Mário Nunes Costa, que entretanto se juntara também à direcção, tornam-se assim os membros fundadores da *Vértice*, com a ajuda do montante cedido por Lourenço. Com a saída de Mário Nunes Costa da direcção, e não podendo a revista ficar mais de um ano e meio sem publicar, correndo o risco de ser extinta pelas entidades censórias, Lourenço convida Carlos de Oliveira, também colega na universidade, que aceitará a proposta para ser director.

Com a entrada de Carlos de Oliveira não tardou que a colaboração do grupo neo-realista na *Vértice* se cumprisse. Já conhecido do movimento estudantil e literário coimbrão, o grupo de Oliveira, formado por João José Cochofel, Arquimedes da Silva Santos, Egídio Namorado, Joaquim Namorado e Rui Feijó, a convite do autor de *Uma Abelha na Chuva*, rapidamente passará a integrar a redacção, dando-lhe uma orientação que ficará sendo, no essencial, a sua. Serão os dois últimos, Namorado e Feijó, que irão pagar a Eduardo Lourenço os dois mil escudos que havia disponibilizado para evitar o seu encerramento, decisão tomada de má vontade por Lourenço e Gomes por representar esta inevitavelmente a forma de uma venda ou passagem de testemunho, o que comprometerá definitivamente o futuro da revista. É então que, em Fevereiro de 1945, em plena Segunda Guerra Mundial, sai o quarto número da revista, que, apesar de manter a mesma capa e o nome de Raúl Gomes como proprietário e director, tem um novo número (“Fascículo 1 – N.os 4 a 7”, que corresponde ao desdobramento em quatro das 16 páginas/número do formato original legalmente imposto) e, para os mais atentos, nova morada, a de casa da família Cochofel, uma das mais respeitáveis e abastadas famílias de Coimbra. Trata-se de ligeiras mudanças que, calculadas para enganar a censura, constituem assim uma garantia moral para este grupo de intelectuais. Este número conta com as assinaturas de Carlos de Oliveira, Teixeira de Sousa, Joaquim Namorado, Manuel Campos Lima, Arquimedes da Silva Santos, Rui Feijó, Eduardo Reis (pseudónimo de Fernando Pinto Loureiro), Saul Fernandes, Mário Dionísio, Mário Ramos e Eduardo Lourenço.

Sobre o início da sua colaboração na *Vértice*, assídua e particularmente intensa entre 1949 e 1952, conta-nos Mário Dionísio num depoimento de *A Revista Vértice e o Neo-Realismo Português*:

O grupo era o meu grupo. E no grupo havia um indivíduo que era Joaquim Namorado. Ora era natural que, uma vez que ele colaborava lá, eu colaborasse lá. Lembro-me que ele me tinha pedido um artigo a correr porque era preciso fazer o número. O artigo era *A Paleta e o Mundo*². (Ramond, 2008: 50)

² DIONÍSIO, Mário (1956-1962). *A Paleta e o Mundo*. Lisboa: Publicações Europa-América (vols. I e II): ensaio sobre pintura e arte no geral, inicialmente publicado em fascículos na *Vértice*. A obra viria a receber, em 1963, o Grande Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Escritores.

É este grupo que, efectivamente, como confirma Arquimedes da Silva Santos num depoimento citado na mesma obra, “tomou conta da revista, sobretudo dos três primeiros números, porque são os três primeiros números que costumo dizer do período heróico da *Vértice*, [...] exactamente nos finais da guerra” (Ramond, 2008: 52). Começava assim a ganhar forma esta *revista de cultura e arte* que, a partir do número seguinte, passa a ser mensal, mantendo o formato de quatro números num só fascículo, mas alargando as suas rubricas. É assim que, entre literatura, artes plásticas, ciência, psicologia e pedagogia, crítica literária, história, desporto, música, teatro e cinema, entre outros temas, se vai engrossando a lista de colaboradores – maioritariamente da esfera do grupo neo-realista ou politicamente afectos, mas não só –, juntando-se à redacção nomes tão díspares como os de Fernando Namora, Alves Redol, Miguel Torga, Mário Sacramento, Fernando Lopes-Graça, Álvaro Cunhal, José Gomes Ferreira ou José Rodrigues Miguéis, Adolfo Casais Monteiro, Aquilino Ribeiro, Joel Serrão, Vitorino Magalhães Godinho e, entre tantos outros, Vergílio Ferreira, que assina o seu primeiro artigo para a revista em 1945, mantendo a sua colaboração até 1959.

À distância de mais de sessenta anos, no seu prefácio à obra acima referida, Eduardo Lourenço – que, cada vez mais à margem, acabaria por abandonar a revista em 1947, não só por não partilhar os mesmos pontos de vista e engajamento políticos do grupo, mas também porque é convidado para assistente de Filosofia na Universidade de Coimbra – faz um balanço do percurso e das mudanças ocorridas na revista que, surgida em 1942, na verdade nada tem, cultural e ideologicamente, a ver com a *Vértice* que a sucede e que se tornará, a partir de 1945, “[...] expressão de uma geração que através dela descobria o mundo, a sociedade, a história e tomava posição em face deles” (Ramond, 2008: 11):

Isso só o foi a revista *Vértice* enquanto eco do que ficará conhecido sob o nome de “neo-realismo”, sobretudo na faceta literária de uma ideologia então em fase de sistematização entre nós, mas igualmente de discussão ou envolvimento pública. Todavia, essa vinculação da revista à defesa ou, pelo menos, ao acompanhamento da emergência desse “neo-realismo” numa época em que a

ideologia implícita ou explícita que lhe servia de referência era da ordem da alusão ou do subentendido bastou para converter *Vértice*, sem que isso fosse claro ainda para os seus próprios responsáveis e colaboradores, numa revista de um “tipo novo”. Ou melhor, de uma função nova, real e virtualmente militante, também num sentido novo que o seu futuro sem cessar precisaria, com eco e aceitação num círculo que tinha pouco a ver com as clássicas revistas de “cultura e arte” e ainda menos com aquelas que devem a sua aura ao fascínio literário que exerceram, como foi o caso de *Orfeu* num passado não muito longínquo e de *Presença* num passado recente. (Ramond, 2008: 11-12)

No mesmo prefácio, Lourenço alerta no entanto para o facto de que, ao contrário do que facilmente se poderia supor, *Vértice* não é “um estereótipo maniqueísta de carácter cultural ou ideológico, como o leitor de hoje – e mesmo o de ontem –, prevenido pela legenda de um “militantismo” puro e duro, poderia imaginar” (Ramond, 2008: 14), acrescentando que, para esse mesmo leitor que esperaria encontrar uma revista organicamente marxista, mesmo tendo em conta as limitações do tempo, “*Vértice* é uma revista bem comportada. *Sol Nascente* e, sobretudo, *O Diabo* tinham sido, na sua época, muito mais iconoclastas e, digamos, audaciosas” (Ramond, 2008: 14), razão justificada talvez dada a sua colaboração editorial tão rica e eclética. Não obstante, não podemos esquecer o quão importante esta revista se revelou enquanto palco de (grandes) polémicas internas em torno do mesmo marxismo ou das suas repercussões na ordem estética protagonizadas por colaboradores e responsáveis da revista e pelos mais conhecidos marxistas, teóricos e críticos literários, como a de 1954, que ficará para sempre marcada na história da mesma. É neste ano que, no seio da *Vértice*, estala uma enorme polémica sobre o Neo-Realismo, colocando, de um lado, elementos do PCP (como António José Saraiva, Óscar Lopes e António Vale/Álvaro Cunhal) e, do outro, os que consideravam que a militância dos artistas se fazia sobretudo no campo cultural e que se tinham afastado do partido (como Fernando Lopes-Graça, Carlos de Oliveira, João José Cochofel e Mário Dionísio)³. Segundo nos diz Eduarda Dionísio, o seu pai tinha saído de militante do PCP em 1952, tendo o partido dito que ele havia sido expulso e orquestrando uma campanha contra

³ Cf. Carta XI e seguintes.

si. Sobre este assunto, podemos ter uma ideia um pouco mais apurada em *Batalha Pelo Conteúdo: Movimento Neo-Realista Português: Exposição Documental*:

A chamada polémica interna do neo-realismo não é legível fora deste contexto. Perante ofensivas múltiplas – exteriores, quanto a orientações artísticas, mas oriundas não só, genericamente, do campo democrático mas especificamente de algumas tendências que se reclamavam do marxismo ou que tinham derivado do próprio PCP –, as polaridades radicalizam-se, as posições extremam-se e a “dualidade” singular” neo-realista implode. A violenta polémica decorre nas páginas da revista *Vértice*. Para além de todos os aspectos circunstanciais, opõe uma concepção da *arte como reflexo* (António José Saraiva e “António Vale”/Álvaro Cunhal e uma concepção de *arte como conhecimento* (Mário Dionísio, João José Cochofel, Fernando Lopes-Graça). A oposição situa-se no plano artístico e num primeiro momento lê-se como interpretações diferentes de um mesmo corpus doutrinário, leituras divergentes do materialismo histórico. (Pita e Santos, 2007: 41)

Mas não só os teóricos mais acérrimos do Neo-Realismo serão atacados nestas páginas. Também Vergílio Ferreira se verá envolvido uns anos antes, em 1952, numa acesa polémica com Adolfo Casais Monteiro a propósito de um artigo sobre Fernando Pessoa intitulado *Carta a Álvaro Sampaio*⁴. São estes e outros temas, relativos todos eles à colaboração destes dois autores na revista, que ocupam muitas das páginas desta correspondência, sendo inúmeras as referências a vários dos colaboradores acima referidos, bem como a artigos e situações internas à própria redacção editorial.

Vértice, que, dado o seu elenco de colaboradores de luxo, se revela naturalmente um sucesso entre os circuitos intelectuais anti-regime, manterá ininterruptamente uma primeira série de publicações até 1986, sendo dois anos depois comprada pela Editorial Caminho, que, a partir de 1988, a retoma numa segunda série que será publicada até 2009.

⁴ Cf. Carta XXVII.

1.3 Contextualização e (breve) análise da correspondência

O conjunto total da correspondência trocada entre Vergílio Ferreira e Mário Dionísio entre 1945 e 1974 encontra-se até ao momento inédito. Fruto de um riquíssimo diálogo de quase trinta anos entre os dois autores, as quarenta e cinco cartas (algumas postais) que aqui se apresentam, escritas entre 1950 e 1967, são apenas uma de duas partes dessa mesma correspondência. Por impossibilidade de consulta do espólio de Vergílio Ferreira na Biblioteca Nacional, uma vez que a mesma não foi autorizada pelos herdeiros do autor, a epistolografia que aqui se apresenta, e que compreende apenas um período de dezassete anos, corresponde deste modo apenas ao material que constitui o espólio de Mário Dionísio.

À data inicial desta correspondência, 1945, ambos os autores eram participantes activos do Neo-Realismo, movimento político-literário então em toda a sua pujança. Há que lembrar, a propósito, o contexto em que esta se desenrola. Escrita toda ela no período ditatorial do Estado Novo, sob o risco sempre iminente da censura, esta era muitas vezes vigiada, pelo que se sugeria muita coisa que não se escrevia explicitamente, sobretudo quando os assuntos eram de teor político (referências ao PCP, por exemplo). A viver em Lisboa, Mário Dionísio, que publicara no ano anterior *O Dia Cinzento*⁵, inicia neste ano a sua colaboração na *Vértice*, assinando artigos sobre pintura e fazendo crítica literária. É também neste ano, 1945, que se torna militante do Partido Comunista Português (PCP), do qual sairá em 1952, e publica o livro de poemas *As Solicitações e Emboscadas*⁶. Vergílio Ferreira, a leccionar no Liceu de Évora – cidade onde permanecerá como professor até 1959, quando se muda definitivamente para Lisboa –, inicia também neste ano, 1945, a sua colaboração na referida revista, assinando pequenos contos e artigos sobre literatura contemporânea e arte, participando, ainda que à distância, da riquíssima actividade interna da redacção, contexto que lhe permitirá estreitar laços não só com Mário Dionísio, mas também com outros neo-realistas e intelectuais satélites do movimento. Um ano antes havia

⁵ DIONÍSIO, Mário (1944). *O Dia Cinzento*. Coimbra: Coimbra Editora.

⁶ DIONÍSIO, Mário (1945). *As Solicitações e Emboscadas*. Coimbra: Ed. Autor.

publicado o romance *Onde Tudo Foi Morrendo*⁷ e ultima agora o seu próximo livro, *Vagão J*⁸, publicado em 1946.

Cinco anos volvidos e chegamos a 1950, ano da primeira carta da correspondência que serve de base à presente edição (esta primeira carta, de Ferreira para Dionísio, data de 16 de Julho de 1950, dia em que o último comemorava 34 anos) e período em que vamos encontrar um claro indício de transformação no pensamento e na obra de Vergílio Ferreira. Com efeito, *Mudança*⁹, romance publicado um ano antes e cujo título não parece deixar quaisquer margens para dúvidas quanto às suas pretensões, representa um inquestionável ponto de viragem na obra do autor, que com este começa a afirmar o seu tom existencialista, característico de toda a sua obra posterior, e a afastar-se progressivamente da estética dentro da qual se estreara.

Os dezassete anos que se seguem, e que constituem o núcleo desta correspondência, abarcam múltiplos temas e situações. Da primeira à última carta, com um olhar sempre crítico e atento, característica de que rapidamente nos apercebemos, recíprocas críticas, apontamentos, sugestões, notas de apreço às obras e artigos (não só os publicados na *Vértice*) atravessam todo este diálogo epistolar. São bastantes, aliás, as obras de Ferreira oferecidas, com dedicatória, a Dionísio e que constam da sua biblioteca e arquivo pessoal na Casa da Achada – Centro Mário Dionísio (agora abertos ao público)¹⁰. Para além dos seus trabalhos, constam desta biblioteca também outras obras onde Ferreira participa, nomeadamente antologias de ficção e contos portugueses, textos para exposições de arte (Exposição *Prisma 73*) ou sobre artistas plásticos (Júlio Resende), o livro *Sobre o Rosto da Terra*, de António Ramos Rosa, com posfácio por si assinado, textos teóricos do Neo-Realismo e compêndios didácticos/leituras para o ensino liceal.

Mas não só de literatura é feita esta correspondência. Também a arte, a estética e a filosofia ocupam as páginas destas cartas, sendo inúmeras as referências a artistas plásticos, a obras de arte e a ensaios de pensadores e teóricos. Uma das questões mais sublinhadas por Vergílio Ferreira é, aliás, a propósito da escrita e da

⁷ FERREIRA, Vergílio (1944). *Onde Tudo Foi Morrendo*. Coimbra: Coimbra Editora.

⁸ FERREIRA, Vergílio (1946). *Vagão J*. Coimbra: Coimbra Editora.

⁹ FERREIRA, Vergílio (1949). *Mudança*. Lisboa: Portugalíia.

¹⁰ Cf. Lista de dedicatórias, no final.

particular relação que tem com ela, a da posição do intelectual e do artista – do seu papel e dever – na sociedade de então. Este escritor, que confessou, em *Invocação ao Meu Corpo*¹¹, trazer em si “a força monstruosa de interrogar”, tece-nos aqui, do início ao fim da correspondência, a prova clara desta tremenda necessidade de tudo questionar e deste olhar extremamente exigente e crítico relativamente ao mundo e ao seu próprio trabalho artístico, de que são testemunhas estas passagens da Carta III, de 1951: “Você pergunta-me onde irei eu parar neste vício de interrogação. Se eu estiver convencido de que interrogar não é justo, o mais longe que irei parar é no silêncio”, justificando, “[...] porque reflectir é estar de fora, voltado para aquilo sobre que se reflecte. E agir [...] é ter pensado e estar sentindo. Agir é ver o mundo de dentro para fora; pensar é vê-lo de fora para dentro”. Mostrava-se já aqui evidente o cada vez maior interesse do autor pelas questões da corrente existencialista, como tão bem vem confirmar, quarenta anos depois, a seguinte passagem do seu *Espaço do Invisível* 2:

[...] entrei no neo-realismo, ou seja, na arte “social”, como quem entra em convento, ou seja, pela abdicação. Recordo o meu primeiro livro e, por entre o seu aflitivo infantilismo, eu reconheço que o que me preocupava era *outra coisa*. A parte final desse livro é justamente a profissão da renúncia a essa outra coisa. Mas todos nós, afinal, renunciámos. Excepto os que fingiam, para se fingirem em virtude, abdicando do que simplesmente não tinham, nesta arte “comprometida” com as questões sócio-económicas, nós esquecíamos frequentemente que comprometíamos a própria arte. Comprometidos com os temas, esquecíamos-nos de comprometer-nos com o que os tornava válidos. (Ferreira, 1991: 12-13)

Há-de ser precisamente esta “fuga” para o Existencialismo, corrente filosófica centrada sobretudo no aspecto subjectivo e individual do homem e bem menos no seu aspecto social e colectivo, que levará o autor a abandonar de vez o Neo-Realismo e a entrar cada vez mais em desacordo com a mesma doutrina e, consequentemente, com certos pontos de vista de Dionísio, sempre fiel a esta. Este último, numa carta escrita

¹¹ FERREIRA, Vergílio (1969). *Invocação ao Meu Corpo*. Lisboa: Portugalíia.

em Dezembro de 1957 (Carta XXXI), dá aliás conta disso, deixando claro que essa divergência ideológica cada vez maior se fazia já notar, longe dos tempos em que, em Galamares, nas férias de Verão e noutras temporadas¹², Ferreira e Dionísio frequentemente se encontravam para longas horas de discussão e troca de ideias:

Este prazer não foi, aliás, senão a continuação do que sempre me deram as nossas conversas de Galamares. Os seus problemas, as suas perguntas, as suas dúvidas e propostas não são uma novidade para quem tem acompanhado a sua evolução, em livros e artigos, ou, mais acaloradamente, em conversas de férias. Mas, *escrito*, todo o mundo se renova. É aí – na elaboração e reelaboração escrita – que ele atinge afinal (para aqueles que têm esta qualidade ou este defeito, esta propriedade, de encontrarem nela o fim e o meio de tudo) a sua significação e intensidade mais profundas. Ler este seu livro [*Do Mundo Original*¹³] (relê-lo, em muitos casos) é recomeçar interminavelmente o nosso diálogo (o meu diálogo consigo, o meu diálogo comigo mesmo). Onde, sem dúvida alguma, em muitos momentos – como sabe – o acompanho. Onde também – e como você também sabe – em muitos outros nos afastamos (cada vez mais? receio que sim, mas não saberia afirmá-lo, precavido como hoje estou para as tantas surpresas que, *felizmente*, se nos deparam nos outros e em nós). É possível os mesmos passos ou uma meditação semelhante sobre passos aparentemente semelhantes levarem a caminhos diferentes? A conclusões divergentes? É bem possível. Creio que é talvez o que se está a dar connosco.

Vergílio Ferreira viria a confirmar esse mesmo afastamento ideológico, de modo também bastante explícito, em carta trocada com Jorge de Sena em Novembro de 1964:

Devo dizer-lhe que prezo imenso a amizade e por isso a procuro salvar a todo o transe, quando os amigos se me furtam a correspondência total ou suficiente nos modos de pensar e sentir. Assim me tem sido possível, no meio das maiores

¹² Cf. *Postais Ilustrados I e II*.

¹³ FERREIRA, Vergílio (1957). *Do Mundo Original*. Coimbra: Textos Vértices.

quezílias e maroteiras, continuar uma velha amizade com o Mário Dionísio, cujos gostos e ideias e até tipo de cultura são totalmente diferentes. Assim acontece que tacitamente não abordamos tais zonas de discordância e passando em silêncio o que eu escrevo e o que ele escreve, podemos continuar em camaradagem que o sermos colegas de liceu necessariamente reforça. (Sena, 87: 117-118)

Com o seu progressivo afastamento da estética neo-realista, ainda que continue a colaborar na *Vértice* até 1959, também com grande parte destes autores – a que chamará mais tarde de geração “neo-realeira” (Ferreira, 1981: 25), num claro uso pejorativo do sufixo – Ferreira acabará gradualmente por romper o contacto, sobretudo por questões de divergência política. Numa passagem de *Conta Corrente 1*, escrita a 16 de Agosto de 1970 na casa de Fontanelas, referindo-se a alguns amigos que, pelas mais variadas razões, cada vez menos o visitam, diz-nos o autor: “Raramente o Rogério [de Freitas] vem aqui a casa. Raramente o Joel [Serrão] vai à minha casa de Lisboa. E o Namora. E o Dionísio, quando havia relações para isso” (Ferreira, 1980: 74). Nunca Vergílio Ferreira, verdadeiro adepto e teórico dessa liberdade individual, poderia caminhar ao lado destes autores que, comprometidos com uma inflexível militância teórico-política e estética, revelavam, a seu ver, ter horizontes mais curtos. São várias as acusações que faz, ao longo dos dois primeiros volumes do seu diário *Conta Corrente*, das oportunidades editoriais e literárias (convites, destaques à sua obra, críticas, etc.) que se lhe revelam falhadas por não ser um desses “escritores militantes” ou por não partilhar dessa esfera de militância comum. Claro que a política assume aqui um lugar de inquestionável pertinência: também ao longo destes dois volumes diarísticos são inúmeras as referências ao perigo que se afigura para Vergílio Ferreira a implantação no poder dessa esquerda mais radical – ou *extrema*, como lhe chama – após o 25 de Abril. Para finalizar este assunto, fazemos aqui referência a um artigo de que o autor dá conta no 2.º volume deste mesmo diário (Ferreira, 1981: 283). Trata-se de um texto que terá circulado anonimamente em 1965, “na altura da grande polémica neo-realista”, lê-se, e de que estranhamente nunca ninguém ouvira falar. Nele é pedido a vários autores ligados directa ou indirectamente ao movimento que o descrevam em poucas palavras. Um

deles é o próprio Vergílio Ferreira, que não hesita em dizer que «[O Neo-Realismo] é a história da Maria tuberculosa que foi enganada pelo patrão». A ligeireza e o tom jocoso do comentário do autor de *Aparição* opõem-se drasticamente à seriedade do comentário de Mário Dionísio, que terá afirmado que: «o Neo-Realismo é a literatura séria, pedagogicamente séria, feita por gente séria, para gente séria, e em série». Longe estava ainda de se concretizar o sonho da revolução e já Ferreira deixava claro entre os seus ex-companheiros o quão já pouco ou nada esta estética lhe dizia.

Esta correspondência – da qual, há que relembrar, aqui se edita apenas uma de duas partes, que compreende o período de 1950-1967 – viria a terminar em 1974, ano do golpe de estado militar que vem derrubar quarenta e oito anos de regime ditatorial no país. Apesar desta tão longa e importante troca de cartas, que inicialmente em nada previa tal fim, não podemos ignorar que os dois escritores viriam pouco antes desta data a cortar relações no Liceu Camões, onde ambos eram professores e onde os ecos revolucionários se faziam sentir em enorme escala. Apesar de Eduarda Dionísio, que começa também a leccionar no mesmo liceu em 1969, nos confirmar que este corte se prende concretamente com questões relativas ao funcionamento interno da escola – nomeadamente divergências de ordem pedagógica –, duas passagens do acima referido diário de Vergílio Ferreira, datadas de 1978, em tudo indicam que também motivos políticos terão contribuído para este desenlace:

O ambiente no liceu está sufocante. Uma intriga de saias com o patriarca A a supervisionar-me torna-me a vida difícil. [...] Mas que ordinário aquele A. Ficou-lhe o jeito pidesco de quando estive na Comissão de Saneamento¹⁴. (Ferreira, 1981: 172)

O que levará o autor, ainda no mesmo ano de 1978, a equacionar abandonar o Liceu Camões, confessando a um colega professor que “saía daquele liceu como outros

¹⁴ Mário Dionísio foi membro da Comissão de Saneamento do Ministério da Educação entre 1974 e 1975. Após o 25 de Abril, o Liceu Camões sofreu uma enorme reestruturação a nível da comissão directiva e, consequentemente, das suas políticas internas. Depois da saída do Reitor Sérvulo Correia, o novo grupo da direcção, presidido por Mário Dionísio e constituído por uma série de professoras – entre elas Eduarda Dionísio, Margarida Sérvulo Correia, Maria Cândida Rosa, Margarida Lélias, entre tantos outros –, seria alvo de várias críticas de Vergílio Ferreira, que, numa passagem de *Conta Corrente I* de 1976, não hesita em chamar-lhe “um grupelho de fradiqueiras” que, segundo ele, havia tomado conta do liceu.

tentam fugir dos países de Leste” (Ferreira, 1981: 174), tamanha era a perseguição que dizia sofrer na pele.

Como sempre acontece, naturalmente os diferentes prismas alteram a percepção dos factos e a sua clareza. Não sendo, contudo, nosso propósito neste trabalho chegar a um consenso ou um apuramento da verdadeira razão que terá levado os dois escritores a cortar relações, não podemos deixar de referir que, talvez, se nos houvesse sido facultada a autorização para confrontar esta correspondência com os restantes materiais do espólio de Vergílio Ferreira na Biblioteca Nacional, uma explicação mais apurada poderia ser formulada.

2. QUESTÕES EDITORIAIS

2.1 Importância do trabalho e o seu interesse editorial

Sendo os dois correspondentes duas indiscutíveis figuras de peso do panorama literário e cultural português do séc. XX, estas cartas constituem não só um contributo para a compreensão de uma época, de um país, de uma mentalidade, mas também um retrato e um exemplo do meio literário em Portugal e das suas particularidades, ajudando a esclarecer o panorama das redes de comunicação mantidas, num período politicamente conturbado, entre escritores e intelectuais de costas viradas para o regime vigente. São, para além de tudo isto, um pequeno mas importante testemunho, pela voz dos próprios, das personalidades de Mário Dionísio e de Vergílio Ferreira e a prova da eterna necessidade de ambos de (se) interrogar, de expor as suas inquietações e permanentes questões sobre o estado da arte, a filosofia, a estética, o ser humano, etc., questões essas que, do início ao fim, estão sempre presentes nesta correspondência.

Por outro lado, as reflexões dos autores, sobretudo deste último, sobre o próprio acto de escrita e dos seus vestígios possuem também um inegável interesse para aqueles que queiram reconstituir o percurso destes intelectuais com base na própria

materialidade dos seus processos comunicativos. Com efeito, não só a obra de Vergílio Ferreira está polvilhada de referências à epistolografia, como também questões desta ordem tiveram eco nas suas obras sob a forma de uma reflexão sobre o que é *escrever*, verbo que serviu aliás de título à obra de onde se retirou o texto que serve de epígrafe a esta edição. Pretende também este trabalho contribuir, simultaneamente, para os estudos dionisinos e vergilianos, enriquecendo a faceta epistolar dos dois autores, ambos com um enorme acervo de correspondência ainda por trabalhar. No caso de Dionísio, há que referir o incansável esforço e dedicação empregues para a preservação da memória e obra do autor, e de tantos outros a ele associados, por parte de toda a equipa que constitui o projecto cultural Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, aberta ao público desde Setembro de 2009¹⁵; no de Ferreira, o não menos louvável esforço da equipa que, desde a sua morte, reúne uma panóplia de investigadores que, sob a orientação do Prof. Doutor Helder Godinho, tem vindo a publicar não só textos inéditos, mas também éditos numa perspectiva crítico-genética¹⁶. No que a este último autor diz respeito, estamos em crer que também para o estudo da fase final neo-realista, ou dos seus resquícios, na sua obra – menos estudada, por certo – este trabalho se revelará pertinente, permitindo-nos assim compreender melhor este período inaugural.

2.2 Descrição do espólio, estado do texto e direitos de autor

O começo deste trabalho de edição da correspondência entre Vergílio Ferreira e Mário Dionísio proporcionou-se graças ao contacto tido com o espólio deste último, cujos direitos de autor estão na posse da família, mais concretamente na pessoa de Eduarda Dionísio, que cedo se disponibilizou a facultar as digitalizações de todo o material relativo à mesma. Há que referir a este propósito que o projecto da Casa da Achada – Centro Mário Dionísio já estava à data em fase de arranque e que o interesse da família em ver reavivada a memória do autor era enorme e, como tal, motivo de

¹⁵ <http://www.centromariodionisio.org>

¹⁶ <http://purl.pt/13858/1/geneses/1/1-texto-vergilio-ferreira.html>

satisfação. Deste epistolário, uma de várias secções do espólio geral, constam 11 cartas de Mário Dionísio para Vergílio Ferreira, todas dactilografadas e escritas em Lisboa (na casa da Avenida Elias Garcia, 176, onde a família Dionísio sempre morou) entre Setembro de 1953 e Dezembro de 1957 (mais do que rascunhos, são duplicados, cópia a papel químico de cartas escritas numa máquina de escrever modelo Hermes Baby) e 34 documentos (26 cartas, 5 postais e 3 postais ilustrados) de Vergílio Ferreira para Mário Dionísio, maioritariamente manuscritos, mas também dactilografados (6), escritos entre 1950 e 1967 sobretudo em Évora (no n.º 28 da Rua da Mesquita, casa onde sempre viveu durante os seus catorze anos de docência na cidade alentejana), mas também em Melo, sua terra natal, Fontanelas (local onde a família Ferreira costumava passar férias), Paris, Madeira e São Martinho do Porto, perfazendo um total de 45 documentos. Tanto as cartas de Mário Dionísio como as de Vergílio Ferreira, ambas em grande parte com recto e verso, têm como suporte folhas de papel de máquina de escrever em formato A4 (por vezes um pouco maior por não ser normalizado), amarelecidas pelo tempo mas íntegras e em bom estado de conservação, o que não afecta a sua leitura. No caso das cartas do primeiro, há ausência de assinatura precisamente por se tratar de cópias do original. Quanto aos postais de Vergílio Ferreira para Mário Dionísio, os que não são ilustrados são postais de correio normais à época, com a chancela dos CTT, selo e os respectivos campos com o nome e endereço do remetente e destinatário, na frente, e o texto, no verso. Os três postais ilustrados (Setembro de 1954, Agosto de 1956 e Dezembro de 1967) são *souvenirs* de alguns desses sítios onde a família Ferreira passou férias. Estes 45 documentos são apenas uma ínfima parte de uma já referida secção maior, o epistolário, composta por 7 dossiers organizados e inventariados de onde constam cerca de 325 cartas e postais de Mário Dionísio (cópias) e cerca de 1530 cartas e postais para Mário Dionísio, num conjunto total de cerca de 1855 documentos. Noutras secções do espólio geral é ainda possível encontrar mais correspondência (cerca de 20 cartas, quase todas cópias, algumas fotocópias), de terceiros, relacionada sobretudo com polémicas na *Vértice* e na *Seara Nova*.

A epistolografia de Vergílio Ferreira merece aqui uma nota relativamente a uma questão de enorme pertinência: a sua caligrafia e a repercussão que esta tem no

seu registo epistolar. Longe de ser nosso propósito fazer uma análise grafológica da personalidade deste escritor, sendo a maior parte das cartas que aqui se publicam manuscritas, este assunto merece, no entanto, da nossa parte um pequeno apontamento. Logo nas primeiras páginas da correspondência entre Jorge de Sena e Vergílio Ferreira podemos ler estas espirituosas palavras do autor de *Sinais de Fogo* dirigidas ao seu interlocutor: “Tem uma letra tão miudinha, tão miudinha, tão miudinha que as suas cartas do futuro cabem numa estampilha de correio” (Sena, 1987: 10). Não terá sido por acaso que a passagem referida foi escolhida por Mécia de Sena, responsável, juntamente com Vergílio Ferreira (que assina a introdução e as notas ao texto), pela organização desta correspondência, para sua epígrafe. Os estudiosos, correspondentes e outros leitores de manuscritos de Ferreira hão-de lê-la certamente com um sorriso no rosto, pois sabem bem o esforço árduo, mas tão prazerosamente desafiante, que é, muitas das vezes, decifrar a letra deste autor. Na introdução de *Diário Inédito: 1944 – 1949*, Fernanda Irene Fonseca refere um comentário que Ferreira terá feito mais tarde relativamente ao mesmo: “São trinta e tal folhas na minha letra já então somítica” (Ferreira, 2008: 10). Também Mário Dionísio, na sua primeira carta desta correspondência (Carta IX), se queixa ao seu interlocutor do esforço que tem de realizar “para compreender a sua caligrafia, cada vez mais minúscula e arisca...”, pedindo-lhe que envie as suas cartas dactiloescritas. Consequência, talvez, de uma escrita pejada de interrogação, de avanços e recuos, de retoma de temas, mas também de hesitações no que há a escrever – como parecem provar as constantes rasuras e emendas da maioria dos manuscritos que constituem o seu espólio na Biblioteca Nacional, mas também estas cartas –, a razão desta caligrafia tão singular talvez encontre fundamento no seguinte comentário do próprio autor:

Acusam-me com frequência de ser falto de “clareza”. O Eduardo Lourenço disse-me que mostrou a letra de uma carta minha a um francês e ele lhe disse que eu devia ser “muito complicado”. É que, quando me vem uma ideia, acode-me logo do outro lado uma restrição, um alargamento, uma objecção. E eu quero passar com ela através disso tudo. Mas as ideias claras são as que cortam a direito. Elas só se tornam obscuras quando acaba o deslumbramento. Mas terão então já

cumprido a sua missão. Além de que não há ideia clara sem a obscuridade do que levou à sua escolha. (Ferreira, 1981: 273)

Vergílio Ferreira confirma-no-lo antes, nesta mesma correspondência, em carta dirigida a Mário Dionísio (Carta XXII): “Já o ter de picotá-la à máquina [uma nova questão que me surge], segundo o seu desejo para a minha prosa, é um problema sério, uma vez que as ideias, batidas a tecla, me saem encaroçadas, travadas de nós em toda a parte”. Apesar de aceder ao pedido do seu interlocutor redigindo seis cartas dactiloescritas, rapidamente Ferreira abandonará a máquina de escrever para regressar à escrita manual. Essa escrita em bruto, porque sincera, imediata, vital, talvez explique também, em parte, a desproporção no número de cartas desta correspondência (34 de Vergílio Ferreira para apenas 11 de Mário Dionísio). À parte o facto, mais que óbvio, de não termos acesso às cartas de Mário Dionísio presentes no espólio de Vergílio Ferreira – e muito agradecidos estamos desde já ao escritor por estas cópias dactiloescritas que nos deixou –, também essa “urgência” do autor de *Aparição*, tão centrado nas questões subjectivas e existenciais, em escrever e dialogar contribuirá para este desacerto numérico. Enquanto Ferreira parece ser muito mais impulsivo quanto à epistolografia – é certo que o facto de estar longe (em Évora), como refere, aguça em grande parte a necessidade de uma maior comunicação –, Dionísio é mais moderado. A prova disso é que, enquanto o primeiro chega a escrever cartas com um período de intervalo de dois ou três dias – há mesmo um dia, 27 de Setembro de 1951, em que, para além de uma carta, escreve também um cartão com uma breve nota –, o segundo responde a algumas delas no final de cada mês, como que fazendo um balanço final e pondo em dia todas as cartas às quais deve resposta (desculpando-se, aliás, frequentemente ao longo da correspondência por não ter tido antes tempo para responder por andar muito ocupado). No entanto, analisando com atenção esta correspondência, constatamos que o ano de 1955 é o período em que os dois interlocutores mais parecem estar em sintonia, registando uma maior troca de correspondência entre ambos, num total de 16 cartas escritas ininterruptamente entre Fevereiro e Setembro.

Retomando o tema da descrição dos materiais, relativamente ao espólio de Vergílio Ferreira – doado pela viúva, Regina Kasprzykowski, à Biblioteca Nacional após a sua morte –, mesmo não tendo sido possível a sua consulta, sabemos, através de informação disponibilizada pelo Prof. Doutor Helder Godinho, que contém 30 cartas de Mário Dionísio, escritas entre 1945 e 1974, e ainda 2 rascunhos de cartas de Vergílio Ferreira para Mário Dionísio, ambas escritas em Évora, de 1950 e 1957.

Inevitável será referir o quanto lamentamos não nos ter sido possível a consulta deste espólio e a enorme lacuna que isso representa para a proposta de edição da presente correspondência, que, deste modo, acaba inevitavelmente por se centrar mais na perspectiva de um dos correspondentes, Vergílio Ferreira, sobretudo por sabermos o quanto o autor investiu ao deixar para a posteridade um espólio tão (bem) trabalhado. Com toda a certeza afirmamos que um trabalho rigoroso, completo e exaustivo, que pudesse vir a clarificar verdadeiramente a relação entre estes dois intelectuais e as razões e o contexto do seu início e desfecho, só assim poderia ser feito.

2.3 Critérios de edição

É nossa intenção que este trabalho seja estruturalmente o mais próximo possível de uma versão final dessa proposta editorial arquetípica que, idealmente, num futuro próximo possa vir a conhecer a luz do dia, para interesse de certamente muitos leitores. Tratando-se de cartas privadas e não de textos escritos com intenção de publicação, os textos que aqui se dão a ler, ainda que fruto de uma escrita refinada, num registo um tanto ou quanto informal, e própria de dois mestres da palavra, apresentam alguns deslizes. Durante o acto de escrita, os autores cometeram alguns erros acidentais, dos quais alguns foram detectados imediatamente e corrigidos no momento (tanto dactilografica como manualmente), sempre que a correcção era fácil de fazer. Longe de ser uma edição crítica, no que esta tem de trabalho filológico e de critérios editoriais aplicados (aparato crítico, sinalética, etc.), esta proposta de edição,

anotada, pretende contudo dar a ler as cartas que constituem esta correspondência limpas de erros acidentais e de outros tipos de ruído, tendo-se procedido para o efeito aos seguintes critérios de edição na fixação do texto:

- Correção de erros ortográficos e sintáticos (no caso destes últimos, sobretudo inserção ou eliminação de vírgulas a separar o sujeito do predicado). Em ambos os casos, não será feita qualquer referência a estes quer nas notas de rodapé, quer no próprio texto;
- Desenvolvimento das abreviaturas utilizadas por ambos os correspondentes, a maioria de uso corrente, sendo mantidas apenas aquelas relativas a nomes próprios, assim voluntariamente escritos pelos autores;
- Aplicação de itálico a títulos de jornais, revistas e outros artigos que surjam entre aspas, bem como às unidades sintáticas e morfológicas sublinhadas;
- Apresentação das cartas por ordem cronológica e com a digitalização do documento original sempre a preceder a respectiva transcrição;
- Apresentação das datas e moradas do remetente e do destinatário, bem como da assinatura, a itálico. Nas cartas cujas datas e moradas são incertas, estas serão assinaladas com um ponto de interrogação dentro de parêntesis rectos [?];
- Indicação de mudança de página através de uma barra oblíqua [/] e
- Recurso à *crux desperationis* [†] em situações de total ilegibilidade da palavra.

Constituindo ambos os autores importantes elos na corrente de relações culturais e literárias dos intelectuais portugueses do século XX, as notas ao texto, em rodapé, reunirão informação de tipo cultural, histórico e literário que ajudará a esclarecer e contextualizar o leitor acerca de certos pormenores, situações e identidades. Para além destas, será incluído um índice remissivo no final do trabalho para uma mais fácil consulta dos documentos.

Vergílio Ferreira – Mário Dionísio:
Correspondência (1950 – 1967)

Carta I (Évora, 16.07.1950)

Evans, 15. July - 250

(R. de Turfite, 28)

James W. Davis

[illegible]

Évora, 16 – Julho – 950
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Acabo de ler (melhor direi, de reler) os seus versos que muito lhe agradeço. E por um hábito, que ainda julgo conveniente, quero falar-lhe deles, agora que está fresca a impressão que me deixaram. Eu sou um mau leitor de poesia (se é que posso julgar-me um razoável leitor de prosa). E assim, o meu juízo pouco mais longe irá do que do primeiro juízo do “justo” ou “não justo”. Pois bem: em face dos seus versos, eu não me atrevo a dizer que justo ou que não justo. Você é um autor estranho – tem-no sido para mim desde sempre que o leio – e basta-me, por isso, um mínimo de prudência e cultura para o não julgar à pressa. Ora, que há, afinal, de estranho na sua arte, mormente nos seus versos? É muito difícil sabê-lo. Todavia, é provável que a estranheza provenha de uma fria atenção com que você *controla* miudamente as suas ideias e sentimentos, abrindo-lhes um caminho de comunicabilidade para logo o cortar e abrir outro. Para determinadas palavras, para certas ideias, nós temos criado (pelo hábito de sentir, pensar, falar) determinadas correspondências que esperamos se verifiquem. Porque, quando dizem que um autor é original, é ainda em função das mesmas correspondências que o dizemos; simplesmente essas correspondências (no caso do autor original, por exemplo Fernando Pessoa, Sá-Carneiro) – conquanto as aceitemos como reais, autênticas, naturais correspondências – surpreendem-nos pelo imprevisto. Em você, porém, o jogo de ideias e sentimentos faz-se por onde, mesmo após a leitura dos versos, nós o não aceitamos de braços rendidos. As suas relações rasam as que o leitor poderia conceber, sem as tocar, mas também sem lhe passarem muito longe. Dir-se-ia que você tem um pudor de se dar ou uma superação, pela frieza, do pudor, que o leva a esse processo de dar-tirar, a esse gosto de trocar os caminhos ao leitor, obrigando-o constantemente a *emendar a mão*, a mudar-se de um caminho para outro. Já exemplifico. Antes, porém, quero dizer-lhe que a lembrança que me ficou de um recente poeta brasileiro (Ivo Lêdo¹⁷? – esquece-me o nome), considerado, por alguns críticos do Brasil, a mais extraordinária revelação da poesia moderna – a lembrança dele, dizia eu, parece-se muito com a impressão dos seus versos de *Riso dissonante*¹⁸ (e de outros versos seus, embora muito mais com a destes). E esta razão, embora seja uma razão pouco digna, bastaria para que eu não me atrevesse a dizer da sua poesia senão que é estranha. / Mas exemplifiquemos. Suponhamos que eu escrevia os versos:

um boné de pala sobre o mundo
hirtos de sombra iluminada

¹⁷ Lêdo Ivo (1924), jornalista, poeta, romancista, contista, cronista e ensaísta brasileiro.

¹⁸ DIONÍSIO, Mário (1950). *O Riso Dissonante*. Lisboa: Centro Bibliográfico. Sobre esta obra, em carta escrita a Jorge de Sena a 4 de Janeiro de 1951, comenta V. F.: “Li há dias um livro de Mário Dionísio (*Riso Dissonante*) que, ao ler o seu, me lembrou com frequência – em que pese a qualquer de Vocês ou a ambos.”(Sena, 1987: 33)

e †, para mim, a relação a estabelecer entre esse boné e fosse o que fosse, ou ideava um resultado, um efeito, uma consequência desse boné. Que poderia eu esperar? Que enegrecia a face do mundo, por exemplo? Que lhe dava um destino de trabalho? Um destino de força? Que o tornava seguro e consciente? Que... que... que?

Mas eis que você diz dele que

lança uma flor de arremesso(,) nítida(,)
erguendo bairros de frescor.

Logo no poema seguinte

um cavalo
(põe) um gosto no ar *de crinas de aço*

Este processo usa-o você muitas vezes: *um anelo que agita esperanças rotas* (I); um sabor *tingido de espinhos* (VI); *paredes que abanam a cal do estuque* (XIV); *o ponteiro do relógio que embota as hélices* (XXI); *construir uma plataforma sobre chamas e mudar lágrimas em passadas exactas* (XXVI), etc. etc. São raros os poemas como o II, V, XI, XII, XXV. Mas nestes mesmos, de vez em quando lá surge esse seu gosto de fugir às esperanças do leitor, contrariar-lhe a expectativa: *pessoas que passeiam penduradas nas olheiras* (V), etc. – expressões que parecem deliberadamente frustradas, que não atingem o centro do alvo e que todavia sentimos roçar-lhe o rebordo. A *dificuldade* dos seus versos penso que provém sobretudo disso. Bom processo? Mau? Sinceramente, não me atrevo a responder. Sei só que é *estranho*.

Cordiais saudações para
sua mulher e para si
do grato amigo e admirador

Vergílio Ferreira

Carta II (Évora, 30.06.1951)

Évora, 30- Junho -51-1
(R. da Mesquita, 28)

Amo caru M^o. Diogo de S.
.

Vou, um dia disse-me da conveni-
cia e enviar para si a minha colaboração de
Vitória. Não, tenho feito, até agora só tenho col-
bado em uns velhos textos que entufei há mto
tempo ao G. Albuquerque. Mas envio-lhe hoje um
artigo que é conveniente V. ler. E, enviar
p: Lisboa, lembrando que me mandem porcos.
Destino-me ao Seu Ilustrado onde vai por um
pequeno artigo meu que deve ter atingido a segu-
rança, pois o medo de Amor (que foi por
me pedir para) não publicou esta semana um
artigo. Este o fim e o do vai extenso. E de-
to que de interesses e Ilustrado. P:
im. Edo envio. Logo-me se serve.

P. I.
Muito J. I. Albuquerque
— sueto p: Paroquia de Conde de Albuquerque
Ela se envia e si por me por de
Joaquim que nada tem de analítico, Logo tenha
discreto!

Évora, 30 – Junho – 951
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Você um dia disse-me da conveniência em enviar para si a minha colaboração da *Vértice*. Não o tenho feito, até porque só tenho colaborado com uns velhos contos que entreguei há muito tempo ao L. Albuquerque¹⁹. Mas envio-lhe hoje um artigo que é conveniente você ler. Se o enviar para Coimbra, recomende que me mandem provas. Destinava-se ao *Século Ilustrado*²⁰, onde saiu já um pequeno artigo meu que me deve ter estragado a reputação, pois o Guedes de Amorim²¹ (que foi quem me pediu prosa) não publicou esta semana novo artigo. Este *O Sim e o Não*²² saiu extenso. E decerto fora dos interesses do *Ilustrado*. Por isso lho envio.

Diga-me se serve.

Cordial abraço do

Vergílio Ferreira

P. S. Mando para o Albuquerque um *suelto* para *Panorama*²³ que lhe não envio a si por me parecer que nada tem de *analisável, discutível*.

¹⁹ Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque (1917 – 1992), docente universitário, geógrafo, matemático, historiador, entre outras actividades, e um dos vários colaboradores da *Vértice*.


²⁰ *O Século Ilustrado* (1880 – 1978), revista suplemento do jornal *O Século*.

²¹ António Guedes de Amorim (1901 – 1979), escritor e jornalista português.

²² Este artigo viria a ser publicado na *Vértice* em Agosto do mesmo ano (“O Sim e o Não”, *Vértice*, n.º 96, vol. XI, Agosto 1951).

²³ *Panorama*, secção de literatura, crónica e ensaio da revista *Vértice*.

Postal I (Évora, 05.07.1951)



BILHETE POSTAL

CORREIO DE PORTUGAL

CORREIOS
P
5.7.51 lbh
CTT
LISBOA

Mm u hu H
Mm III =

Am h.

Dr. Juao Lourenco

~~RECEBUE~~
~~RECEBUE~~

RECEBUE

LISBOA
6-VII
1961
H 6

Sr. Elias Garcia, 176-3°- 2°
Lisboa

REMETENTE

ENDEREÇO

com um Sr. Diabro.
 A principal razão por se elle
 mandar o art. foi o desejo de combater a sua opinião sobre a conveni-
 ncia ou inconveniencia de publico-lo. Creio que ha ja muita confu-
 são, p.º. he en contra o risco de afava-la. P.º. elle, pois, com todos
 o empenho, me faz chegar a mãos o artigo, impedindo assim que
 se publique. Se nem sempre poder evitar o vicio da reflexão (que se
 me mede em que parte ha intuitivamente ou prejudicialmente) poder eu en-
 tar, com facilidade, que o autor elle passou o custo. E' isto que mais
 me importa. Se a decisao é sem duvida, mais brilhante que as precedas.
 Refusa-se a precedas. E todos os casos, confio em que não se fa nem uma
 coisa nem outra. Basta tal, pois, um pouco de humildade. E
 no fim de contas, não pôde determinar o inconveniente do meu "interessa"?
 Indial deary do
 Vigliani

Évora, 5.07.51

Exmo. Sr.

Dr. Mário Dionísio

Av. Elias Garcia, 176 – 3.º D.º

Lisboa

Meu caro Mário Dionísio:

A principal razão por que lhe mandei o artigo foi o desejo de conhecer a sua opinião sobre a conveniência ou inconveniência de publicá-lo. Creio que há já muita confusão, para que eu corra o risco de agravá-la. Peço-lhe, pois, com todo o empenho, me faça chegar às mãos o artigo, impedindo assim que se publique. Se nem sempre pode evitar-se o vício da reflexão (que o é na medida em que perturba inutilmente ou prejudicialmente), pode-se evitar, com facilidade, que os outros lhe paguem o custo. E é isto que mais me importa. Ser demónio é, sem dúvida, mais brilhante que ser pecador. Prefiro ser pecador. Em todo o caso, confio em que não seja nem uma coisa nem outra. Basta talvez, para isso, um pouco de humildade. E, no fim de contas: será fácil determinar o inconveniente do meu “interrogar”?

Cordial abraço do

Vergílio Ferreira

Carta III (Évora, 13.07.1951)

June, 13. - 11th - 91

(P. Montfort, 28)

[illegible]

Évora, 13 – Julho – 951
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Estive anteontem em Lisboa com o propósito que levava de, num intervalo das obrigações, o ir visitar para conversar consigo sobre várias questões e ainda, já se vê, para saber da sua saúde. Mas Lisboa é terrível para engolir o tempo. Daí que eu o não tenha procurado. E uma carta pouco remedeia. Vamos a ela, no entanto:

Eu persisto na opinião de que o artigo não deve publicar-se, pelo menos na *Vértice*. Porque a *Vértice* tem graves responsabilidades para com os seus leitores e o meu artigo, por tudo quanto depreendi do seu postal, pode prestar-se a confusões, – o que não cabe na minha intenção. Você alude, na sua carta, à “atitude dos intelectuais neste momento”. Vivo longe e só; pelo que não estou apto a julgar convenientemente dessa atitude. Mas não há dúvida que existe um problema do intelectual em frente do homem prático. Evidentissimamente que o ideal do homem de hoje será o que liga a ideia à acção. Mas como o acento principal recai em uma destas duas directrizes, temos de aceitar a divisão dos homens em práticos e teóricos (você sabe o que quero dizer). Todos os práticos que conheci se referiram sempre, com um tolerante desdém, aos teóricos, digamos, ao intelectual. Quem tem razão? Isto é gravíssimo. Cá de longe, tanto quanto posso julgar pelas aparências, tenho a impressão que o prático não gosta, de um modo geral, que se raciocine sobre o que constitui a sua *doutrina prática*, decerto pelos perigos. Porque reflectir é estar de fora, voltado para aquilo sobre que se reflecte. E agir, escrevi há dias, “é ter pensado e *estar sentindo*”. Agir é ver o mundo de dentro para fora; pensar é vê-lo de fora para dentro. Quem tem razão, já que – não há dúvida – o acento principal recai num lado ou noutro? Eu não sei responder. E no fundo é esta a razão por que / não desejo publicar o artigo. Você pergunta-me onde irei eu parar neste vício de interrogação. Se eu estiver convencido de que interrogar não é justo, o mais longe que irei parar é no silêncio. Receio mesmo que esteja a caminhar para lá. O problema do intelectual não gira em torno de programas económicos. Sobre a solução justa dos problemas económicos, não há 2 opiniões de consciências limpas. O problema está apenas em saber até que ponto se pode ajudar ou prejudicar tal solução. Eis porque, para certos práticos, é muito mais aceitável um Torga do que um Redol. Porque o 1.º, sendo mais artista e não pretendendo *estar conforme*, é mais útil que o 2.º, que é menos artista e, desejando estar conforme, “falseia” a realidade (quer dizer, encara-a de um modo discutível, pois é sempre discutível, em face de uma doutrina, o modo como se encara a vida. Caldwell, de certo modo, é mais verdadeiro que Jorge Amado e vice-versa).

O problema do intelectual é complexo. Um pormenor curioso é este: todos os artistas conscientes prescrevem um caminho ideal, justo; nenhum deles ainda nos deu um exemplo de obra realizada conforme, ou muito perto desse ideal. É que, no fundo, nós queremos o

irrealizável talvez. *Mudança*²⁴ é um livro “cheio de riscos”; a poesia de Carlos de Oliveira é “triste”; *Riso Dissonante* é “obsuro, formal”; Redol é “primário”, etc. etc. Vamos ao Brasil: J. Amado é “retórico”; Graciliano²⁵ castiga as suas personagens à maneira de Caldwell e faz de uma figura, com pretensões, uma suicida, etc. etc. Vamos à França; vamos onde quiser. À “boca-pequena” quase todos dizem (disseram-mo tantos...) que Malraux²⁶ é um “enorme escritor”. Mas porquê precisamente esse? O que há de “enorme” na sua arte não será precisamente o que não está “certo”?

Felizmente, escolhi uma folha de papel pequena. Se não, não mais acabaria de conversar. Se eu pudesse fazê-lo sem responsabilidades, dir-lhe-ia que o problema do intelectual precisa de rectificação. Num artigo de Elsa Triolet²⁷ – quando eles cá chegavam – li eu justamente que uma grande massa de intelectuais franceses lhe tinha escrito nesse sentido. O intelectual, o artista, têm o seu lugar marcado num mundo futuro, sim; mas esse lugar não deve estar absolutamente certo. O homem prático desconhece, quase sempre, este problema – e sorri. Ignora ele, muitas vezes, que a ideia sem acção é tão estéril (mas menos perigosa) do que a acção sem ideia. Você dirá que tal “prático” está errado. Mas infelizmente ele constitui a grande maioria. Além de que um prático é mais efectivo que cem teóricos, como uma metralhadora é mais poderosa que mil discursos e razões.

Na pressa com que escrevo, muita coisa irá imprecisa. Conto com a sua boa vontade para as rectificar.

Deseja-lhe melhoras rápidas o seu muito amigo que muito o admira

Vergílio Ferreira

²⁴ *Mudança* (1949), quarto romance de V. F., que, como já referido, marca o ponto de transição entre o tom neo-realista e o existencialista na obra do autor.

²⁵ Graciliano Ramos de Oliveira (1892 – 1953), romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro que, juntamente com outros autores brasileiros, foi uma forte influência dos neo-realistas portugueses: “[...] toda a minha geração, dita “neo-realista”, foi com Jorge Amado, Graciliano, Veríssimo, Lins do Rego que se descobriu para a literatura. Os meus três primeiros livros, mormente o segundo, trazem o rasto evidente disso.” (Ferreira, 1991, p. 12).

²⁶ A propósito deste autor, V. F. viria a dedicar-lhe, em 1963, o ensaio-biografia *André Malraux* (Lisboa, Editorial Presença), cujo título, mais tarde, a pedido do próprio escritor francês, foi alterado para *André Malraux: Interrogação ao Destino*.

²⁷ Elsa Yurevna Triolet (1896 – 1970), escritora de origem russa ligada ao movimento de resistência francês, também conhecida por ser casada com Louis Aragon e cunhada de Vladimir Maiakovski.

Carta IV (Évora, 30.07.1951)

Évora, 30. Julho - 1951

Querido caro Ju.º de Sousa:

De acordo com a sua sugestão, aqui vou reenviar à Sétima o meu artigo. Tinha em Agosto ou em Setembro. Foi-me oferecido - muito - sobre o Problema do intelectual num mundo novo, o problema bastante. Também se tendo feito com ele uma boa soma de horas, entre elas as aplicadas à redacção do meu último romance Crise, inédito ainda. Mas agora de acordo com V. em que tal assunto não cabe em cartas. Em todo o caso, adiantarei aqui alguns considerandos.

O processo dos saltos revolucionários da humanidade é sempre o mesmo. Primeiramente há o facto, a realidade indiscutível, depois a teorização sobre esse facto, e finalmente a luta baseada na teorização (porque nenhuma luta mais eficiente se não tiver todo o aparato da legalidade, justiça, lógica). O intelectual, portanto, entra na 2ª fase do processo. (Pode ir até à 3ª mas só excepcionalmente; e ainda assim, ele acaba por se definir melhor numa do que noutra, na teoria (ou prática) do que na prática (ou teoria). Estamos todos de acordo que isto é lamentável e por o ideal seria de modo que se fundamentamente intelectual, e funde-se na prática o intelectual tem todo o papel de rectificador. Ele nasce oportuno e eficiente quando lhe sobrevém alguma coisa a emendar. Em face de um status quo errado, quando

uma nova etapa se impõe à humanidade, ele prova, demonstra o erro das instituições, problemas a existência de instituições novas, assim o combatente de um código e de uma filosofia diferentes. É então a altura de entrar em campo o prático, o político. É mais que suficiente o contrário, o secreto é que a verdade para o político é sempre unanimemente de acordo p.º intelectual. de um modo geral, a verdade p.º político é muito mais estéril do que p.º intelectual. Instintivamente, e sem saber, por uma necessidade prática que só o político conhece universalmente há nesta a tendência de defender a todo o custo uma verdade para lá do limite dentro do qual o intelectual ainda

Meu caro Mário Dionísio:

De acordo com a sua sugestão, acabei por reenviar à *Vértice* o meu artigo. Sairá em Agosto ou em Setembro. Foi-me agradável – muito – saber que o problema do intelectual, num mundo novo, o preocupa bastante. Também eu tenho gasto com ele uma boa soma de horas, entre elas as aplicadas à redacção do meu último romance, *Crise*²⁸, inédito ainda. Mas estou de acordo com você em que tal assunto não cabe em cartas. Em todo o caso, adiantarei aqui algumas considerações.

O processo dos saltos revolucionários da Humanidade é sempre o mesmo. Primeiramente há o *facto*, a realidade indiscutível; depois a teorização sobre esse *facto*; e finalmente a luta baseada na teorização (porque nenhuma luta será eficiente, se não tiver todo o aparato da legalidade, justiça, lógica). O intelectual, portanto, entra na 2.^a fase do processo (pode ir até à 3.^a, mas só excepcionalmente; e ainda assim, ele acaba por se definir melhor numa do que noutra, na teoria (ou prática) do que na prática (ou teoria)). Estamos todos de acordo que isto é lamentável e que o ideal seria etc. etc., de modo que, fundamentalmente, segundo me parece, o intelectual tem tido o papel de *rectificador*. Ele surge oportuno e eficiente quando há sobretudo alguma coisa a emendar. Em face de um *status quo* errado, quando uma nova etapa se impõe à Humanidade, ele prova, demonstra o erro das instituições, proclama a excelência de instituições novas, arma o combatente de um código e de uma filosofia diferentes. É então a altura de entrar em campo o prático, o político. Por mais que desejemos o contrário, o certo é que a verdade para o político difere sensivelmente da verdade para o intelectual. De um modo geral, a verdade para o político é muito mais estável do que para o intelectual. Instintivamente ou, se se quiser, por uma necessidade prática que só o político mede convenientemente, há neste a tendência de defender a todo o custo uma verdade, para lá do limite dentro do qual o intelectual ainda / a sente como verdade. O que é lógico, aliás, visto como é o intelectual quem melhor pode descobrir *o que se segue*, o que começa a ser negado pela História. O prático raramente quer ou pode falar das consequências futuras de certa medida que tomou, por lhe parecer a mais eficiente. E quando a realidade lhe mostrou aonde foi dar, o remédio único é defender *o que está*, por não poder destruí-lo, emendá-lo, sem arrastar uma emenda excessiva. Ora é precisamente nesta altura, ou seja quando há um desacordo entre a realidade e o sentido progressivo da História, que o intelectual sente a necessidade de intervir. É nesta altura que ele se pergunta, duvida, procura. Mas – pergunta o prático – não trará isso perturbação, não será isso inoportuno? Você, pelo que posso entender da sua carta, acha que não. Por mim, não sei responder. Evidentissimamente que qualquer posição é defensável adentro de uma lógica, porque o mais

²⁸ Não foi encontrada qualquer referência a este título. Tratar-se-á talvez de um título inicialmente previsto pelo autor para *A Face Sangrenta* (Lisboa, Contraponto, 1953).

fácil foi sempre inventar razões para tudo. Desgraçadamente, porém, já não é tão fácil iludir a própria História, que não pára e tem sempre razão contra todas as razões que não sejam a sua.

Dir-me-á agora você que eu estou delirando no vago, na teoria. E pedir-me-á exemplos concretos. Mas foi dos exemplos concretos que eu um dia parti para as reflexões que exponho. Não é verdade que os exemplos são às dúzias?

Ficarei por Évora até 5 ou 6 de Agosto. Dir-lhe-ei depois onde pararei, porque o não sei ainda.

Cordial abraço do muito amigo e admirador

Vergílio Ferreira

P. S.

Risquei 2 períodos, ao reler a carta, porque eles embaraçam a lógica do resto e eu não posso agora explicá-los convenientemente, afim de evitar esse embaraço.

Carta V (Évora, 27.09.1951)

Évora, 27.09.51

Querido Sr. Ribeiro:


A sua carta acabou a chegar-me de Évora para Lisboa da qual de novo para Évora, e para o tempo que provavelmente partem nos meus de um pelo destino, pois preciso o endereço correcto no número de posto (o que poderia ser o mesmo). Não a registei de atraso. Não foi respondido supondo, a minha resposta já não irei a tempo da resposta que me foi a pedir.

No entanto, por uma questão de lealdade para com V. (e p. s. manifestar) em devoção. Não foi este atraso concordar com o meu ponto de vista sobre o assunto. Não sei até onde vão os meus deveres de lealdade na frente melancólica de minha situação profissional. Se não no entanto, que permitam fazer considerações sobre a minha situação, devo dizer-lhe que me não parece prudente revelar-me com um nome que lá fora não tem de ser conhecido, a menos que em extremo incluído entre uma massa de gente que não tem qualquer tipo de gente e que em situações idênticas à minha a gente o choque pessoal. Foi bem que a elaboração de Balzac foi salva de honrarias pelo interesse de alguns santos, entre os quais S. José Reis.

Passo fe V. me, 1.º de out. 51

una volta a settimana. degli ultimi da com.

Phara. o. m. an.



Meu caro Mário Dionísio:

A sua carta andou a perseguir-me de Évora para Melo e daqui de novo para Évora, afora o tempo que possivelmente gastou nas mãos de um falso destinatário, pois trazia o endereço gralhado no número da porta (o que todavia não é provável). Eis a razão do atraso. Pelo que, segundo suponho, a minha resposta já não irá a tempo da urgência com que a pede.

No entanto, por uma questão de lealdade para com você (e para comigo) eu devo confessar-lhe que este atraso concordou com o meu ponto de vista sobre o assunto. Não sei até onde vão os meus deveres de honestidade na questão melindrosa da minha situação profissional. Se eles, no entanto, me permitem fazer considerações sobre a sua proposta, devo dizer-lhe que me não parece prudente exhibir-me com um nome que lá fora não tem de ser eufemístico, a menos que eu estivesse incluído entre uma massa de gente que ninguém julgará de certo tipo de gente e que em situação idêntica à minha aguenta o choque possível. Sei bem que a colaboração no *Balzac*²⁹ foi salva de aborrecimentos pela intercessão de alguns santos, entre os quais S. José Régio.

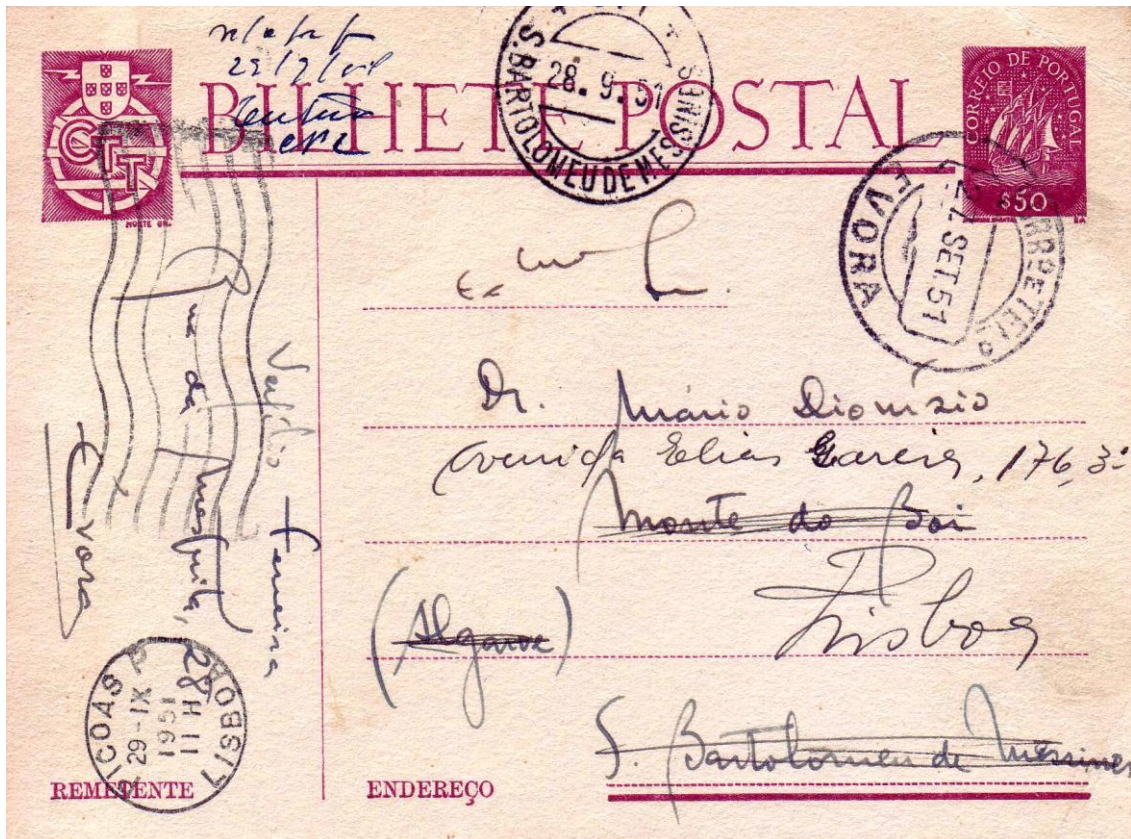
Receio que você me julgue mal. Por / isso confio à sua prudência a decisão última do caso.

Abraça-o o muito amigo

Vergílio Ferreira

²⁹ Não foi encontrada qualquer referência a este título. Poderá tratar-se, talvez, de uma obra (certamente ensaística) sobre o escritor francês onde terão colaborado vários autores portugueses.

Postal II (Évora, 27.09.1951)



Para lances de ao conciso. Recorreu sobre a carta, há
a última frase. Não dividerei assim por não fazer
as responsabilidades da minha resolução. E reafirmo o meu
desejo de fazer a sua me ofusca. ~~Finalmente~~ com
uma manifestação. O outro lado de coisas insignificantes.
O. St. Amil. Oito em Junho e pouco edificante.
Mas eu sei que realmente poderia atenuar a
vossa o que v. vosso poderi fazer, se for colhido
em 'hora de brevidade.

Um caru. M.º Dionísio.

A amizade e o afecto
de
J. L. L.

Vergílio Ferreira
Rua da Mesquita, 28
Évora
27 – Setembro – 51

Ex.^{mo} Sr.
Dr. Mário Dionísio
Av. Elias Garcia, 176, 3.^o³⁰
Lisboa

Meu caro Mário Dionísio:

Reconsidero sobre a carta há horas lançada ao correio. *Peço-lhe elimine dela a última frase.* Não dividirei assim por ninguém as responsabilidades da minha resolução. E reafirmo o meu desejo de tomar a que se me afigura melhor com uma margem, para o outro lado, de lucros insignificantes. Isto assim dito em postal é pouco edificante. Mas eu sei que oralmente poderia atenuar a coisa, o que você mesmo poderá fazer, se for colhido em hora de boa-vontade.

A amizade e a admiração do

Vergílio Ferreira

³⁰ Rasurada pela mão de um terceiro (provavelmente um carteiro ou outro que soubesse do paradeiro da família Dionísio), pode ler-se a indicação, no campo da morada, de “Monte do Boi (Algarve), S. Bartolomeu de Messines”. A mesma mão corrige o endereço escrevendo a morada de Lisboa. A confirmá-lo, o carimbo dos CTT de S. Bartolomeu de Messines, de onde o postal foi reenviado.

Carta VI (Évora, 09.02.1952)

Respondier, 3. III. 52.

Trunc, 9 - Feb. 952

(R. Jurejko, 18)

June 1890. Discovered.

[illegible][illegible]

a Confissão: não é provável que em um mesmo
 o livro a história de estas e livros poderia ser ensinada. Talvez
 o o pensamento necessário para o ler antes disso? e de expressar
 o seu parecer linearmente, (e os termos de i (ou not i) un-
versidade publico do? (de resto, a dificuldade de encontrar
 edito introdução, inevitavelmente, a de reunir a Causa).

W. am. & adm.

18. *Chamaecrista* *sp.*

Meu caro Mário Dionísio:

Muito obrigado pelos *Encontros*³² que eu já lera, evidentemente, com prazer, na *Vértice*, mas que agora repassei com um interesse renovado. E porque a ocasião se presta, deixe-me acrescentar-lhe, a este agradecimento, duas breves considerações. A chave do seu livro está no *encontro com Fougeron*³³. A questão fundamental – tão sua, meu caro Dionísio – da arte-utilidade atinge aí o ponto cruciante. Como artista, é evidente que não concordo com Fougeron. Mas como homem, direi mesmo como pensador coerente, lógico, receio bem que tenha de lhe dar razão. Uma vez mais, como é óbvio, será a História quem há-de resolver o problema, num futuro não muito longínquo. Entretanto, porém, é inevitável o discorrer sobre o caso. Assim, são múltiplas e complexas as perguntas que naturalmente me assaltam – e a que me não proponho, claro está, responder: Se a arte é conquista, como não ir à frente da maioria, sobretudo quando se trata da conquista de um génio? Em que medida o baixar não é contemporizar com o que é inferior na maioria? Em que medida um quadro como *Italianas no mercado* “prejudica”, ou em que medida *Parisienses no mercado* “serve”? Que cota parte de distracção não procurará o povo na arte – distracção que não é uma continuação daquilo que o preocupa, mas um derivativo que o repousa? Em que medida está preparado para interferir nas questões da arte quem não é artista, ou seja, quem não é um “trabalhador especializado” nesse “trabalho

³¹ Ainda que não conste do presente espólio, sabe-se, através de uma nota escrita por M. D. no canto superior direito desta carta, que uma outra foi escrita pelo autor em resposta a esta a 3 de Março de 1952.

³² DIONÍSIO, Mário (1951). *Encontros em Paris*. Coimbra: Vértice, obra que reúne várias entrevistas a artistas plásticos estrangeiros feitas em Paris e publicadas na revista *Vértice*.

³³ André Fougeron (1913 – 1998), pintor francês e um dos principais nomes do Realismo Socialista. A propósito da obra e do pintor, diz M. D. na sua *Autobiografia*: «Deslocara-me quase de propósito a Paris para entrevistar pintores célebres de diferentes países, mas com a mesma posição política, pretendendo assim que, neste rincão dos deuses, onde o que vem lá de fora é outra loiça, se visse enfim o erro enorme. Os Gregos e os Troianos. Valeu a pena? A vida me ensinou que muito pouco vale a pena, mesmo se a alma nada tem de pequena. Sobre os *Encontros em Paris*, principalmente planeados para desautorizar o conceito de realismo expresso na pintura dos Fougeron e nos escritos daqueles que para ele o tinham empurrado (primeiro visado: Aragon, segundo, terceiro ou quarto: os Jean Milhaud), foi possível um crítico meticoloso como o José-Augusto França escrever, de qualquer modo insinuar, que as minhas preferências iam para Fougeron e Taslitsky! Pecados meus! Digo que “passo os olhos desolado pela grande tela” [homenagem a André Houllier], evocando saudosamente “as obras pujantes do antigo Fougeron”, expostas em 41, sob a ocupação alemã e contra ela, com Braque, Bonnard ou Walch, lembro-as desgostoso em face do que Fougeron passara a fazer, e supõem-me a apreciar e a apontar como exemplo aquilo mesmo que detestava e combatia. Elogio as antigas telas de Fougeron, expostas em 46, nas quais o artista conjugava “o colorido riquíssimo de Matisse e o expressionismo violento de Picasso”, esse, sim, um caminho possível, louvo *Bretanha* e *Italianas no mercado*, contrapondo-as a *Parisienses no mercado*, de 47, ponto explosivo do chamado “escândalo Fougeron”, e dizem-me ser este Fougeron que escolho. Digo até não ter Fougeron “conseguido dar o valoroso e urgente passo em frente sem destruir as suas mais altas qualidades de pintor” e arrumam-me como seu panegirista. Que mal me terei explicado! Não sonhavam os meus críticos de então que triste e duramente reprovava que um político, Lucien Casanova para o caso, fizesse a ronda dos ateliês de pintores comunistas, para decidir se, sim ou não, as suas telas deveriam ser expostas!» (Dionísio, 1987: 36-37)

especializado” que é, de certo modo, a arte? Até que ponto deve preferir-se uma obra *para hoje* a uma obra *para depois de amanhã*? E assim sucessivamente, ao infinito...

Você, meu caro Mário Dionísio, não tanto pelos ensaios como pela obra realizada, tem dado uma solução ao caso que eu, hoje, como artista, aplaudo clamorosamente. Relembro a decepção com que li o seu *Dia cinzento*... e oponho-a ao interesse, à corajosa originalidade que hoje encontro nesse livro, sobretudo quando o confronto com o que era nosso propósito geral produzir. Recordo o fastio com que li as suas *Solicitações*³⁴ (para mim, e de longe, o seu melhor livro de versos), e ponho-o em paralelo com o íntimo prazer que hoje senti, eu e os rapazes da Literatura, quando li para eles a *Rapariga das tranças*, a *Elegia ao companheiro morto*, essoutra poesia sobre as mãos gretadas da que fora / uma linda rapariga, e mais. Mas, acabada a leitura, depois de regressar a mim, tive de me perguntar se não eram bem poucas as suas produções que *continuam* as nossas maiores preocupações de homens... E que tem que ver com os problemas humanos imediatos uma guitarra de Picasso ou um jarro do Braque? No entanto, quem serviu melhor a humanidade: esse jarro e viola ou... (será preciso exemplificar?)

Estou atravessando uma grave crise na minha vida particular. Quando a tiver resolvido, irei pôr-me, justamente, o problema de como continuar a ser escritor. Entretanto, vou, aos poucos, ideando a solução. Não deixa de ser curioso verificar que tal problema se põe especialmente a propósito do escritor. Se eu pintasse uma jarra, pouca gente repontaria – em todo o caso, menos gente do que a que repontará se eu escrever um conto sobre um tema, digamos, gratuito. Porque a palavra serve, correntemente, para largos usos de interesse imediato, admite-se, *previamente*, que ela não pode desprender-se dessa função, quando se trata de obra de arte.

Terminei um novo romance de *discussão*... Será o último, uma vez que concluí não ser conveniente, oportuno, discutir. Mas como me recuso a regressar aos Joões e Maneis, irei, talvez, daqui em diante... pintar jarras com palavras – o que é um modo de estar calado com algum ruído. E a propósito: não é provável que eu encontre um editor. Todavia, se se puser a hipótese de editar o livro, poderia você conseguir o tempo e a paciência necessários para o ler antes disso? E de exprimir o seu parecer, linearmente, pelos termos de *é (ou não é) conveniente* publicá-lo? (De resto, à dificuldade de encontrar editor, juntar-se-á, inevitavelmente, a de vencer a Censura.)

Cordiais saudações do muito amigo e admirador

Vergílio Ferreira

³⁴ DIONÍSIO, Mário (1945). *As Solicitações e Emboscadas*. Coimbra: Ed. Autor.

Postal III (Évora, 05.03.1952)



Resposta

João Dias

Com envio os 2 ex. pedidos em
Amidância. Válah o livro interessante. Dirá, porém, dizer uma
 vez que ele assente menos na acção do que nos seus: deus e no estilo.
 Não ele manda o meu livro romane, porém van refundi-lo. Tal
 livro está, e um livro maçador, injusto, confuso. Vou fazer dele
 uma obra: obra mais, de vasto propósito. Justamente o seu tempo
 ficará sendo, antes de mais, a principal do intelectual em face da pro-
 blematiza do novo tempo.

Tem v. imensa razão em condenar o meu
 propósito de pintar jans com palavras. Mas o meu embaraço
 diante da complexidade do novo momento é por isso tão grande, que
 preciso a pensar no suprema comodidade de falar em livros e em
 estelas, ou em notas, igualmente insuperáveis. Cordialmente
 João Dias

Vergílio Ferreira
Rua da Mesquita, 28
Évora
05. 03. 52³⁵

Ex.^{mo} Sr.
Dr. Mário Dionísio
Av. Elias Garcia, 176 - 3.º - D.º
Lisboa

Meu caro Mário Dionísio:

Junto envio os 2 exemplares pedidos de *Mudança*³⁶. Oxalá o livro interesse. *Duvido, porém, disso, uma vez que ele assenta menos na acção do que nas ideias e no estilo.* Não lhe mando o meu novo romance³⁷, porque vou refundi-lo. Tal como está, é um livro maçador, injusto, confuso. Vou fazer dele uma larga obra mural, de vastas proporções. Justamente o seu tema ficará sendo, antes de mais, a posição do intelectual em face da problemática do nosso tempo.

Tem você imensa razão em condenar o meu propósito de pintar jarras com palavras. Mas o meu embaraço diante da complexidade do nosso momento é por vezes tão grande, que chego a pensar na suprema comodidade de falar em lírios, em estrelas, ou em coisas igualmente inofensivas.

Cordial abraço do muito amigo

Vergílio Ferreira

³⁵ No canto superior esquerdo do postal, pode ler-se a nota, escrita à mão a lápis vermelho por M.D., “Respondido”.

³⁶ Mário Dionísio havia dedicado dois anos antes, na *Vértice*, um artigo a esta obra intitulado “*Mudança*, romance de Vergílio Ferreira” (*Vértice*, nº 78, Vol. IX. Coimbra, Fevereiro 1950).

³⁷ Tratar-se-á provavelmente de *A Face Sangrenta* (1953), como já referido (cf. Carta IV, p. 38).

Carta VII (Évora, 30.04.1953)

me, 30 - Chief - 553

(P. da Mesquita, 28)

very rare *Ver. dissimilis*.

minuto olhando pelo ao novo Van Gogh por ali sopra, vagamente,
no expresso da separante, depois de o ter acompanhado, um o longo transeio de um mês, no decorrer
da revista. E quando, elle por muito tempo, entre elles a de poder carapacear um V.
deixado para, Van Gogh e o seu filho. Si (mas não tenho) o outro
1.º João, o maior, e um o não tenho, no sei o que terá V. eliminado ou modificado este nome. Mas no sei
também se é este, realmente, o mesmo. No meu texto também uma grande simpatia pelo belis doado que
se desfez de uma orelha e da vida; e uma admiração do novo, quase abrumante, pelo pinto da anfitriã e da
Lebe.

febre. Na noite de 20, V., um Integ. Perfeccionista... se em alguns teos lido... me livro. Porque uma das suas
intencões é justamente tornar este livro em um livro ponto de vista uma febre, sendo o mesmo espelho
de uma civilização humana. Isto porque a verdade histórica é a dos fatos, e as o seu resumo
é um embasamento em termos de cada elemento histórico. Para isso Dr. Almeida - tem de escrever
e a obra trata na verdade uma outra função (bem mais importante do que a arte, aliás) uma função
função da Arte - Ideologia. Vem lembrar-se: Vem fazer "desobediência" a fortuna (sic?), ficando de se-
nção mineira. Vem fazer por um, "os olhos dos homens" de se "catedrais". Sim. E no entanto
Vem fazer porque a missão, um a sua arte, é demandada por ela, entende que deve poder falar
um e mais de 20, trabalhando todo o dia, "antes os estudos e o infinito (!) no alto". Lamentos do afi-
ci V. e lembrar, ainda lembrando talvez um embasamento por esta Problema Inversa.

Desde lá fomos esta discussão de Portinari sobre a exclusão da arte, enfim, para
causar enfecho. E quando deu o seguinte exemplo semelhante. Mas, no entanto os mais velhos
problemas do intelectual em face do mundo de hoje. São os do artista em face do meio e das con-
dições como foi dada à história a sua divisão de homens. Ora bem: a união por onde se helica-za
entre um Van Gogh aborrecidamente ocupado com a sua arte e o outro, preocupado com o homem; a relação
de oposição simultânea entre um Portinari profeminista e o outro por si mesma pintando enfim
to pinto; a participação de um Eluard poeta "poeta", de um Brecht desmuntando, - tudo isto revela
isto é um princípio, definitivamente aceite, o poder da sua constante variação, e ele que é: "ao alto nível de
qualquer atividade, não se vêem as horizontais as razões básicas, dando enorme autoridade". Vá Vá: ali mesmo
para um obtuso infante, o interesse mútuo do espírito ali já menos na acumulação de ideias, do
que na própria atividade de reflexão, no prazer do triunfo, na participação dos dias e das horas, no
passo-tempo! O alto nível de um Napoleão, por vale ~~a~~^m: qualificação? Evolutivamente, a
Portinari não se ilude a Napoleão, mas vive-se por nós, deu um passo em frente. 6 de junho

Meu caro Mário Dionísio:

Muito obrigado pelo seu novo *Van Gogh*³⁸ que reli agora, velozmente, no expresso da Separata, depois de o ter acompanhado, com as longas paragens de um mês, no recoveiro da revista. E agradeço-lhe por muitas razões, entre elas a de poder cavaquear com você.

Decididamente, Van Gogh é o seu pintor. Li (mas não tenho) o outro *Van Gogh*, o maior; e como o não tenho, não sei o que terá você eliminado ou modificado neste menor. Assim não sei também se é este, realmente, o menor. Por mim tenho também uma grande simpatia pelo pobre doido que se desfez de uma orelha e da vida; e uma admiração de nervos, quase alarmante, pelo pintor da angústia e da febre.

Ora neste ponto, você, com justiça, perguntar-se-á se eu afinal terei lido o seu livro. Porque uma das suas intenções é justamente tesourar certo filme em que o bom pintor pinta com febre, perde o seguro equilíbrio de uma consciência iluminada. Isto porque a verdade histórica é a das cartas, e aí o que ressalta é um conhecimento em pormenor de cada elemento pictórico. Meu caro Mário Dionísio: temos de conversar. Já agora meto na cavaqueira uma outra questão (bem mais importante do que esta, aliás), essa infinita questão da Arte-Ideologia. Você lembra-se: Van Gogh “descobriu” a pintura (seria?) quando da experiência mineira. Van Gogh preza mais “os olhos dos homens” do que as “catedrais”. Sim. E no entanto Van Gogh prefere a miséria, com a sua arte, à abundância fora dela; entende que deve poder viver-se com um naco de pão, trabalhando todo o dia, e “sentir as estrelas e o infinito (!) no alto”. Começemos por aqui:

Se você se lembra, estará pensando talvez na embrulhada que este problema provoca. Ainda há pouco, certa afirmação de Portinari sobre a sua exclusiva preocupação com a arte, *enquanto pintor*, causou engulhos. E Éluard deu azo frequente a reacções semelhantes. Não, não vou entrar no mais vasto problema do intelectual em face do mundo de hoje. Falo só do artista em face da sua arte e das doutrinas com que paga à História a sua dívida de homem. Ora bem: a união que pode estabelecer-se entre um Van Gogh absorventemente ocupado com a sua arte e o outro, preocupado com os homens; a razão da aparente incongruência entre um Portinari progressista e o pintor que só pensa pintura enquanto pinta; a justificação de um Éluard poeta “puro”, de um Picasso desnorteante – tudo está esclarecido por um princípio, dificilmente aceite, apesar da sua constante verificação, e que é: “ao alto nível de qualquer actividade, não se vêem no horizonte as razões básicas dessa mesma actividade”. Veja você: até mesmo para um obtuso negociante, o interesse sensível do negócio está já menos na acumulação de moedas do que na própria actividade de negociar, no prazer do triunfo, na

³⁸ DIONÍSIO, Mário (1953). *O Drama de Vicente Van Gogh*. Coimbra: Vértice. Separata da revista *Vértice* que reúne o texto da Conferência na SNBA e na Faculdade de Ciências (1951) e o comentário ao filme sobre Van Gogh de Alain Resnais (1948). O livro tivera antes duas edições, uma maior e outra reduzida.

justificação dos dias e das horas, no passatempo! Ao alto nível de um Napoleão, que vale a sua ideologia? Evidentemente, a História não se ilude e Napoleão, *quer quisesse quer não*, deu um passo em frente. O seu ponto / de partida era irrecusável, e nada, por isso, o poderia anular. Do mesmo modo, um jovem que pretende seguir o curso de Medicina “pelo amor da Humanidade” e que, depois de ser médico, cria entusiasmo apenas pelos “casos interessantes”, pelo triunfo, assistindo, indiferente, à doença e à morte, é verdadeiro no princípio e no fim, *fazendo deste “fim” uma lógica continuação daquele “princípio”*. Ora bem: quem faz arte age do mesmo modo. Partimos para a vida (e portanto para a arte) com determinada bagagem doutrinária, com determinada ordenação da inteligência e da sensibilidade. Mas ao alto nível da realização artística, *em que é que pode pensar-se senão na própria arte?* Por isso, todo aquele que assim não procede é um artista medíocre. Você não responde a esta objecção, porque a si próprio a não pôs. Mas ela existe no seu trabalho e sobretudo existe nas quezilentas questões de que trago os ouvidos roídos e roída a paciência. Van Gogh, como todo o artista que o é (porque é cómodo desculpar com “normas”, “princípios”, a nossa própria inépcia), é um homem humano que leva para a sua arte a sua humanidade, mas que só pensa arte enquanto é artista.

A outra questão “consciência ou inconsciência artística” – está posta por você, mas creio que não resolvida. Eu compreendo perfeitamente a necessidade de lutar contra os palavrosos do “mistério” da arte, da “intuição”, do “instinto”. Mas (como há tempos disse a certo crítico de nomeada e que igualmente luta, em justiça, contra os mistificadores) suponho que se exagera na luta e se tomba em defeito oposto. Não conheço as cartas de Van Gogh em que você se fundamenta. Mas tenho a certeza (que a experiência me dá) de que tais cartas nada invalidam o que digo. Admitir que se possa fazer arte, obedecendo apenas ao instinto, e admitir por outro lado, e como complemento, que não há análise possível para uma obra de arte é estrondosa tolice. Mas parece-me um erro supor que a atenção e a “consciência” interferem plenamente com a realização artística. O artista sabe que determinada cor para um quadro, determinada imagem para uma frase *ficam bem*. Saber, todavia, *porque ficam bem*, porque é que certa cor cria angústia, rima com outra, soluciona certo problema interno do quadro; como saber porque é que certa palavra, *certas vogais* ou consoantes estão certas com o sentir do escritor – isso só por acréscimo, *posteriormente*, na supérflua actividade de crítico poderá tentar-se e saber-se, talvez. Pois que separa uma arte “fria”, “artificial”, de uma outra “sincera”, “comovente”, senão um doseamento da clarividência dos meios? No exacto instante da criação artística, para lá da atenção (que existe, tem de existir) o que prevalece é a íntima união do artista com a sua comoção. Mas não será isto que possibilita o viver-se com um naco de pão, o comer-se duas vezes apenas por semana? Sem dúvida, um doido não cria arte (se bem que crie qualquer coisa de alarmante, de perturbador para nós, homens de juízo); mas um técnico de cifras também a não cria. Não há arte da inteligência: há arte para lá dela. E o artista que conhece miudamente todo o aparato da sua arte torna-se-nos automaticamente suspeito. Se não, imagine só um pintor a explicar-lhe tim-tim por tim-tim um quadro que acabou de realizar...

Tudo isto, no fim de contas, meu caro Dionísio, foi mais que pelo mais, pelo gosto de parolar. Que você tenha tido a paciência de me ouvir.

Cordial abraço do muito amigo

Vergílio Ferreira

Carta VIII (Évora, 03.06.1953)

Évora, 3. Junho-53

(3. Junho, 28)

Querido Sr. D. S. S. S.

Infelizmente fui muito de mais, que devo pedir desculpa de uma certa camelice cometida na minha última carta. Desatuei a que até suposto fui viva como se no deserto. Vá lá, vá lá, vá lá. e depois de conversa e ... não lhe falei do livro. É a tentativa de um livro de ensaios, que já agora se chama de me servir as suas obras, em uma expressão a palavras piedosas que a sua educação e a sua se modernizaram. Já vi, mas com discrição, a para um livro de papel e como número de intelectuais, que valem a pena, que pode cometer a insensatez referida. Como se fosse suficiente depois de tanto tempo a leitura dos seus livros pela honestidade que lhe sempre me sua vulgaridade, foi aquilo que me deu a ideia de uma individual ciência que o livro do livro, da amizade, e o manter antes, um espírito impressionante. Deixar o os pontos de culpa?

Como lhe falei já lhe pedi a favor. Um livro de história de Évora, para o qual eu deixei a atenção do livro de história de Évora de um vintão ali, e depois ali um v. e outro no Museu Nacional de B. Arts. A representação da história da cidade, 3 volumes, alguns afundados e não sei a minha forma. Eu já lhe minto tudo isto a este ponto - António Chaves - quanto lhe seja conveniente expor ao seu exame alguns

trabalhos e sobre a sua opinião. Fui ali até o almoço e em novo
vão a 12^h, - e ainda assim não um ele. Poderá V. atendê-lo? E
ludum. e. à V. dos Trabalhos expostos de modo a promulgar e
soluções? Eu fui um pouco a escuridão. Havia muita coisa
e confundendo por isso fui V. não tanto referido ^{no} ~~ludum~~. E todos o
uns, diga ~~o~~ o que puder. (Deixe-me falar-lhe, aqui entre
parenteses, pela sua presença foi me impressionar muito especial-
mente pela articulação dos pontos e estruturas pela cor. Nos quadros
foi sobretudo do domínio de uma arquitetura. Fui (foi mesmo de us.)

Vai aqui uma novidade de mim, - para de mim - falar
também: mandei a Carmo, pessoalmente, - alguns rascunhos
sobre o Seminário. O tempo ~~de~~, de certo modo, desforçado. A Cen-
sura eliminou-o. O Sr. Albuquerque falou-me bastante
de uma hipótese de edificação em Bragança. Fui pouco mais,
muito notícias dele. E os trabalhos no livro com aplicações,
por julgar, de uma obra antiga, - só foi um livro abalo com
a causa de desmor. E é de certo por isso foi desatencioso de ser
desolador me violenta sempre.

Ordem de

Vejam
Terminar

Évora, 3 – Junho – 953
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio,

Suponho que antes de mais lhe devo pedir desculpa de uma certa camelice cometida na minha última carta. Desastres a que está sujeito quem vive como eu no deserto. Você lembra-se: enchi 2 páginas de conversa e... não lhe falei do livro. Se se tratasse de um desses bons escritores que às vezes se lembram de me enviar as suas obras, eu não esqueceria as palavras piedosas que a boa educação e as obras de misericórdia prescrevem. Mas você, meu caro Dionísio, é para mim tão daquele escasso número de intelectuais que valem a pena, que pude cometer a insensatez referida. Como se fosse supérfluo dizer-lhe quanto prezo a leitura das suas coisas pela honestidade que põe sempre na sua realização, por aquilo que nos ensina e ainda por uma indefinível decência que o livra do berro, da arruaça, e o mantém antes num equilíbrio impressionante. Aceitará você as minhas desculpas?

Escrevo-lhe hoje para lhe pedir um favor. Um jovem pintor de Évora, para o qual eu chamei a atenção do Lima de Freitas quando de uma vinda aqui, expôs agora com você e outros na Sociedade Nacional de Belas Artes³⁹. A representação dele consistia de cerâmicas, 3 óleos, algumas aquarelas e não sei se umas gravuras. Eu já há muito tenho dito a este pintor – António Charrua⁴⁰ – quanto lhe seria conveniente expor ao seu exame alguns / trabalhos e ouvir a sua opinião. Mas ele não o conhece e eu raro vou a Lisboa – e ainda assim não com ele. Poderá você atendê-lo? E lembrar-se-á você dos trabalhos expostos de modo a pronunciar-se sobre eles? Eu fui ver também a exposição. Havia muita coisa e compreendo por isso que você não tenha reparado no Charrua. Em todo o caso, diga o que puder. (Deixe-me felicitá-lo, aqui entre parênteses, pela sua tapeçaria⁴¹ que me impressionou muito agradavelmente, pela articulação dos motivos e sobretudo pela cor. Nos quadros gostei sobretudo do domínio da sua arquitectura. Mas gostei menos da cor.)

Vai aqui uma novidade de mim – para de mim falar também: mandei à Censura, previamente, um pequeno romance sobre o Seminário⁴². O tema era, de certo modo, alegórico. A Censura eliminou-o. O Luís Albuquerque falara-me vagamente de uma hipótese de edição no Brasil. Mas nunca mais recebi notícias dele. Por ter trabalhado no livro com aplicação, por julgá-lo uma obra capaz – sofri um duro abalo com a cruel decisão. E é decerto por isso que desabafo, apesar de que desabafar me violenta sempre...

Cordial abraço do

Vergílio Ferreira

³⁹ VII Exposição Geral de Artes Plásticas, 1953, Lisboa, SNBA, a última em que M. D. participou.

⁴⁰ António Charrua (1925 – 2008), artista plástico português. Dedicou-se à escultura, gravura e cerâmica.

⁴¹ *Ribeira do Tejo* (1952), tapeçaria de Maria José Taxinha a partir de um quadro de Mário Dionísio.

⁴² Referência a *Manhã Submersa* (Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1954), que tivera inicialmente o título *Cavalo Degolado*.

Carta IX (Lisboa, 17.09.1953)

Lisboa, 17 de Setembro de 1953.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Regressei agora de férias (aliás consumidas no tratamento de uma bronco-pneumonia e respectiva convalescença) e ponho-me finalmente a responder a muitas cartas atrasadas. Você, que é realmente um romancista e que, portanto, tem o hábito de analisar e querer compreender o homem, pode aceitar que este silêncio (há cartas a que estou hoje a responder com dois anos de demora!) não significam de modo algum indiferença da minha parte. Não sei bem como a coisa se passa. Em Lisboa o tempo é sempre tomadíssimo e nem sempre a disposição é boa para todas as cartas. Vou então deixando a resposta (que, no entanto, não me sai da cabeça e se junta a várias outras preocupações habituais) "para a semana". É assim que passo para a zona dos meses e, quando calha, dos anos!...

Tudo isto para lhe dizer que quis responder imediatamente às suas duas cartas a propósito da minha brochura sobre o Van Gogh e que, tendo guardado a ideia disso ~~permanentemente~~ todos os dias, o faço agora como se fosse imediatamente... Em férias não me inquietei porque soube pelo R. Grácio, com quem tomava às vezes café na terreola onde ele também passou os primeiros dias de agosto, que ~~Você~~ se ia lançar à temível aventura da excursão do "Vem Cruz". E agora sei pelos jornais que você deve estar de novo no país. Já em Évora? De qualquer modo as minhas palavras lhe chegarão certamente às mãos.

Muito e muito obrigado por tudo quanto discorreu directa ou indirectamente a propósito da meu pequeno estudo. Não me faça a injustiça de julgar que me incomoda. Infelizmente ninguém para um momento sobre o que os outros fazem. Cada um está apenas preocupado com o que ~~a~~ faz ou (regra infelizmente muito mais geral) com o que pensa vir a fazer. A crítica desapareceu. A própria conversa (actividade de que sou guloso) está nitidamente em vias de desaparecer. E, então, quando recebo uma carta onde haja ideias em conflito ou susceptíveis de estarem em conflito é para mim uma grande alegria. As suas cartas felizmente são sempre assim (à parte o esforço ~~xxxxxx~~ que tenho de realizar para compreender a sua caligrafia, uma vez mais minúscula e ~~xxxxxxxxxx~~ arisca...) e várias vezes lamento que não tenhamos possibilidade de conversar pessoalmente sobre os vários pontos que elas sugerem e que vêm ao encontro de problemas que também são meus.

Todo o ano que passou foi para mim um longo período de vida intensa, ~~xx~~ a que certo tipo de desgostos, de desilusões de cunho pessoal e uma constante e profunda revisão de conceitos deram a nota essencial e constante. Apesar de conhecer um bocado de sofrimento em várias alturas da minha vida, num gráfico biográfico hipotética eu sublinharia ~~xxat~~ estes dois últimos anos, mas sobretudo o último, como ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ a zona de maior amargura e espanto. Estou saindo porém da crise ~~xxxxx~~ em que me vi lançado, cada vez mais fiel aos meus pontos de vista iniciais e agora com uma dura experiência que só me ajudará a compreendê-los melhor, a percebê-los intimamente solidários com a realidade social e individual e a libertá-los mais e mais de todo o esquematismo traiçoeiro.

Digo-lhe isto porque? Para o convencer de que tudo que me diz sobre o problema da criação não está fora do que eu próprio penso e que isto pode acontecer sem paradoxo. Por que se anulariam a consciência que eu defendo

rei para o fim, foi a proibição do seu romance. O caso está absolutamente arrumado? Mas era necessário enviá-lo à censura? Não terá possibilidade de o fazer sair com alguns cortes? Sei todo o amor e todo o trabalho que se põe num livro e por isso avalio o seu desgosto. Diga-me alguma coisa se a situação se alterar.

E agora ponto final. As minhas cartas são sempre bastante caóticas mas esta talvez fique a ser a mais caótica de todas.

Até breve. Desculpe mais uma vez o longo silêncio. Um abraço e saudações cordiais do seu velho amigo e admirador

Lisboa, 17 de Setembro de 1953.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Regressei agora de férias (aliás consumidas no tratamento de uma broncopneumonia e respectiva convalescença) e ponho-me finalmente a responder a muitas cartas atrasadas. Você, que é realmente um romancista e que, portanto, tem o hábito de analisar e querer compreender o homem, pode aceitar que este silêncio (há cartas a que estou hoje a responder com dois anos de demora!) não significa de *modo algum* indiferença da minha parte. Não sei bem como a coisa se passa. Em Lisboa o tempo é sempre tomadíssimo e nem sempre a disposição é boa para todas as cartas. Vou então deixando a resposta (que, no entanto, não me sai da cabeça e se junta a várias outras preocupações habituais) “para a semana”. É assim que passo para a zona dos meses e, quando calha, dos anos!...

Tudo isto para lhe dizer que quis responder imediatamente às suas duas cartas a propósito da minha brochura sobre o Van Gogh e que, tendo guardado a ideia disso todos os dias, o faço agora como se fosse imediatamente... Em férias não me inquietei porque soube pelo R. Grácio⁴³, com quem tomava às vezes café na terreola onde ele também passou os primeiros dias de Agosto, que se ia lançar à temível aventura da excursão do “Vera Cruz”. E agora sei pelos jornais que você deve estar de novo no país. Já em Évora? De qualquer modo as minhas palavras lhe chegarão certamente às mãos.

Muito e muito obrigado por tudo quanto percorreu directa ou indirectamente a propósito do meu pequeno estudo. Não me faça a injustiça de julgar que me incomoda. Infelizmente ninguém pára um momento sobre o que os outros fazem. Cada um está apenas preocupado com o que faz ou (regra infelizmente muito mais geral) com o que pensa vir a fazer. A crítica desapareceu. A própria conversa (actividade de que sou guloso) está nitidamente em vias de desaparecer. E, então, quando recebo uma carta onde haja ideias em conflito ou susceptíveis de estarem em conflito é para mim uma grande alegria. As suas cartas felizmente são sempre assim (à parte o esforço que tenho de realizar para compreender a sua caligrafia, cada vez mais minúscula e arisca...) e várias vezes lamento que não tenhamos possibilidade de conversar pessoalmente sobre os vários pontos que elas sugerem e que vêm ao encontro de problemas que também são meus.

Todo o ano que passou foi para mim um longo período de vida intensa, a que certo tipo de desgostos, de desilusões de cunho pessoal e uma constante e profunda revisão de conceitos deram a nota essencial e constante. Apesar de conhecer um bocado de sofrimento em várias alturas da minha vida, num gráfico biográfico hipotético eu sublinharia estes dois últimos anos, mas sobretudo o último, como a zona de maior amargura e espanto. Estou saindo porém da crise em que me vi lançado, e acho-me cada vez mais fiel aos meus pontos

⁴³ Rui Grácio (1921 – 1991), também colaborador na *Vértice*, foi um importante pedagogo português responsável pelo Departamento de Pedagogia do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian e, mais tarde, Secretário de Estado do Ministério da Educação (1974-1975).

de vista iniciais e agora com uma dura experiência que só me ajudará a compreendê-los melhor, a percebê-los intimamente solidários com a realidade social e individual e a libertá-los *mais e mais* de todo o esquematismo traiçoeiro.

Digo-lhe isto porquê? Para o convencer de que tudo que me diz sobre o problema da criação não está fora do que eu próprio penso e que isto pode acontecer sem paradoxo. Por que se anulariam a *consciência* que eu defendo / em Van Gogh e a *indispensável* (sublinho) febre criadora (não medida, não voluntária, não lógica e talvez não explicável até ao fim) que existe no artista no próprio momento de encontrar novas relações? É tudo para mim uma questão de zonas e não de processos que se excluem, de momentos diferentes que se completam (na separação dos momentos, na delimitação dos momentos é que está a dificuldade) e não de atitudes que se opõem. A verdade é que a maior confusão, o ponto radical da confusão vem de se confundir sempre ou quase sempre o problema da arte no que ele tem de implicações sociais e programáticas com o problema da arte no que ele tem de condições de criação psicológicas e técnicas. Juntemos a isto o facto, igualmente desastroso, de nunca ou quase nunca se ver quanto estes dois grandes grupos de aspectos inevitavelmente se interferem e teremos a chave de todos esses lamentáveis artigos, de todas essas polémicas que não levam a lado nenhum, de todo esse primarismo que se estadeia pelos cafés (e infelizmente não só pelos cafés) e me repugnam tanto como a você.

Quanto às condições psicológicas e técnicas da criação, o meu, embora pouco aturado, exercício da pintura (de que me considero um simples amador, por mais apaixonado) tem-me ajudado a compreender muita coisa. E isto dá-me uma pequena vantagem sobre os que decretam (geralmente asneiras) sobre a pintura, por exemplo, e até sobre aqueles tão desejosos de nome e de aplauso (de qualquer aplauso) que, sob a capa - muito rota - de humanitários e de únicos capazes do verdadeiro martírio (infelizmente só em família) estão tentando encaminhar a arte para desertos repugnantes de falta de autenticidade, ao fim dos quais não se encontra mais que a traição da arte e do homem.

Estou a escrever muito depressa e receio que você não consiga de toda esta apressada confusão extrair o meu ponto de vista. Não tenho tempo também para reescrever esta carta. De qualquer modo, o que queria dizer-lhe é que o meu espírito de tendência predominantemente afirmativa não está tão longe, como às vezes pode parecer, da sua atitude habitual, ao que me parece, predominantemente interrogativa. E, assim, todas as suas dúvidas, todos os seus reparos, toda a sua tendência para constantemente repensar a vida e os seus dados serão bem-vindos e, de acordo com o que penso do homem e da sua riqueza, úteis para mim.

Voltaremos a falar de tudo isto sem as imprecisões e as falhas de uma carta escrita à pressa.

Reparei muito bem na exposição (com a organização da qual nada tive este ano pela primeira vez⁴⁴) nos trabalhos do jovem de que me fala. Lembro-me sobretudo dos óleos, onde acusa uma influência manifesta do Júlio Resende. Esta influência, evidentemente, só lhe pode ser benéfica. E ficou-me a impressão de que se trata de um jovem de talento. Evidentemente que, se me bater à porta, será recebido de braços abertos – como tem acontecido a todos que cá têm vindo ter. Mas ser-lhe-á o meu contacto útil? Sinceramente *não sei*. Tentei ajudar nos primeiros passos muitos jovens com a franca camaradagem que você sabe. Pus ao seu serviço os frutos (magros ou grados) da minha experiência. Mas, com raras excepções, olhando o panorama hoje, pessoa por pessoa, *não sei* se valeu a pena. Deixemos antes talvez o nosso jovem seguir, ganhar a sua experiência sozinho, aprender a andar por si mesmo, a defender-se por si mesmo. Talvez isto lhe seja mais útil. Não sei. Mas repito: se ele quiser vir, cá estarei com o interesse de sempre pelas novas possibilidades que surgem.

Uma das coisas que mais me preocupou na sua carta, e por isso a dei / xei para o fim, foi a proibição do seu romance. O caso está absolutamente arrumado? Mas era necessário enviá-lo à censura? Não terá possibilidade de o fazer sair com alguns cortes? Sei todo o amor e todo o trabalho que se põe num livro e por isso avalio o seu desgosto. Diga-me alguma coisa se a situação se alterar.

E agora ponto final. As minhas cartas são sempre bastante caóticas, mas esta talvez fique a ser a mais caótica de todas.

Até breve. Desculpe mais uma vez o longo silêncio. Um abraço e saudações cordiais do seu velho amigo e admirador

⁴⁴ No ano seguinte, 1954, M. D. recusar-se-ia a participar na VIII EGAP por considerar que os responsáveis aceitarem participar na II Bienal de S. Paulo por intermédio do Secretariado Nacional de Informação (SNI) violava os compromissos assumidos nestas exposições.

Carta X (Évora, 27.09.1953)

Évora 27.09.53

(R. Mesquita, 28)

Resposta posterior.

Meu caro J.º Diniz.

Embora a sua carta não implique uma resposta, nem por isso deixo de escrever-lhe, ao menos pelo gosto de também ter de conversar, - sobretudo quando converso por escrito. Não passo de projecto (malgrado como tantos outros) o passeio no Vau Cruz. Não se a minha vera cruz, sim, mas entre os serras da minha aldeia. Mas a 20, por decreto do Reitor, arrebatou-a para ali. Instantemente, fui lá na aldeia e de um modo inesperado, fui eu a sair de uma casa do lado de fora da igreja. Dece-me, porém, há muitas outras questões pendentes, antes de longa palestra sobre o caso.

O problema do meu livro parece resolver-se, - quanto à forma. Trata-se de um livro intervalar (pois devia-se um pouco dos temas que me interessam particularmente), mas que ^{acabei de} passar pelo relativo sucesso dos Trilhos já publicados, e ainda porque o devia à memória da minha infância. Talvez V. se lembre dos Trilhos (um saído no Vértice, há uns 3 anos), e outro Trilhos no bra em ser. último), onde se contava a história triste de um garoto perdido numa lavoura e aí submetido ao medo e à solidão. Somentemente que muito o livro, não recebeu um editor para ele. Se eu visse em Lisboa, abria-se ao lado dos que trazem sobrados o seu manuscrito para a glória e stória também os editores mais indefesos. Mas daí? Como atacar? Quando bate a porta, já não há vagas. O diabo é que a coragem expõe-se ao mais corajoso. Se eu me afastando, é só porque não vejo um sentido para a minha vida senão na arte. Assim, sem sonhando senão, pelo único Trilho solitário de escrever para mim.

O António Chaves ficou radiante com a possibilidade de conversar com V. Presentemente, J.º só em projecto, não tendo mais nada que valha a pena mostrar-lhe. De resto, atraído pelo interesse artístico da cerâmica (que os tintos estão a fazer e os práticos vendendo-se mal) tem trabalhado sobretudo nos pratos e púcaros. (Faz também umas belas gravuras em linóleo para o meu livro encalhado). Quando posto se oferecer ocasião, ele aí irá bater-lhe a porta, carregado de sonhos. Naturalmente, nem ele, nem eu, nem ninguém poderá acreditar que os seus indicações vão valer a pena. Eu compreendo bem o seu desânimo (sem de V.) e só por ele entendo a sua desistência na vantagem dos seus conselhos. Mas vamos ao que mais importa.

O meu problema, meu caro J.º Diniz, não é de pulso nem o que ele trazeu amarelo, é o problema da cultura moderna. Em cada dia que passa em me converso mais da situação humana do intelectual. Enquanto o homem se não divide de si mesmo, e não se põe dos seus senhores, então não, para os observar de frente, o problema de que fala não existe. Mas agora também me parece extremamente difícil, a não ser em homens

é ~~para~~ manifestar a realidade com que nos sentimos envolvidos no todo o lado. Não há tempo para abrir as portas com a chave. Como não entender assim a existência que a arte realmente constrói os problemas da arte? Mas a utilidade da arte só existe realmente se uma arte atinge o futuro, isto é, se for de facto arte. E o problema do tempo com que se ocupa o artista? E como não, se basta uma realização para se ter razão sobre toda a arte e toda a filosofia que vive para nós desempenhada? Na futura com que se vive o Presente, descansa-se o Futuro. E assim, quando o futuro é Presente, dá-se um colapso nas paredes. Ora a arte, a realidade, a que constrói, fala ao Presente, sim, mas do lado de lá do amanhã. É o Presente a que procura e dar-lhe voz, mas o som dessa voz é do futuro que vem acessando.

Assim me fez, portanto, que a minha letra inevitável (sem sequer a intenção de refazer a minha, imitando-o à maneira de outros) se não tenha imitado muito.

Gileis e conta a respeito a uma pessoa: inicial: a do meu desamparado romance.
 Lento-me extremamente deprimido com a perspectiva de alibi falência. Não conheço v. Por a
 um bandido de um editor com bom cargo de v. e francês e que me faça o mesmo?
 É um livro pequeno (140 págs. de texto e 20 págs. de fe, as contras de Unde +
 se diz a os grande publicos. Trabalhei-o um antinário. Para nada. É duro. Tope o não
 despare o meu pedido. Que hei-de eu fazer meus manuscritos o amigos de um a um? Certo
 editoral especu-me os pontos de vista para me publico o texto. Mas é suspeito e eu
 não seria confiante. O livro Alencar foi julgar-me de uma possibilidade no Brasil. Mas
 nunca mais deu acordo. Terei ainda uma edição a minha conta. Mas perderei dinheiro,
 além do que, - confuso -, me resta um pouco a "edição ao autor". Que me diz V. o?

Indice drag de m.^{le} an.^{le}
e adm.ⁿ de nume

July 1890

Évora, 27 – Setembro – 953⁴⁵

(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Embora a sua carta não implique uma resposta, nem por isso deixo de escrever-lhe, ao menos pelo gosto que também tenho de conversar – sobretudo quando converso por escrito. Não passou de projecto (malgrado como tantos outros) o passeio no *Vera Cruz*. Tive a minha vera cruz, sim, mas entre os serros da minha aldeia. Mas a 20, por decreto do Reitor, arrastei-a para aqui. Justamente, foi lá na aldeia, e de um modo inesperado, que eu soube alguma coisa daquilo de que você se queixa. Deixe-me, porém, liquidar outras questões miúdas, antes da longa palestra sobre o caso.

O problema do meu livro parece resolver-se – quanto à Censura. Trata-se de um livro *intervalar* (pois desvia-se um pouco dos temas que me interessam particularmente), mas que acabei de escrever pelo relativo sucesso dos trechos já publicados, e ainda porque o devia à memória da minha infância. Talvez você se lembre desses trechos (um saído na *Vértice*, há uns 3 anos, e outro aparecido na *Eva*⁴⁶ em Fevereiro último), onde se contava a história triste de um garoto metido num Seminário e aí submetido ao medo e à solidão. Somente acontece que, escrito o livro, não descubro um editor para ele. Se eu vivesse em Lisboa, alinharia ao lado dos que trazem sobraçado o seu manuscrito para a glória, e atacaria também os editores mais indefesos. Mas daqui? Como atacar? Quando bato a uma porta, já não há vagas. O diabo é que a coragem esgota-se ao mais corajoso. Se me vou aguentando, é só porque não vejo um sentido para a minha vida senão na arte. Assim, vou escrevendo sempre, pelo único prazer solitário de escrever para mim.

O António Charrua ficou radiante com a possibilidade de conversar com você. Presentemente, ferve só em projectos, não tendo pois quase nada que valha a pena mostrar-lhe. De resto, atraído pelo interesse prático da cerâmica (que as tintas estão caras e os quadros vendem-se mal), tem trabalhado sobretudo nos pratos e púcaras. (Fez também umas belas gravuras em linóleo para o meu livro encalhado.) Quando pois se oferecer ocasião, ele aí irá bater-lhe à porta, carregado de sonhos. Naturalmente, nem ele, nem eu, nem ninguém poderá acreditar que as suas indicações *não valham a pena*. Eu compreendo bem o seu desânimo (*seu* de você) e só por ele entendo a sua descrença na vantagem dos seus conselhos. Mas vamos ao que mais importa:

O seu problema, meu caro Mário Dionísio, esse que eu julgo ser o que lhe trouxe amarguras, é o problema base da cultura moderna. Em cada dia que passa eu me convenço mais da situação precária do intelectual. Enquanto o homem se não dividiu de si mesmo, se não separou das suas crenças, entusiasmos, para os observar de frente, o problema de que

⁴⁵ No canto superior direito da carta, pode ler-se, escrita a tinta azul por M. D., a nota “Respondida pessoalmente”.

⁴⁶ *Eva* (Lisboa, 1944 – 1980), revista feminina portuguesa onde colaboravam não só mulheres, mas também homens das letras ligados ao Neo-Realismo.

falo não existia. Mas agora também me parece extremamente difícil, a não ser em homens / excepcionais, reunir de novo o ser pensante ao actuante de modo a fazer deles um todo indestrutível. A ver bem o fundo das coisas, talvez seja este o sonho máximo de hoje: reconstituir a totalização perdida. O *prático* vive o dia-a-dia e não compromete senão aquela parte de si próprio que é da *prática*, isto é, da praça pública. Mas o intelectual tem de fundamentar toda a sua pessoa no que *permanece* e de comprometer toda a pessoa que ele é. No caso do artista (que age e pensa pelos sentimentos), a necessidade de uma constância e de um jogo total da sua personalidade é particularmente violenta. Restam-nos os exemplos raros dos que superam as limitações, ou seja dos Santos, os quais, atidos somente ao essencial, se aguentam apesar de tudo. Mas que interesse têm estes sujeitos para o *prático* que exige em cada dia uma actuação *concreta e avulsa*? Só o *prático* é uno e constante (ou pode sê-lo) porque abdica de *entender* (*intellegere*), isto é, de *ler entre*, ou seja *separar*. O *prático lê em*, não *lê entre*.

Eis porque o Absoluto necessário a uma acção constante, a uma adesão incondicional, não vamos achá-lo, nós, os intelectuais menores, os não-Santos mas apenas fiéis – não vamos achá-lo, dizia eu – senão na *Negação*. Isto é duro de aceitar, mas não há senão que fitar os problemas de caras. (No malfadado artigo *O Sim e o Não* eu já disse isto mesmo, sem grande originalidade.) Proponho-lhe, meu caro Mário Dionísio, uma pequena reflexão: foi em França que se tentou pela primeira vez um *Tratado do Materialismo Dialéctico*⁴⁷. Em França... E a tentativa abortou... *Entender é separar*. Por outro lado, ainda não vi *uma única grande obra de arte de qualquer país* que não fosse uma obra de *negação*. Dir-se-á que o carácter progressista de tais obras vem de se negar *o que está errado*. Bem o sei! Mas o próprio de uma obra cujo autor se unificou na aceitação profunda de uma ideia não é *negar* (o mal) mas *afirmar* (o bem).

Mas deste modo, a hora própria do intelectual (e do artista) é a hora da *crise* e até certo ponto a da *conquista*. Na crise, sim, nega-se. E na conquista, quaisquer tropas irregulares, qualquer ajuda é bem aceite. Quando porém a *ideia* se estabeleceu no poder, a hora é só da metralhadora vigilante. Uma ideia serve só para carregar essa metralhadora. Depois é importuna. Que esperar do futuro senão que as balas se gastem e se implore às ideias uma nova carga? (Sim, que tiros à toa é para loucos.)

Suponho pois que o dilema é só este: ou *agir estritamente*, embora com o risco, talvez a fatalidade, de ir dar a um beco sem saída, ou *pensar a acção*, decerto com a probabilidade de não armar um gatilho. Já você reparou como *as ideias* vão sendo, *desde o cimo*, cada vez mais escassas? Como o limite lógico de tal acção é o *robot*? Mas onde a eficácia para o futuro? Onde o caminho mais seguro para a conquista? Todos nós malhamos o que podemos num Malraux. Mas Malraux, meu caro Mário Dionísio, é o símbolo do grande problema de hoje: *acção-ideia*. No volumoso romance que há anos venho escrevendo e que versa precisamente este tema, certa personagem propõe que o intelectual seja hoje uma espécie de *bobo*, um

⁴⁷ Referência à obra de oito volumes *Traité de Matérialisme Dialectique*, idealizada por Henri Lefebvre, que acabou por ver apenas publicado o primeiro deles, *Logique Formelle, Logique Dialectique* (1947, Paris: Éditions Sociales).

conector dos entusiasmos, dos actos maciços, do trabalho cego. Claro que tal solução não é viável. Mas creio que seria a única lógica – para as duas partes.

E porque não é viável? Fundamentalmente, porque *desune*. Mas também porque / é esmagadora a *urgência* com que nos sentimos impelidos de todo o lado. Não há tempo para abrir as portas com a chave. Como não entender assim a irritação que a certos senhores causam os problemas da arte? Mas a utilidade da arte só existe realmente se essa arte atingir o futuro, isto é, se for de facto *arte*. E o soberano desprezo com que se cobre o artista? E como não, se basta uma metralhadora para se ter razão sobre toda a arte e toda a filosofia que vier para nós desarmada? Na fúria com que se vive o presente, descursa-se o futuro. E assim, quando o futuro é presente, dá-se com a cabeça nas paredes. Ora a arte, a verdadeira, a que conquista, fala ao presente, sim, mas do lado de lá do amanhã. Só o presente a pode provocar e dar-lhe voz. Mas o som dessa voz é do futuro que vem.

Meu caro Mário Dionísio: percorrer as ramificações destas e de tantas outras ideias seria não acabar tão cedo. Aqui me fico, portanto. Que a minha letra inevitável (sou incapaz de seguir um raciocínio, picotando-o à máquina de escrever) o não tenha irritado muito.

*
* *

Releio a carta e regresso a uma questão inicial: a do meu desamparado romance. Sinto-me extremamente deprimido com a perspectiva de abrir falência. Não conhecerá você por aí um bandido de um editor com bom coração de vez em quando e que me queira socorrer? É um livro pequeno (140 páginas dactilografadas a 2 espaços) e que, ao contrário de *Mudança*, se dirige ao grande público. Trabalhei-o com entusiasmo. Para nada. É duro. Espero o não desespero o meu pedido. Que hei-de eu fazer senão massacrar os amigos de um a um? Certa editorial ofereceu-se-me espontaneamente para me publicar os contos. Mas é *suspeita* e eu não queria confusões. O Luís Albuquerque falou-me de uma possibilidade no Brasil. Mas nunca mais deu acordo. Pensei ainda numa edição à minha custa. Mas perderei dinheiro, além de que – confesso – me vexa um pouco a “edição do autor”. Que me diz você?

Cordial abraço do muito amigo
e admirador de sempre

Vergílio Ferreira

Carta XI (Évora[?], Janeiro/Fevereiro 1954[?])

... mas não foi Domício:
 ... de o feitor pelo seu
 ... coisa "interna"
 ... parte publicada já diz muito. A trovada que V.
 não terá amado! (Aquele ataque ao Siderst...) Estas
 ... V. preparadas para se amarrem todas as
 suas citações de apoio sejam menos válidas? Não
 teria desde afresco — que a censura do autor de Amélia
 a fustigar. Não se ama — de Fustigar os autores
 de Amélia tal como si fui quando a fustigar
 defendendo permanentemente o velho retrato picantesco?
 Para o mais, de tudo isto é bastante mais uma razão na
 citações vifentes... e sustenta-la para li de todos os
 citando provis. Você está na razão. Mas pela forma
 de lição da Prática, não o deve estar. Por isso
 não estou. O problema es-intelectual que adere a

uma doutrina prática (pois em prática), e velho mundo
o mundo. A novidade que nós encontramos (na teoria, pois
dizer, um ponto de vista especulativo) foi a verdade
muda. Mas não foi isso que suprimiu o problema.
É isto porque: o próprio do intelectual fundar a sua
vida a sua religião, no domínio da permanência.
É o problema que se apresenta quando o próprio doutrina-
rador da verdade mutável, o próprio homem prático
(que foi sempre invariável com a própria vida) se vê
forçado a defender a sua doutrina não em nome da
mudança, mas em nome da estabilidade. E tudo
mudar (ideias e ações), o esforço do prático concentre-
-se no propósito de demonstrar que nada muda
fundamentalmente. É por ele mesmo que tem a tarefa
de defender a verdade íntima da mudança. Porque no fundo,
o homem sempre vive, nele o segredo de poder salvar-se
tudo.

É a vida em passado no futuro. Onde há (para
você) o tempo e a ação. Onde há o
amor e a dor da vida
Logo também

Évora[?], Janeiro/Fevereiro 1954[?]⁴⁸

Meu caro Mário Dionísio:

Tenho de o felicitar pelo seu artigo corajoso. Embora nos avise de que a coisa “continua”, a parte publicada já diz muito. A trovoada que você não terá armado! (Aquele citação de Diderot...) Estará porém você preparado para que amanhã todas as suas citações de apoio sejam menos válidas? Aceitará desde agora que a censura do autor de *Aurélien* a Fougeron não seja amanhã a de Fougeron ao autor de *Aurélien* tal como já foi quando Aragon⁴⁹ defendeu prematuramente o célebre retrato picassiano? Porque o mais difícil não é construir uma razão com citações vigentes: é construí-la para lá de todas as citações possíveis. *Você está na razão*. Mas pela força da lógica da *prática*, *não o deve estar*. Por isso o não estará. O problema do intelectual que adere a / uma doutrina prática (posta em prática) é velho como o mundo. A novidade que nós trouxemos (na teoria, quero dizer, num ponto de vista especulativo) foi afirmar que *a verdade muda*. Mas nem por isso superámos o problema. E isto porque é próprio do intelectual fundar a sua vida, a sua realização, no domínio *da permanência*. E o problema agrava-se se pensarmos que o próprio doutrinador da *verdade mutável*, o próprio homem prático (que foi sempre maquiavélico como a própria vida) se vê forçado a defender a sua doutrina não em nome da *mudança*, mas em nome da *estabilidade*. Se tudo mudou (ideias e acções), o esforço do prático concentra-se no propósito de demonstrar que *nada mudou fundamentalmente*. É que ele mesmo não tem a coragem de defender a verdade íntima da mudança. Porque, no fundo, o homem sofreria com isso, pela razão de querer salvar-se *todo*.

E aqui ia eu largado no paleio. Ainda bem (para você) que o papel acabou.

Cordial abraço do muito amigo e admirador de sempre

Vergílio Ferreira

⁴⁸ Estipulou-se a data de Janeiro/Fevereiro de 1954 para esta carta, não datada, tendo em conta que a primeira parte do artigo “O sonho e as mãos” foi publicada por Mário Dionísio na *Vértice* em Janeiro de 1954 (*Vértice*, Vol. XIV, 124, Janeiro 1954, pp. 33-37) e a segunda no número e mês seguintes (*Vértice*, Vol. XIV, 125, Fevereiro 1954, pp. 93-101). A carta terá sido escrita entre os últimos dias de Janeiro e os primeiros de Fevereiro desse ano, tendo em conta que a revista saía nos últimos dias de cada mês. Ainda que já tivesse antecedentes – suscitados por um artigo de João José Cochofel publicado na *Vértice* em 1952 (“Notas soltas acerca da arte, dos artistas e do público”, Vol. XII, 107, Julho de 1952, pp. 343-349) –, é com a publicação deste artigo que estalará na revista, pouco tempo depois, a famosa polémica de 1954 (cf. ponto 1.2.1), de que dão conta esta carta e as seguintes.

⁴⁹ ARAGON, Louis (1944). *Aurélien*. Paris: Éditions Gallimard.

Carta XII (Lisboa, 25.02.1954)

Lisboa, 25. Fev. 54:

Meu caro Vergílio Ferreira :

Obrigado, obrigado pelo conforto que me deu o seu apoio à primeira parte do meu artigo. Oxalá a continuação o não desiluda...

Só um tempo tomadíssimo, sob vários aspectos, me fez levar tantos dias a agradecer-lhe as suas palavras. Não sei se a coisa levantou as tempestades que você previu porque cada vez sei menos do que se passa para lá dos meus próprios trabalhos e de uma reduzida roda de bons amigos. Ao contrário (contra toda a minha expectativa), os ecos que me têm chegado ~~em~~ são de concordância e estímulo. Devo confessar-lhe a alegria que isto me dá, não por vaidade (embora seja este um dos pecados mortais de que sou acusado...), como você facilmente calcula, mas por me deixar entrever que nem tudo estará perdido nesta "apagada e vil tristeza", que a sinceridade e a independência ainda têm os seus adeptos, que nem tudo são cardos nestes sujos dias, nestes desolados dias.

Li com muito prazer as suas hipóteses, os seus fecundos receios quanto à desactualização de certas citações. Como eu conheço isso, meu caro Vergílio Ferreira! Já não estou em altura de me surpreender com a incoerência cíclica das pessoas "coerentes" e, se busco a autoridade circunstancial de certos autores que alguns aceitam como deuses, para corroborar o que me parece essencial na atitude do homem de hoje perante o tempo e as encruzilhadas que ele próprio está criando é apenas porque isso facilita. Aprendi a saber ligar e desligar o contacto de análise e afirmação, sem prejuízo do que mais me interessa ou precisamente por bem do que mais me interessa. E "este" o que mais me interessa" é, como sabe, um mundo de estradas e "semideiros"...

A contradição entre o "estável" e o "mudável", á que se refere, é autêntica e terrível. Mas porque não havemos de encontrar o estável no próprio mudável? Porque não procurar o equilíbrio na linha que une os constantes desequilíbrios para que ~~consequentemente~~ tendemos e sem os quais não sabemos, não podemos passar? Sem este arreigado desejo de escangalhar os equilíbrios, de desmentir, de recuperar virgindades perdidas, com a certeza, embora, de que logo deixarão de ser virgindades, adeus interesse, beleza, encantamento, justificação, até, da própria vida. Sem isso, só o suicídio ou o nojo de si mesmo.

Como ligar isto tudo ao "prático" de que v. fala? Honestamente só lhe posso responder: não sei nem quero curar disso de momento.

Abraço D

Lisboa, 25. Fevereiro. 54:

Meu caro Vergílio Ferreira:

Obrigado, obrigado pelo conforto que me deu o seu apoio à primeira parte do meu artigo. Oxalá a continuação o não desiluda...

Só um tempo tomadíssimo, sob vários aspectos, me fez levar tantos dias a agradecer-lhe as suas palavras. Não sei se a coisa levantou as tempestades que você previu porque cada vez sei menos do que se passa para lá dos meus próprios trabalhos e de uma reduzida roda de bons amigos. Ao contrário (também contra toda a minha expectativa), os ecos que me têm chegado são de concordância e estímulo. Devo confessar-lhe a alegria que isto me dá, não por vaidade (embora seja este um dos pecados mortais de que sou acusado...), como você facilmente calcula, mas por me deixar entrever que nem tudo estará perdido nesta "apagada e vil tristeza", que a sinceridade e a independência ainda têm os seus adeptos, que nem tudo são cardos nestes sujos dias, nestes desolados dias.

Li com muito prazer as suas hipóteses, os seus fecundos receios quanto à desactualização de certas citações. Como eu conheço isso, meu caro Vergílio Ferreira! Já não estou em altura de me surpreender com a incoerência cíclica das pessoas "coerentes", e, se busco a autoridade circunstancial de certos autores que alguns aceitam como deuses, para corroborar o que me parece essencial na atitude do homem de hoje perante o tempo e as encruzilhadas que ele próprio está criando, é apenas porque isso facilita. Aprendi a saber ligar e desligar o contacto de análise e afirmação, sem prejuízo do que mais me interessa ou precisamente por bem do que mais me interessa. E este "o que mais me interessa" é, como sabe, um mundo de estradas e "semideiros"...

A contradição entre o "estável" e o "mudável", a que se refere, é autêntica e terrível. Mas porque não havemos de encontrar o estável no próprio mudável? Porque não procurar o equilíbrio na linha que une os constantes desequilíbrios para que tendemos e sem os quais não sabemos, não podemos passar? Sem este arreigado desejo de escangalhar os equilíbrios, de desmentir, de recuperar virgindades perdidas, com a certeza, embora, de que logo deixarão de ser virgindades, adeus interesse, beleza, encantamento, justificação, até, da própria vida. Sem isso, só o suicídio ou o nojo de si mesmo.

Como ligar isto tudo ao "prático" de que você fala? Honestamente só lhe posso responder: não sei nem quero curar disso de momento.

Abraços de

Carta XIII (Évora[?], Agosto/Setembro 1954[?])

Bem como por - Dimensões:
 Das suas palavras, V.ª the
 afirmam, ora - mesmo - pouco distanciam-se do
 seguinte, e muita solidiedade no ato de desavido do
 L. Antº Vale (e do L. Gran Lopo) - propósito
 de um maior anti. O tanto e o mais. A cascada
 bestialidade do Antº Vale - Nada dizem-me por
 fundamento. t. ora, por can por - Dimensões; a um -
 um, todos os espanhóis e uma bondade, - de o L.
 Observe a Voz, as Lopo, etc. Parece por uma
 afirmação comum de estes princípios nos interesses
todos. Resposta pois se os não convenientes
questionamos o António Vale, ficando-o a
 demonstrar o seu intento em a demonstrar a sua
 obra estúpida e ignorância.
 P. 1.ª
 tu estás a redigir um artigo em
 que compendias - emendando e ampliando -
 os meus considerandos para a tua tese histórica.
 At. V.ª a este via de Vale - em o mesmo caso.
 mas não tens por redigir um artigo sobre o caso.

Évora[?], Agosto/Setembro 1954[?] ⁵⁰

Meu caro Mário Dionísio:

Duas breves palavras para lhe afirmar, assim mesmo um pouco idealistamente ou utopicamente, a minha solidariedade no ataque descarado do Sr. António Vale (e do Sr. Óscar Lopes) a propósito do seu corajoso artigo *O Sonho e as mãos*. A cascuda bestialidade do António Vale-Nada chocou-me profundamente. E assim, meu caro Mário Dionísio, de um a um, todos vão apanhando a sua bordoadada – desde o Carlos de Oliveira⁵¹ a você, ao Lopes- Graça, etc. Penso que uma *afirmação comum* de certos princípios *nos interessaria a todos*. Pergunto pois se não seria conveniente *questionarmos o António Vale*, forçando-o a desmascarar os seus intentos ou a demonstrar a sua córnea estupidez e ignorância.

Um cordial abraço do

Vergílio Ferreira

P. S. Falo no Óscar Lopes, porque vejo num dos últimos números da revista que o “nosso colaborador, historiador, crítico, professor e não sei que mais” fez uma conferência intitulada *As mãos e o espírito*⁵².

Naturalmente, “António Vale” é um pseudónimo – o que agrava a coisa.

P. S. (a) Eu estou a redigir um ensaio em que compendiarei – emendando e ampliando – as minhas considerações que sobre arte tenho feito. Aí voltarei à cretinice do Vale – sem o mencionar. Mas isso não tira que se redija um articulado comum sobre o caso.

⁵⁰ Estipulou-se a data de Agosto/Setembro de 1954 para esta carta tendo em conta que o artigo de António Vale (Álvaro Cunhal) “Cinco notas sobre forma e conteúdo”, em resposta ao artigo de MD “O sonho e as mãos”, foi publicado nos números da *Vértice* correspondentes (*Vértice*, 131-132, Vol. XIV, Agosto-Setembro de 1954, pp. 466-484).

⁵¹ A referida *bordoadada* refere-se à crítica de Armando Bacelar a *Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira, publicada na mesma revista dois números antes (*Vértice*, 129, Vol. XIV, Junho de 1954, pp. 379-381) e que deu origem a uma outra polémica, entre o romancista e o crítico, que terminaria dois números depois.

⁵² A notícia da conferência de Óscar Lopes, realizada a 17 de Junho na Secção Distrital do Porto do Sindicato Nacional dos Empregados de Seguros, havia sido publicada no número anterior da revista (*Vértice*, 130, Vol. XIV, Julho de 1954, p. 437).

Postal ilustrado I (Bruxelas, 06.09.1954)



Paris, 6 – Setembro – 954
Hôtel Saint-Paul

Dr. Mário Dionísio
Pensão Mariana⁵³
Galamares, Portugal

Meu caro Mário Dionísio:

Duas palavras apenas para o saudar e agradecer-lhe as suas informações, extremamente úteis. O Paris que vem na *Sebenta*, já o percorri. Fui depois à Bélgica e Holanda e aqui estou de novo. A Holanda é um país curioso. Mas suponho que os holandeses – extremamente simpáticos – têm um pouco de leite a mais no sangue. Paris reactiva-se agora com a abertura das aulas. Veremos o que dá.

Cordial abraço do

Vergílio Ferreira

⁵³ Durante o período de 1953 a 1957, enquanto M. D. trabalhava n' *A Paleta e o Mundo*, a aldeia de Galamares, em Sintra, foi o local escolhido para as férias de Verão, Páscoa e fins-de-semana da família Dionísio. Inicialmente instalada na Pensão Mariana, mudar-se-ia depois para a casa do Sr. José da Quinta, uma casa alugada ao ano onde passava várias temporadas (cf. Postal ilustrado II). No postal, pode ler-se, rasurada (provavelmente pelo carteiro), a morada da família Dionísio em Lisboa.

Carta XIV (Lisboa, 13.10.1954)

Lisboa, 13 de Outubro de 1954.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Muito obrigado pelo seu postal de Paris e
e pelo seu abraço de solidariedade em relação
a mais aquela alfinetada que recebi.

Há muito pouco a fazer contra a estupidez
crassa e ainda menos quando à estupidez se jun-
ta a deliberada má intenção.

Não sei quem é o autor daquela triste mi-
séria. Da Redacção, envolvem a coisa em alto mis-
tério - como convém às origens das pedras filo-
sofais...

Já também tenho pensado numa afirmação em
conjunto, como aquela a que Você se refere. Mas,
por enquanto, não sei se ela será conveniente ou
mesmo possível. Sob qualquer aspecto que o en-
caremos, o momento não é fácil. Limitei-me a en-
viar uma carta à revista, e que será publicada
no próximo número, com um desmentido formal quan-
to às minhas pretensas alterações ideológicas..

Fico à espera do seu ensaio. Se tivesse
tempo, também escreveria uma série de notas a
propósito das incríveis confusões que correm
em forma de doutrina definitiva. Mas estou a
trabalhar num velho projecto que me ocupa to-
das as horas livres de aulas.

Até breve. Um bom abraço do velho amigo
e admirador

Lisboa, 13 de Outubro de 1954.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Muito obrigado pelo seu postal de Paris e pelo seu abraço de solidariedade em relação a mais aquela alfinetada⁵⁴ que recebi.

Há muito pouco a fazer contra a estupidez crassa e ainda menos quando à estupidez se junta a deliberada má intenção.

Não sei quem é o autor daquela triste miséria. Da Redacção, envolvem a coisa em alto mistério – como convém às origens das pedras filosofais...

Já também tenho pensado numa afirmação em conjunto, como aquela a que Você se refere. Mas, por enquanto, não sei se ela será conveniente ou mesmo possível. Sob qualquer aspecto que o encaremos, o momento não é fácil. Limitei-me a enviar uma carta à revista, e que será publicada no próximo número, com um desmentido formal quanto às minhas pretensas alterações ideológicas...⁵⁵

Fico à espera do seu ensaio. Se tivesse tempo, também escreveria uma série de notas a propósito das incríveis confusões que correm em forma de doutrina definitiva. Mas estou a trabalhar num velho projecto que me ocupa *todas* as horas livres de aulas.

Até breve. Um bom abraço do velho amigo e admirador

⁵⁴ A referida *alfinetada* vem no seguimento da já referida polémica.

⁵⁵ A carta que M. D. refere viria a ser efectivamente publicada na *Vértice* com o título “Uma carta do nosso colaborador Mário Dionísio”, endereçada a Mário Braga e com a data de 1 de Outubro do mesmo ano (*Vértice*, 133, Vol. XIV, Outubro 1954, pp. 566-568).

Carta XV (Lisboa, 18.02.1955)

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Há dias que estou para escrever-lhe sobre um assunto que foi, durante muitos anos, de nosso particular interesse e parece oferecer agora possibilidades de voltar a sê-lo. Refiro-me a Vertice,

Você tem certamente acompanhado com a mesma mágoa do que eu (e muitas outras pessoas) o triste descalabro da revista. Desde a payorosa confusão ideológica ao nível da colaboração e até à inesperada ausência de... colaboradores, o plano dos assaltantes parece estar cumprido. A revista teria de sofrer os resultados da incapacidade teórica e actuante que a Redacção revelou, optando por um neutralismo (em que fingiu acreditar) entre os seus colaboradores e amigos de sempre atacados (e entre estes contam-se membros da redacção e a quase totalidade dos proprietários!) e os grupos mais ou menos aguerridos, especializados na verrina de café e em "golpes de estado" ençapitados que resolveram tomar a praça de assalto. O caso é público e você conhece-o bem : multidões de jovens pletóricos de talento (a maior parte, pelo menos da nossa idade...) a que nos fechávamos a revista, pessoas de vastíssima cultura e de arsenal ideológico actualizadíssimo, verdadeiros heróis da emancipação nacional, capazes de todos os sacrifícios pessoais pelas suas ideias e pela revista resolveram tomar lugar destes ~~malabaristas~~ velhorros interesseiros, pessoalistas, envenenadores do povo com o seu inveterado formalismo... Com o cauteloso assentimento de alguns que julgavam a coisa definitiva (e, depois, já não poderiam mais ser heróis e grandes artistas que amam o povo) e, com a neutralidade da Redacção, a revista foi de facto tomada por uma série de grupos "de amigos", logo constituídos numa "vasta" organização nuclear (núcleo era o termo técnico usado e, como vê, bastante original) que fez de "Vertice"... aquilo que temos visto. O artigo do tal senhor Vale (o tal a que você chamava Vale-nada nas boas palavras que me escreveu num momento bem amargo e que eu não esqueerei), e a "polemica" Cochofel-Snr Saraiva foram a "apothose" desta tragi-comédia.

A redacção parece, finalmente, ter acordado e resolveu libertar-se de combinações que, alias, só tácitamente aceitara e comunicou ao Director (chefe angelico dos bandos salvadores) a sua decisão de não mais reconhecer os famosos núcleos e de fazer voltar a revista aos tempos anteriores à invasão dos ~~malabaristas~~ nossos heróis. E, nesta altura, pede-nos que voltemos à colaboração e que a ajudemos a fazer novamente de "Vertice" uma revista de cultura e arte, como na capa se intitula.

Não sei o que pensa do problema nem sei se saberá com pormenor as razões abundantes que todos aqui temos para nem querermos ~~malabaristas~~ ouvir falar nisto. Mas a verdade é que aceitamos prestar esta ajuda. O João, como ~~malabarista~~ um dos proprietários e antigo membro da redacção, aceitou o encargo de nos falar a todos e de conseguir uma colaboração constante da nossa parte. E eu estou a ajudá-lo. Desta ajuda faz parte escrever-lhe esta carta e pedir-lhe que nos acompanhe : mande-nos um artigo tão depressa quanto possa (no caso de ter alguma coisa pronta, seria ótimo que ma enviasse até ao dia 28). Não se trata de voltar aos antigos tempos, nem isso, creio eu, seria já possível, depois de tanto lodo que correu ~~malabaristas~~ sob as pontes. Trata-se apenas de uma última tentativa de aproveitar a única coisa que se publica no país. Convidando-o, mais não fazemos do que convidá-lo a acompanhar-nos nesta tentativa, que, como todas as tentativas, triunfara ou falhara, e não tem qualquer outra intenção ~~malabarista~~ que ~~malabaristas~~ não seja a de tornar a dar a "Vertice" um clima honesto e limpo, substituindo ~~malabaristas~~ o ambiente de arruaça e vacuidade por um espírito de verdadeiro trabalho e ~~malabaristas~~ *unidade*.

Muito importante : Tudo isto tentaremos de fora, na nossa qualidade de simples colaboradores, sem qualquer responsabilidade na orientação da revista e nas surpresas que, apesar de tudo, ela nos trará.

O próximo número publicará colaboração de Keil Amaral, Lopes Graça, Gomes Ferreira, João Cochofel, Jorge Macedo, José Fernandes Fafe e minha, além da que a Redacção resolver juntar-lhe.

Responda com a brevidade que puder e aceite um abraço do velho amigo e admirador

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Há dias que estou para escrever-lhe sobre um assunto que foi, durante muitos anos, de nosso particular interesse e parece oferecer agora possibilidades de voltar a sê-lo. Refiro-me a *Vértice*.

Você tem certamente acompanhado com a mesma mágoa do que eu (e muitas outras pessoas) o triste descalabro da revista. Desde a pavorosa confusão ideológica ao nível da colaboração e até à inesperada ausência de... colaboradores, o plano dos assaltantes parece estar cumprido. A revista teria de sofrer os resultados da incapacidade teórica e actuante que a Redacção revelou, optando por um neutralismo (em que fingiu acreditar) entre os seus colaboradores e amigos de sempre atacados (e entre estes contam-se membros da redacção e a quase totalidade dos proprietários!) e os grupos mais ou menos aguerridos, especializados na verrina de café e em “golpes de estado” encapotados que resolveram tomar a praça de assalto. O caso é público e você conhece-o bem: multidões de jovens pletóricos de talento (a maior parte, pelo menos da nossa idade...) a que nós fechávamos a revista, pessoas de vastíssima cultura e de arsenal ideológico actualizadíssimo, verdadeiros heróis da emancipação nacional, capazes de todos os sacrifícios pessoais pelas suas ideias e pela revista resolveram tomar lugar destes velhorros interesseiros, pessoalistas, envenenadores do povo com o seu inveterado formalismo... Com o cauteloso assentimento de alguns que julgavam a coisa definitiva (e, depois, já não poderiam mais ser heróis e grandes artistas que amam o povo) e com a neutralidade da Redacção, a revista foi de facto tomada por uma série de grupos “de amigos”, logo constituídos numa “vasta” organização nuclear (núcleo era o termo técnico usado e, como vê, bastante original) que fez de *Vértice*... aquilo que temos visto. O artigo do tal senhor Vale (o tal a que você chamava Vale-nada nas boas palavras que me escreveu num momento bem amargo e que eu não esquecerei) e a “polémica” Cochofel⁵⁶ – Snr. Saraiva⁵⁷ foram a “apothéose” desta tragicomédia.

A redacção parece, finalmente, ter acordado e resolveu libertar-se de combinações que, aliás, só tacitamente aceitara e comunicou ao Director⁵⁸ (chefe angélico dos bandos salvadores) a sua decisão de não mais reconhecer os famosos núcleos e de fazer voltar a revista aos tempos anteriores à invasão dos nossos heróis. E, nesta altura, pede-nos que voltemos à colaboração e que a ajudemos a fazer novamente de *Vértice* uma revista de cultura e arte, como na capa se intitula.

⁵⁶ João José Cochofel (1919 – 1982), poeta, ensaísta e crítico literário, importante nome do Neo-Realismo português e colaborador na *Vértice*.

⁵⁷ António José Saraiva (1917 – 1993), escritor, ensaísta, crítico e historiador da literatura portuguesa, também colaborador na *Vértice*.

⁵⁸ Ainda que neste ano figure o nome de Raúl Gomes, o fundador de *Vértice*, como director da revista (para ludibriar a censura), sabemos que não poderá tratar-se do próprio, uma vez que abandonara a mesma anos antes ao vir leccionar para Lisboa.

Não sei o que pensa do problema nem sei se saberá com pormenor as razões abundantes que todos aqui temos para nem querermos ouvir falar nisso. Mas a verdade é que aceitámos prestar esta *ajuda*. O João, como um dos proprietários e antigo membro da redacção, aceitou o encargo de nos falar a todos e de conseguir uma colaboração constante da nossa parte. E eu estou a ajudá-lo. Desta ajuda faz parte escrever-lhe esta carta e pedir-lhe que nos acompanhe: mande-nos um artigo tão depressa quanto possa (no caso de ter alguma coisa pronta, seria óptimo que ma enviasse até ao dia 28). Não se trata de voltar *aos antigos tempos*, nem isso, creio eu, seria já possível, depois de tanto lodo que correu sob as pontes. Trata-se apenas de uma *última tentativa* de aproveitar a única coisa nossa que se publica no país. Convidando-o, mais não fazemos do que convidá-lo a acompanhar-nos nesta *tentativa*, que, como todas as tentativas, triunfará ou falhará, e não tem qualquer outra intenção que não seja a de tornar a dar a *Vértice* um clima honesto e limpo, substituindo o ambiente de arruaça e vacuidade por um espírito de verdadeiro trabalho e unidade. /

Muito importante: Tudo isto tentaremos de fora, na nossa qualidade de simples colaboradores, sem qualquer responsabilidade na orientação da revista e nas surpresas que, apesar de tudo, ela nos trará.

O próximo número publicará colaborações de Keil Amaral, Lopes-Graça, Gomes Ferreira, João Cochofel, Jorge Macedo⁵⁹, José Fernandes Fafe⁶⁰ e minha, além da que a Redacção resolver juntar-lhe.

Responda com a brevidade que puder e aceite um abraço
do velho amigo e admirador

⁵⁹ Jorge Borges de Macedo (1921 – 1996), historiador, professor universitário e director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁶⁰ José Fernandes Fafe (1927), poeta, romancista, ensaísta e diplomata português.

Carta XVI (Évora, 16.03.1955)

Évora, 16. março - 955 -
 (P. Masfite, 28)

Querido amigo,
 Recebi a tua carta de 15.3.55 e fiquei muito contente por saber que estás bem e a trabalhar. A tua obra é muito importante e eu sei que vais fazer um grande trabalho. A tua obra é muito importante e eu sei que vais fazer um grande trabalho.

Quando chegas ao mundo a tua Paleta?

Estamos todos curiosos. Tem V. a' uma excelente
oportunidade p^a nos dar tudo o que tem no saco.
"Tudo", não se refere só aos fenômenos específicos de
Arte: - são também (a sociedade) os diversos problemas
humanos postos em evidência pela situação moderna
de Arte.

Breve lhe enviarei um novo romance velho.
Performance intercalar. Talvez não era este que eu dese-
java. Publicar, mas o autor - grande, enorme - so-

bre os intelectuais frente ao mundo de hoje, já
saio, já lido por alguns anos - mas que muita
polêmica. Paciência. Em toda a obra (salvo um ou
outro excesso) estáticamente, está deve saber-se. Já
é pouco. Ainda sobre as tentativas (com) outras,
em uma terra se filia precisamente o artista que
lhe enviarei.

P. S.
Miguel lhe reponde nas palavras
do meu livro. E diga-me: tem alguma
V. inclinação na sua paleta reprodu-
ções dos pontos pretos? Toda a
gente defende os seus artistas.
Não devemos fazer o mesmo. E
muito. Resende talvez não detoe.
Que diz?

Indica-lhe ao
meu amigo
adm^o de sempre
V. L. e P.

Évora, 16 – Março – 955
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Acabei ontem (e comecei a dactilografar) o prometido artigo. Mas acontece que descobri, nos papéis, um outro, velho de uns meses, que talvez sirva também. Tentarei copiar os dois – e você escolherá. O recente agrada-me mais, mas talvez seja mais *indigesto*. Nele *canto* a Arte, como expressão final de uma vida alta – para quem foi perdendo (ou a quem foram destruindo) as *certezas de reserva*. O mais antigo baseia-se sobretudo em Francastel⁶¹ (*Pintura e Sociedade*) para rebater os Senhores que vêem na *perspectiva* uma “descoberta” e não uma “conquista”, uma “convenção”. Dos 2, aquele que você rejeitar, enviá-lo-ei ao *Janeiro*⁶².

Quando chega ao *Mundo* a sua *Paleta*⁶³? / Estamos todos curiosos. Tem você aí uma excelente oportunidade para nos dar *tudo o que tem no saco*. “Tudo” não se refere só ao fenómeno específico de Arte – são também (ou sobretudo) os terríveis problemas humanos postos em evidência pela *situação* moderna da Arte.

Breve lhe enviarei um novo romance meu. Romance *intervalar*. Porque não era este que eu desejaria publicar, mas um outro – grande, enorme – sobre o intelectual frente ao mundo de hoje, já escrito, já lido por alguns amigos – *mas que mete polícia*. Paciência. Em todo o caso (salvo um ou outro *excesso*), esteticamente, este deve *safar-se*. Mas é pouco. Ando agora aos tombos com outro, em cujo tema se filia precisamente o artigo que lhe enviarei.

Cordial abraço do muito amigo e admirador de sempre

Vergílio Ferreira

P. S. Agradeço-lhe *repare* nas gravuras do meu livro. E diga-me: tenciona você incluir na sua *Paleta* reproduções dos portugueses? Toda a gente defende os seus artistas. Nós deveremos fazer o mesmo. E um Júlio Resende talvez não *destoe*. Que diz?

⁶¹ Pierre Albert Émile Ghislain Francastel (1900 – 1970), prestigiado historiador e crítico de arte francês, considerado um dos fundadores da Sociologia da Arte.

⁶² Jornal *O Primeiro de Janeiro*, “Suplemento das Artes e Letras” (Porto, 1942-1972). O referido artigo poderá tratar-se, talvez, de “A missão internacional da arte”, publicado neste jornal a 22 de Outubro de 1958. No entanto, tendo em conta o hiato de três anos entre a escrita da carta e o mesmo, é possível que um outro artigo tenha sido escrito antes no mesmo periódico.

⁶³ *A Paleta e o Mundo*. Vergílio Ferreira dedicar-lhe-ia nove anos depois, no *Diário de Lisboa*, um artigo com o mesmo título (*Diário de Lisboa*, Lisboa, 6/2/1964).

Carta XVII (Évora[?], 17.03.1955[?])

18. Março. 1955

Meu caro Mário Dionísio:

Estou estafado (efeitos de uma gripe que me amolçou o seu quato) e não me é possível assim copiar já o outro artigo. Vai pois este, -decerto o melhor. A minha dúvida mais grave é sebrá se ele é **canónico**. Você dirá. Assentemos portanto em que V. me avisará caso o **CÂNTICO FINAL** seja música desafinada. Então eu amocharei de novo à máquina de escrever e copiarei o outro (cujo teor já V. conhece). A propósito (e aqui para nós), eu penso que o destino da **VÉRTICE** está esgotado. A não ~~ser~~ que me turbem a minha **heterodoxia**, ou qualquer coisa por isso.

Do romance (ainda!) -que me está sendo uma obsessão: Esqueci-me de frisar-lhe que se ^o escrevi, foi porque, subitamente, uma história de um Seminário me pareceu facilmente **transponível** à história de **qualquer sociedade fechada**. A minha última esperança é que me não leiam como ^{uma} recordação da infância", -embora eu devesse à infância tal recordação. Isto mesmo, aliás, o digo nas primeiras páginas do livro, pela boca do narrador

Fei quando ele (o narrador) reconheceu na sua história
um eco do que no mundo ~~teve~~ **teve voz de se ouvir**, que se
decidiu a escrevê-la.

Travo aqui. Diga-me, pois, por favor, se recebeu
o artigo **e se ele não violenta excessivamente os cânones.**

Cordial abraço de
de sempre am e adm or

P. f.
Quão
do
art. f. o.

De romance (ainda!) - que me está sendo uma ob-
sessão: Rápido-me de frisar-lhe que se escrevi, foi a
porque, subitamente, uma história de um Seminário me pa-
receu tão facilmente **transponível** a história de qualquer
sociedade fechada. A minha última esperança é que me
não leiam como a recordação da infância, - embora eu de-
vesse a infância tal recordação. Isto mesmo, aliás, e di-
go nas primeiras páginas de livro, pela boca de narrador

Évora[?], 17 Março 1955[?] ⁶⁴

Meu caro Mário Dionísio:

Estou estafado (efeitos de uma gripe que me amolgou o seu quanto) e não me é possível assim copiar já o outro artigo. Vai pois este – decerto o melhor. A minha dúvida mais grave é sobre se ele é *canónico*. Você dirá. Assentemos portanto em que você me avisará caso o *Cântico Final* ⁶⁵ seja música desafinada. Então eu amocharei de novo à máquina de escrever e copiarei o outro (cujo teor já você conhece). A propósito (e aqui para nós), eu penso que o destino da *Vértice* está esgotado. A não ser que me turbe a minha *heterodoxia*, ou qualquer coisa por isso.

Do romance (ainda!) – que me está sendo uma obsessão: Esqueci-me de frisar-lhe que se o escrevi, foi porque, subitamente, uma história de um Seminário me pareceu facilmente *transponível* à história de *qualquer sociedade fechada*. A minha última esperança é que me não leiam como “uma recordação da infância” – embora eu devesse à infância tal recordação. Isto mesmo, aliás, o digo nas primeiras páginas do livro, pela boca do narrador. / Foi quando ele (o narrador) reconheceu na sua história um eco do que no mundo *tinha voz de se ouvir*, que se decidiu a escrevê-la.

Travo aqui. Diga-me, pois, por favor, se recebeu o artigo e se *ele não violenta excessivamente os cânones*.

Cordial abraço do de sempre amigo e admirador

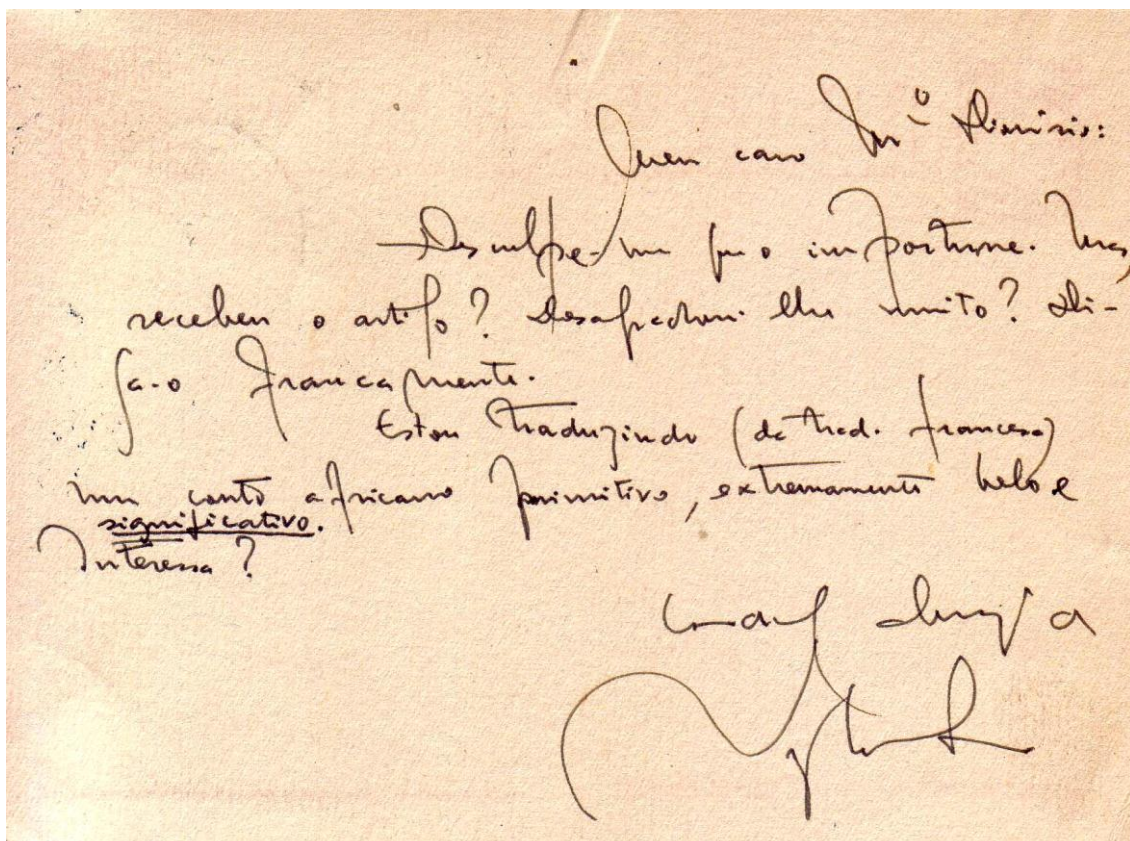
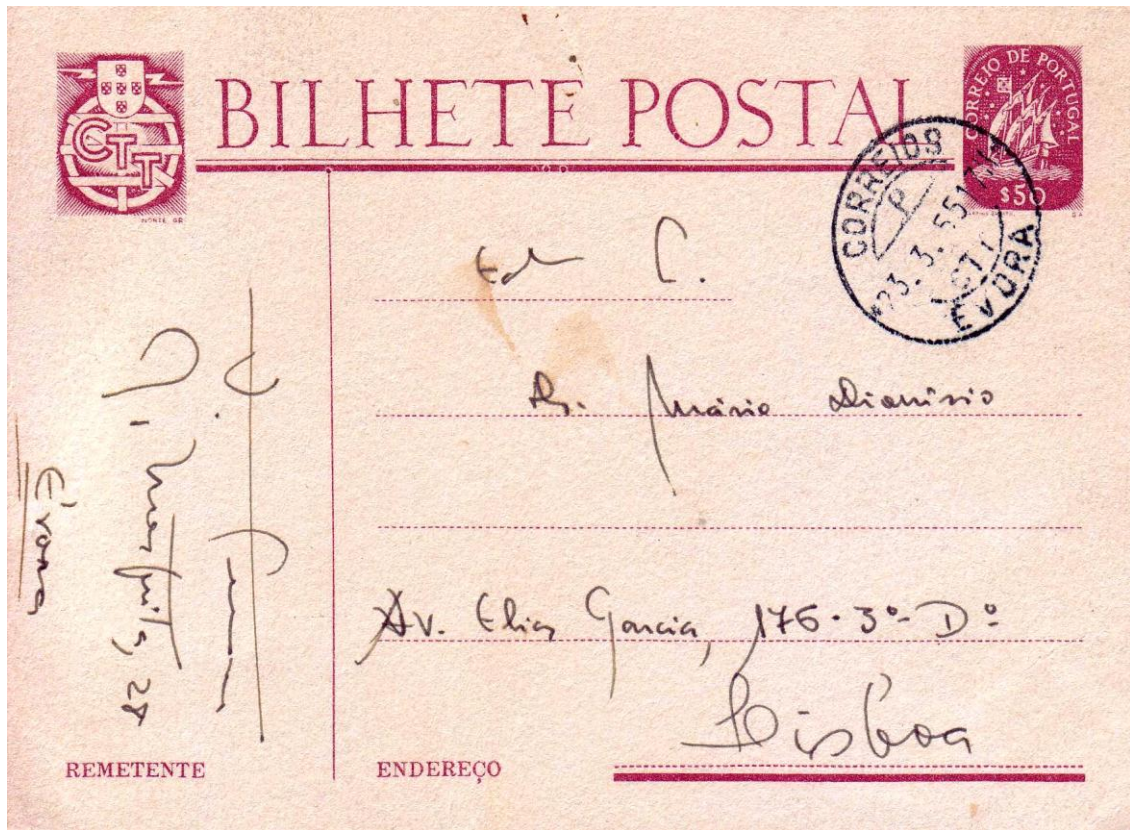
Vergílio Ferreira

P. S. Que não esqueçam as *provas tipográficas* do artigo.

⁶⁴ Estipulou-se a data de 17 de Março de 1955, tendo em conta que no canto superior esquerdo da carta pode ler-se, assinada a tinta azul por M. D., a data de 18 de Março de 1955, por certo a data de recepção da mesma.

⁶⁵ O título *Cântico Final* foi originalmente usado por V. F. num artigo publicado na *Vértice* do mesmo ano (*Vértice*, 139, Vol. XV, Abril de 1955, pp. 189-194). O romance homónimo, inicialmente intitulado *Corpo da Alegria*, viria a ser publicado apenas em 1960, em Lisboa, pela Ulisseia.

Postal IV (Évora, 23.03.1955)



Vergílio Ferreira
Rua da Mesquita, 28
Évora
23. 03. 55

Ex.^{mo} Sr.
Dr. Mário Dionísio
Av. Elias Garcia, 176 - 3.º - D.º
Lisboa

Meu caro Mário Dionísio:

Desculpe-me que o importune. Mas, recebeu o artigo? Desagradou-lhe muito? Diga-o francamente.

Estou traduzindo (da tradução francesa) um conto africano primitivo, extremamente belo e *significativo*.

Interessa?

Cordial abraço de

Vergílio Ferreira

Carta XVIII (Lisboa, 24.03.1955)

Lisboa, 24. de Março de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira :

O seu postal envergonhou-me. Desculpe-me não ter acusado a recepção
carta
da sua ~~xxxxx~~ imediatamente. Mas não foi por não ter gostado do arti-
go - nem isso poderia ser alguma vez motivo de silêncio. Os problemas
que o ocupam neste artigo são também por mim aflorados na primeira par-
te de A Paleta, como verá, embora, suponho eu, de ângulos não totalmente
iguais. Mas pontos de encontro há-os certamente. ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ Como
poderia eu não concordar com a publicação de Cântico Final?

Pensar eu que sim não é, contudo, principalmente hoje, razão bastante
~~xxxxxxxx~~ para que sim (problema que, aliás, só existe porque você tão
francamente me pergunta: sim ou não?). Aí tem pois a explicação da mi-
nha demora em responder-lhe : embora eu ache que sim, gostaria de ouvir
também a opinião de João Cochofel que é, no fundo, quem estabelece prático-
mente e, de certo modo, oficialmente, a ligação de todos nós com a Re-
dacção. Tenho a certeza antecipada de que a opinião dele coincide com
a minha no que ~~xxxxx~~ toca a achar que Cântico final é, evidentemente, pu-
blicável. Mas quero mostrar-lho e, por uma série de acasos, não me tem
sido possível fazê-lo nos últimos dias. Em resumo : não há problema
quanto a publicar o seu artigo; mas como você me pede uma resposta que
eu interpreto como indo mais longe do que o simples publicar-se, ou
não, um artigo de interesse inegável de um velho amigo e colaborador,
dir-lhe-ei dentro de dias o que é que o João também pensa.

Com este ir mais longe quero eu distinguir entre o ^{visível} interesse de se
publicar na revista toda a colaboração boa que seja possível obter

e a conveniência de certas pessoas - a que genericamente chamo "nós"-
nela publicarem neste momento ~~na~~ afirmações - ou interrogações - que,
absolutamente pertinentes podem, embora só aparentemente, (apesar de só
aparentemente) ~~não~~ serem consideradas "inoportunas" pelos arruaceiros
álerta. Aos quais não devemos, evidentemente, ceder - o que seria um opru-
tunismo nojento e sempre pernicioso - mas os quais devemos saber domi-
nar, por exemplo, não lhes dando o flanco.

Em conversa, poderia ser mais claro. Assim, não posso. E receio que você
não entenda perfeitamente o que tão tortuosamente estou a querer dizer
-lhe.

De qualquer modo, terá notícias minhas dentro de poucos dias.

Se a tradução desse conto interessa? Evidentemente! Quer acompanhá-
-lo de uma pequena nota ~~introdução~~ introdutória?

A minha Paleta deveria ter saído em Fevereiro. O editor diz que sai
em Março. Mas receio muito que só venha a aparecer em Abril... Toda a pri-
meira parte (aproximadamente os cinco primeiros fascículos) são dedicados
a ~~xxxx~~ esta trapalhada da arte e suas relações com a sociedade, que sem-
pre nos interessam e sem o que não me parece possível falar de pintura mo-
derna ou antiga.

Desculpe mais uma vez. E, agora, ^{deu-lhe também} além do atraso, a velocidade com
que lhe escrevo. Um abraço do velho amigo e admirador

Lisboa, 24 de Março de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira:

O seu postal envergonhou-me. Desculpe-me não ter acusado a recepção da sua carta imediatamente. Mas não foi por não ter gostado do artigo – nem isso poderia ser alguma vez motivo de silêncio. Os problemas que o ocupam neste artigo são também por mim aflorados na primeira parte de *A Paleta*, como verá, embora, suponho eu, de ângulos não totalmente iguais. Mas pontos de encontro há-os certamente. Como poderia eu não concordar com a publicação de *Cântico Final*?

Pensar eu que sim não é, contudo, principalmente hoje, razão bastante para que sim (problema que, aliás, só existe porque você tão francamente me pergunta: sim ou não?). Aí tem pois a explicação da minha demora em responder-lhe: embora eu ache que sim, gostaria de ouvir também a opinião do João Cochofel que é, no fundo, quem estabelece praticamente e, de certo modo, oficialmente a ligação de todos *nós* com a Redacção. Tenho a certeza antecipada de que a opinião dele coincide com a minha no que toca a achar que *Cântico Final* é, *evidentemente*, publicável. Mas quero mostrar-lho e, por uma série de acasos, não me tem sido possível fazê-lo nos últimos dias. Em resumo: *não há* problema quanto a publicar o seu artigo; mas como você me pede uma resposta que eu interpreto como indo mais longe do que o simples publicar-se, ou não, um artigo de interesse inegável de um velho amigo e colaborador, dir-lhe-ei dentro de dias o que é que o João *também* pensa.

Com este *ir mais longe* quero eu distinguir entre o visível interesse de se publicar na revista toda a colaboração boa que seja possível obter / e a conveniência de certas pessoas – a que genericamente chamo "nós" – nela publicarem *neste momento* afirmações – ou interrogações – que, absolutamente pertinentes, podem (apesar de só aparentemente) ser consideradas "inoportunas" pelos arruaceiros alerta. Aos quais não devemos, evidentemente, ceder – o que seria um oportunismo nojento e sempre pernicioso – mas os quais devemos saber dominar, por exemplo, não lhes dando o flanco.

Em conversa, poderia ser mais claro. Assim, não posso. E receio que você não entenda perfeitamente o que tão tortuosamente estou a querer dizer-lhe.

De qualquer modo, terá notícias minhas dentro de poucos dias.

Se a tradução desse conto interessa? Evidentemente! Quer acompanhá-lo de uma pequena nota introdutória?

A minha *Paleta* deveria ter saído em Fevereiro. O editor diz que sai em Março. Mas receio muito que só venha a aparecer em Abril... Toda a primeira parte (aproximadamente os cinco primeiros fascículos) são dedicados a esta trapalhada da arte e suas relações com a sociedade, que sempre nos interessam e sem o que não me parece possível falar de pintura moderna ou antiga.

Desculpe mais uma vez. E, agora, além do atraso, desculpe também a velocidade com que lhe escrevo. Um abraço do velho amigo e admirador

Carta XIX (Évora, 30.03.1955)

Évora, 30-Março-955
(R. da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Obrigado pela sua carta. Aguarde pois o ~~verdictum~~. Traduzi o conto de que lhe falei e hoje envio. Acontece porém que ^{afinal} era enorme, como verá. Que fazer? Condensá-lo à **Reader's**? Ou eliminar trechos? Ou simplesmente publicá-lo todo? Como verá, é um conto maravilhoso. É a história do triunfo do homem sobre os deuses (quando deles se começa a separar) mediante a Arte; e é ainda a imagem da sobrevivência da Arte, quando os impérios desaparecem... Escreve*ixi* uma breve introdução, para ele, naturalmente. Você dirá daí como se há-de publicar, se reduzido ou não e eu procederei.

Espero tenha recebido o meu romance. Não se apresse a lê-lo. Mande é essa **PALETA** que está a fazer ~~em~~ enorme falta. Li o trecho da **VÉRTICE**. Excelente. Venha o resto. (O cómico da situação é que os arruaceiros apanham pela medida grande da parte dos clássicos deles. Lá está tudo: "criação", "liberdade de criação", perfeição "formal" etc. etc.)

Aqui lance âncora. Cordial abraço de de sempre

Av. 30-Março-955
(R. da Meduza, 28)

Meu caro Mário Dias:

am^o e adm^o

Obrigado pela sua carta. Aguardo pois a

veredicto. Talvez e conto de que lhe falei e hoje envie.
Assentase porém que era enigma, como verá. Que há de haver? Onde
se lê a "Hedra"? Ou eliminar trechos? Ou simplesmente pu
blicá-los todos? Como verá, é um conto maravilhoso. É a história
G. I.

A tradução do conto é extremamente literal em
relação ao francês (já trad. do alemão). Apenas que
esforcei por ~~trazê-la~~ trazê-la dentro de um ritmo e selecção
um o termo pelo seu valor literário. De modo que a
repetição (aliás, palavras) e outras infirmitades, não do
próprio texto.

Natureza temna recebi e meu romance. Não se
apresenta a lê-lo. Mandei a essa PALETA que está a fazer um
enorme lista. Lá e trecho da VÊRTICE. Excelente. Vem a
resto. (O cômico da situação é que as características apertadas
pela medida grande da parte das cláusulas. Já está
tudo: "criação", "liberdade de criação", "perseguição formal"
etc. etc.)

Aqui lance âncora. Cordial abraço de sempre

Évora, 30 – Março – 955
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Obrigado pela sua carta. Aguardo pois o *verdictum*. Traduzi o conto de que lhe falei e hoje envio. Acontece porém que afinal era enorme, como verá. Que fazer? Condensá-lo à *Reader's*⁶⁶? Ou eliminar trechos? Ou simplesmente publicá-lo todo? Como verá, é um conto maravilhoso. É a história do triunfo do homem sobre os deuses (quando deles se começa a separar) mediante a Arte; e é ainda a imagem da sobrevivência da Arte, quando os impérios desaparecem... Escreverei uma breve introdução para ele, naturalmente. Você dirá daí como se há-de publicar, se reduzido ou não e eu procederei.

Espero tenha recebido o meu romance. Não se apresse a lê-lo. Mande é essa *Paleta* que está a fazer enorme falta. Li o trecho da *Vértice*. Excelente. Venha o resto. (O cómico da situação é que os arruaceiros apanham pela medida grande *da parte dos clássicos deles*. Lá está tudo: “criação”, “liberdade de criação”, perfeição “formal”, etc. etc.)

Aqui lanço âncora.

Cordial abraço do de sempre / amigo e admirador

Vergílio Ferreira

P. S. A tradução do conto é estritamente literal em relação ao francês (já traduzido do alemão). Apenas me esforcei por travá-la dentro de um ritmo e seleccionar os termos pelo seu valor literário. De modo que as repetições (aliás saborosas) e outras enfermidades são do próprio texto.

⁶⁶ Edição Selecções Reader's Digest.

Carta XX (Évora[?], Março/Abril 1955[?])

Meu caro M^o Dionísio:

Aqui vai a nota introdutória para o cento. (Esclareço que a mudança de cor da tinta corresponde uma mudança de tipo pra itálico).

Quanto ao artigo, cá espere as provas, aliás indispensáveis pela razão de que pretende introduzir-lhe algumas modificações. (É até talvez possível arrasar as arestas dos dentes das ~~bestas~~ feras).

Helicite-o pela forma que escolheu para a sua **PALETA**. Ordenar os assuntos por **temas** e não por uma sequência cronológica. Pelo que depreendo do que diz, V. dará uma larga margem à importância humana do fenómeno Arte. Pode ter a certeza que será isso uma das mais sólidas razões da sua actualidade.

A sorte do meu romance está muito confusa. Em todo o caso, esboça-se (com agradável surpresa minha) a ^{sua} interpretação como imagem do país. De resto, -um horror gráfico. "Gralhas" aos montes. De cada vez que abro o livro, descubro-as onde não imaginava. (Per favor: aí na pág. 144, linha 11, onde está "colocando" escreva "colando").

Responda-me sinceramente a isto: haverá inconveniente em ^{concomite} ~~ir~~ ao **Rv Malheiros**? Tão desprestigiado está aquilo, que

provavelmente se deve resistir aos 5 centos.

Cordial abraço do muito amigo

Que não esqueçam as provas tipográficas
do Conto e da nota introdutória

Évora[?], Março/Abril[?] 1955⁶⁷

Meu caro Mário Dionísio:

Aqui vai a nota introdutória para o conto. (Esclareço que à mudança da cor da tinta corresponde uma mudança do *tipo* para itálico)

Quanto ao artigo, cá espero as provas, aliás indispensáveis pela razão de que pretendo introduzir-lhe algumas modificações. (É até talvez possível arrasar as arestas dos dentes das feras)

Felicito-o pela forma que escolheu para a sua *Paleta*. Ordenar os assuntos por *temas* e não por uma sequência cronológica. Pelo que depreendo do que diz, você dará uma larga margem à importância humana do fenómeno Arte. Pode ter a certeza que será isso uma das mais sólidas razões da sua actualidade.

A sorte do meu romance está muito confusa. Em todo o caso, esboça-se (com agradável surpresa minha) a sua interpretação como imagem do país. De resto – um horror gráfico. “Gralhas” aos montes. De cada vez que abro o livro, descubro-as onde não imaginava. (Por favor: aí na página 144, linha 11, onde está “colocando” escreva “colando”).

Responda-me sinceramente a isto: haverá inconveniente em concorrer ao *Ricardo Malheiros*⁶⁸? Tão desprestigiado está aquilo, que / provavelmente se deve resistir aos 5 contos.

Cordial abraço do muito amigo

Vergílio Ferreira

P. S. Que não esqueçam as provas tipográficas do *Conto* e da *Nota introdutória*.

⁶⁷ A carta original não tem data, mas esta é facilmente recuperável dado o contexto em que surge. Terá sido escrita entre os dois últimos dias de Março e os primeiros dias de Abril.

⁶⁸ Prémio *Ricardo Malheiros* (1933 – 1980), distinção atribuída pela Academia das Ciências de Lisboa com o propósito de estimular a cultura e a criação literárias em Portugal.

Carta XXI (Lisboa, 04.04.1955)

Lisboa, 4.4.55.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Muito obrigado pelo seu novo livro, por cujo título, onde há frescura e desolação, o felicito desde já. Infelizmente, por enquanto, só pelo título. Abri o volume mal o recebi na esperança de poder agarrar-me a ele. Mas é um inferno. Sempre me acontece ter de deixar para depois o que verdadeiramente mais me interessa. Sempre a escolha : ou ir atrás do livro regente que realmente me chama - mas então há que aceitar a situação desagradável e perigosa para as conclusões da leitura às pressas, nos intervalos, com interrupções enervantes - ou continuar agarrado ao que interessa menos, ou ao que no momento já não interessa tanto, e deixar o resto - que no momento é tudo - um pouco para depois. Este "um pouco para depois" é, como você certamente também sabe por experiência, um adiamento doloroso : são dias, semanas ou meses? Já têm sido anos! E em casos dos que mais têm valido a pena. Não é este, porém, ^(para o caso) o caso de "Manhã Submersa". Dentro de duas semanas estarei dentro dele. E se espera tantos dias é porque são eles o tempo necessário para que o leia como devo e quero lê-lo. A menos que... A menos que ~~isso~~ aconteça o que tantas vezes me acontece : agarrar-me a ele apesar de tudo, e ficar a dever-lhe esse grande, indizível prazer do convívio que nos alegra e enriquece, entre muitas outras coisas, porque não era aquela a altura de o ter. Conhece você esta espécie de ecole buissonnière de irremediavelmente deixar de lado, algumas horas, o trabalho em curso (para o caso, ~~XXXXXX~~ o dever) ~~XXXXXX~~ e mergulhar, com um monte de desculpas para a consciência, na nova sedução que surge e que é sedução na altura, entre outras coisas, porque na altura não é o dever? Se conhece, sabe perdô-lo. Porque talvez não haja leitura tão estimulante, tão produtivo, tão útil como essa que fazemos - como se não fosse trabalho - às ocultas de nós mesmos e que qualquer editor e muitos críticos considerariam "perder tempo".

Mas não percamos tempo. Além do seu romance, quero agradecer-lhe a tradução do conto que, na verdade, me parece muito belo. Não esqueça a nota introdutória. Seguirá para Coimbra e será publicado (num número ou em dois) como lhes parecer melhor, quanto à organização da revista. Condensa-lo, evidentemente, que não. Para Coimbra seguiu já, como estava previsto, o seu artigo. Enviar-lhe-ão provas, como de costume.

"Vertice" está esgotado? Não sei. À primeira vista, tudo leva a concluir que sim. Eu próprio, há poucos meses, não lhe via saída. As coisas, contudo, têm-se alterado. Por momentos, dir-se-ia (e estes momentos estão a prolongar-se) que a honestidade e a qualidade vão levar de vencida o verapau pimpão, que vem a ser, o oportunismo, a insinceridade e, acima de tudo, a calamitosa ignorância! "Vertice" estará esgotado na medida em que nos estivermos esgotados. Coisa em que não creio. Mas as dificuldades que existem na elaboração da revista - principalmente agora - são gigantescas. E os gigantes estão a desaparecer de uma maneira surpreendente... ~~Xixix~~ Enfim, façamos o que pudermos. E que não seja pela falta de um pouco de esforço da nossa parte que a última revista de cultura portuguesa desapareça, ou se mantenha no nível dos dois últimos anos - que é euase o mesmo que ter desaparecido.

Muito obrigado pelas suas palavras amigas sobre o pedaço de capítulo de A Paleta, que publiquei na revista. Fico satisfeito por lhe ter agradado. São problemas em que penso há anos - como todos nós -, são, por isso, problemas nossos. Não pode deixar de me interessar ao máximo ver que encontro concordância nos meus amigos, quanto às conclusões a que tenho chegado. Quanto ao que me dizia na sua penúltima carta, não tenciono fazer referências a artistas portugueses, porque 1) o livro ~~XXXXXX~~ refere-se apenas aos artistas que, quanto a mim, trouxeram momentos novos à evolução da pintura e não vejo pin-

tores portugueses que, dentro deste critério, devam ser citados - mais do que húngaros, checos, suecos que, ou não conheço, ou foram simples continuadores de tendências, ~~aindas~~ geralmente depois destas terem passado a sua fase revolucionária; 2) seria impossível falar só de um Resende (que admiro muito), por exemplo, mas necessário falar de vários artistas que de momento não estou de modo algum disposto a estudar e citar. O livro, alias, como você verá, não é uma historia da pintura moderna, nem mesmo um esboço de historia. Uma longa conversa lhe chamo eu no prefacio, sobre as relações do artista com a sociedade, exemplificadas com a que se tem passado na pintura moderna. Esta pintura é o pretexto para tentar a minha hipotese sobre problemas como arte e ciência, arte e sociedade, papel do ~~indivíduo~~ individuo na criação, dialectica da criação, problema do conteúdo e forma, etc, e ~~xxxx~~ sobre a situação actual da arte perante os novos caminhos do homem.

Ainda a propósito deste meu livro : envergonhadamente lhe peço desculpa de não lho oferecer. Não consegui do editor o número de exemplares suficiente para fazer as minhas ofertas habituais - e não é este um dos prazeres que se tira da publicação dum livro: oferecê-lo aos nossos amigos? - e, na impossibilidade, devido ao custo da obra, de eu proprio lhos comprar, resolvi não fazer desta vez, excepcionalmente, ofertas pessoais. Aproveitarei os poucos exemplares que me são destinados a permutar com criticos estrangeiros de quem tenho recebido coisas, até hoje quase sem retribuição da minha parte.

E basta, por hoje! Até breve. Um abraço do seu velho amigo e admirador

L. S.

P.S. Por favor, mande-me os seus originais e, se possível, as suas cartas dactilografadas. Calculo que isto é para si uma exigência terrível. Mas você não faz ideia do tempo que levei a ler ~~xxxxxxx~~ A Queda de Kach e como a compreensão se engasga duas e três vezes por linha. Desculpe.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Muito obrigado pelo seu novo livro, por cujo título, onde há frescura e desolação, o felicito desde já. Infelizmente, por enquanto, só pelo título. Abri o volume mal o recebi na esperança de poder agarrar-me a ele. Mas é um inferno. Sempre me acontece ter de deixar *para depois* o que verdadeiramente mais me interessa. Sempre a escolha: ou ir atrás do livro recente que realmente me *chama* – mas então há que aceitar a situação desagradável e perigosa para as conclusões da leitura às pressas, nos intervalos, com interrupções enervantes – ou continuar agarrado ao que interessa menos, ou ao que no momento já não interessa tanto, e deixar o resto – que no momento é tudo – *um pouco para depois*. Este "um pouco para depois" é, como você certamente também sabe por experiência, um adiamento doloroso: são dias, semanas ou meses? Já tem sido anos! E em casos dos que mais têm valido a pena. Não é este, porém, quanto à espera, o caso de *Manhã Submersa*. Dentro de duas semanas estarei dentro dele. E se espera tantos dias é porque são eles o tempo necessário para que o leia como devo e *quero* lê-lo. A menos que... A menos que aconteça o que tantas vezes me acontece: agarrar-me a ele apesar de tudo e ficar a dever-lhe esse grande, indizível prazer do convívio que nos alegra e enriquece, entre muitas outras coisas, porque não era aquela a altura de o ter. Conhece você esta espécie de *école buissonnière* de irremediavelmente deixar de lado, algumas horas, o trabalho em curso (para o caso, o *dever*) e mergulhar, com um monte de desculpas para a consciência, na nova sedução que surge e que é sedução na altura, entre outras coisas, porque na altura não é o *dever*? Se conhece, sabe perdoá-lo. Porque talvez não haja leitura tão estimulante, tão produtiva, tão *útil* como essa que fazemos – como se não fosse trabalho – às ocultas de nós mesmos e que qualquer editor e muitos críticos considerariam "perder tempo".

Mas não percamos tempo. Além do seu romance, quero agradecer-lhe a tradução do conto que, na verdade, me parece muito belo. Não esqueça a nota introdutória. Seguirá para Coimbra e será publicado (num número ou em dois) como lhes parecer melhor, quanto à organização da revista. Condensá-lo, *evidentemente* que não. Para Coimbra seguiu já, como estava previsto, o seu artigo. Enviar-lhe-ão provas, como de costume.

Vértice está *esgotado*? Não sei. À primeira vista, tudo leva a concluir que sim. Eu próprio, há poucos meses, não lhe via saída. As coisas, contudo, têm-se alterado. Por momentos, dir-se-ia (e estes momentos estão a prolongar-se) que a honestidade e a qualidade vão levar de vencida o varapau pimpão, que vem a ser o oportunismo, a insinceridade e, acima de tudo, a calamitosa ignorância! *Vértice* estará *esgotado* na medida em que nós estivermos esgotados. Coisa em que não creio. Mas as dificuldades que existem na elaboração da revista – principalmente *agora* – são gigantescas. E os gigantes estão a desaparecer de uma maneira surpreendente... Enfim, façamos o que pudermos. E que não seja pela falta de um pouco de

esforço da nossa parte que a última revista de cultura portuguesa desapareça, ou se mantenha no nível dos dois últimos anos – que é quase o mesmo que ter desaparecido.

Muito obrigado pelas suas palavras amigas sobre o pedaço de capítulo de *A Paleta*, que publiquei na revista. Fico satisfeito por lhe ter agradado. São problemas em que penso há anos – como todos nós –; são, por isso, problemas nossos. Não pode deixar de me interessar ao máximo ver que encontro concordância nos meus amigos quanto às conclusões a que tenho chegado. Quanto ao que me dizia na sua penúltima carta, não tenciono fazer referências a artistas portugueses, porque 1) o livro refere-se apenas aos artistas que, quanto a mim, trouxeram momentos *novos* à evolução da pintura e não vejo pin / tores portugueses que, dentro deste critério, devam ser citados – mais do que húngaros, checos, suecos que, ou não conheço, ou foram simples continuadores de tendências alheias, geralmente depois de estas terem passado a sua fase revolucionária; 2) seria impossível falar só de um Resende (que admiro muito), por exemplo, mas necessário falar de vários artistas que de momento não estou de modo algum disposto a estudar e citar. O livro, aliás, como você verá, não é uma história de pintura moderna, nem mesmo um esboço de história. Uma longa *conversa* lhe chamo eu no prefácio, sobre as relações do artista com a sociedade, *exemplificadas* com o que se tem passado na pintura moderna. Esta pintura é o pretexto para tentar a minha hipótese sobre problemas como arte e ciência, arte e sociedade, papel do indivíduo na criação, dialéctica da criação, problema do conteúdo e forma, etc., e sobre a situação actual da arte perante os novos caminhos do homem.

Ainda a propósito deste meu livro: envergonhadamente lhe peço desculpa de não lho oferecer. Não consegui do editor o número de exemplares suficiente para fazer as minhas ofertas habituais – e não é este um dos prazeres que se tira da publicação dum livro: oferecê-lo aos nossos amigos? – e, na impossibilidade, devido ao custo da obra, de eu próprio lhos comprar, resolvi não fazer desta vez, excepcionalmente, ofertas pessoais. Aproveitarei os poucos exemplares que me são destinados a permutar com críticos estrangeiros de quem tenho recebido coisas, até hoje quase sem retribuição da minha parte.

E basta, por hoje! Até breve. Um abraço do seu velho amigo e admirador

P.S. Por favor, mande-me os seus originais e, se possível, as suas cartas dactilografadas. Calculo que isto é para si uma exigência terrível. Mas você não faz ideia do tempo que levei a ler *A Queda de Kach*⁶⁹ e como a compreensão se engasga duas e três vezes por linha. Desculpe.

⁶⁹ Não foi encontrada qualquer referência a este título, mas tudo leva a crer tratar-se do anteriormente referido conto africano traduzido por V. F.. Contudo, pelo menos até ao final de 1957, não foi publicado na *Vértice* qualquer conto traduzido pelo autor.

Carta XXII (Évora, 19.04.1955)

Évora, 19-Abril-1955

(R. da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Desculpe-me V. que eu lhe interrompa os seus trabalhos com uma nova questão que me surge e tenho de resolver. (Já o ter de picotá-la à máquina, segundo o seu desejo para a minha prosa, é um problema sério, uma vez que as ideias, batidas a tecla, me saem encaroçadas, travadas de nós em toda a parte). Mas eis o caso:

O Marmelo e Silva (conhece, não é, este novelista?) publicou uns artigos num Jornal do Porto, proclamando a excelência de uma confraternização, em 1957, de todos os "escritores neo-humanistas". Esta fraternidade exibir-se-ia em Coimbra, como berço da façanha. E escreve-me o bom

Marmelo a pedir que eu colabore no seu berro, escrevendo para a **VÉRTECE** um bocado de prosa acessória. Ora bem: em primeiro lugar, eu não sei bem o que aconteceu de memorável nesse ano de 1937 (já que o de '57 se destinaria a cantar o ciclo de 20 anos). E por mais que esgaravate nas lembranças, não descubro. O Alves Redol, que é o nosso génio mais acabado e autenticado (e cujo carimbo ainda se lê bem) produziu-se

um pouco mais tarde; e o Ferreira de Castro, que é o nosso
único Profeta ainda em bom estado de reliquia, ~~mas~~ effectueu-
bastante
-se ~~mais cedo~~ mais cedo. Quem é que desempenha, pois, as funções
de marçó? ~~Mário Dionísio~~

Em segundo lugar, supponho bem que uma fraternidade,
mesmo tratada a vinho e discurso, não floresce no actual am-
biente da **VÉRTECE**.

Que me diz V.? Eu tenho de dar uma resposta ao Mar-
mele. Aliás, se a revista colaborar na fraternidade, não seria
possível que alguém (e não eu) esburgasse a necessária presa?

É, de resto, uma acção sem consequências, uma vez que (como já
estamos treinados), ficamos de tal modo estafados só de anun-
ciar a festa, que já a não fazemos. De qualquer modo, ~~me~~ fazia-
-me bom jeito que V. me dissesse alguma coisa sobre o caso,
e mais depressa possível.

Começo a estranhar a demora das **provas** do meu ar-
tigo. Algo de novo?

Cordial abraço do muito

amigo

V. F. L.

Évora, 19 – Abril – 955
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Desculpe-me você que eu lhe interrompa os seus trabalhos com uma nova questão que me surge e tenho de resolver. (Já o ter de picotá-la à máquina, segundo o seu desejo para a minha prosa, é um problema sério, uma vez que as ideias, batidas a tecla, me saem encaroçadas, travadas de nós em toda a parte) Mais eis o caso:

O Marmelo e Silva⁷⁰ (conhece, não é, este novelista?) publicou uns artigos num jornal do Porto, proclamando a excelência de uma confraternização, em 1957, de todos os “escritores neo-humanistas”. Esta fraternidade exibir-se-ia em Coimbra, como berço da façanha. E escreve-me o bom Marmelo a pedir que eu colabore no seu berro, escrevendo para a *Vértice* um bocado de prosa acessória. Ora bem: em primeiro lugar, eu não sei bem o que aconteceu de memorável nesse ano de 1937 (já que o de '57 se destinaria a cantar o ciclo de 20 anos). E por mais que esgaravate nas lembranças, não descubro. O Alves Redol, que é o nosso génio mais acabado e autenticado (e cujo carimbo ainda se lê bem), produziu-se / um pouco mais tarde; e o Ferreira de Castro, que é o nosso único Profeta ainda em bom estado de relíquia, efectuou-se bastante mais cedo. Quem é que desempenha, pois, as funções de marco?

Em segundo lugar, suponho bem que uma fraternidade, mesmo tratada a vinho e discurso, não floresce no actual ambiente da *Vértice*.

Que me diz você? Eu tenho de dar uma resposta ao Marmelo. Aliás, se a revista colaborar na fraternidade, não seria possível que alguém (e não eu) esburgasse a necessária prosa? É, de resto, uma acção sem consequências, uma vez que (como já estamos treinados) ficamos de tal modo estafados só de anunciar a festa, que já a não fazemos. De qualquer modo, fazia-me bom jeito que você me dissesse alguma coisa sobre o caso, o mais depressa possível.

Começo a estranhar a demora das *provas* do meu artigo. Algo de novo?

Cordial abraço do muito amigo

Vergílio Ferreira

⁷⁰ José Antunes Marmelo e Silva (1911 – 1991), professor, escritor e redactor português, colaborou, entre outros, no semanário *O Diabo* e na revista *Presença*, de Coimbra, cidade onde conviveu com o grupo neo-realista.

Carta XXIII (Lisboa, 20.04.1955)

Lisboa, 20 de Abril de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Novamente à pressa, aqui estou. Sem tempo para lhe falar demoradamente sobre o que penso da estranha, por inesperada, ideia do Marmelo e Silva, envio-lhe aqui a cópia com que fiquei da resposta que sobre o assunto lhe enviei ontem. Peço-lhe que me devolva esta cópia porque a desejo conservar.

A data de 1937 corresponde ao ano em que, de certo modo, iniciámos o nosso movimento, colaborando em jornais, principalmente "Sol Nascente", ~~XXXXXX~~ conversando de manhã à noite sobre o problema, etc. Mas uma história mais rigorosa creio eu que deveria ir mais atrás até ao jornal "Liberdade" que deixou de se publicar em 1934, e de cuja redacção ainda fiz parte, bastante moço, como calcula.

Nada sei de "Vertice", quanto ao próximo número. Mas creio que não há nada quanto ao seu artigo. Também ainda não recebi provas do meu.

Ainda não comecei o seu livro, mas já tenho ouvido excelentes referências.

Até breve. Um grande abraço do

Lisboa, 20 de Abril de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Novamente à pressa, aqui estou. Sem tempo para lhe falar demoradamente sobre o que penso da estranha, por inesperada, ideia do Marmelo e Silva, envio-lhe aqui a cópia com que fiquei da resposta que sobre o assunto lhe enviei ontem. Peço-lhe que me devolva esta cópia porque a desejo conservar.

A data de 1937 corresponde ao ano em que, de certo modo, iniciámos o nosso movimento, colaborando em jornais, principalmente *Sol Nascente*, conversando de manhã à noite sobre o problema, etc. Mas uma história mais rigorosa creio eu que deveria ir mais atrás até ao jornal *Liberdade*⁷¹, que deixou de se publicar em 1934, e de cuja redacção ainda fiz parte, bastante moço, como calcula.

Nada sei de *Vértice*, quanto ao próximo número. Mas creio que não há nada quanto ao seu artigo. Também ainda não recebi provas do meu.

Ainda não comecei o seu livro, mas já tenho ouvido excelentes referências.

Até breve.

Um grande abraço do

⁷¹ Parece haver uma discrepância quanto à data de encerramento do jornal. Segundo informação de Eduarda Dionísio, M. D. iniciou a sua colaboração neste semanário a 17 de Fevereiro de 1935, no mesmo número que Álvaro Cunhal. A corroborá-la, diz-nos o próprio na sua *Autobiografia*: “Já entrara para a redacção de *Liberdade*, a convite da gente mais destemida desse tempo, tal como sucedeu, no mesmíssimo dia, ao Álvaro Cunhal, logo a seguir, ao Magalhães Vilhena. Como, anos depois, em 1939, com um grupo maior, o grupo propriamente dito, ficaria à testa de *O Diabo*, escrevendo talvez de mais e, ao mesmo tempo, enviando o que podia ao *Sol Nascente* e a tudo o mais que aparecesse.” (Dionísio, 1987: 8)

Carta XXIV (Évora, 22.04.1955)

Évora, 22-Abril-955
(R. da Mesquita, 28)

Meu caro M. Dionísio:

Devolve-lhe a cópia da sua carta, que agradeço.

Agradou-me ver nela o essencial do que eu pensava, e assim, ho-

je mesmo enviei ao Marmelo uma resposta semelhante à sua.

- Fêlo que me parece, a ideia não é dele (ou pelo menos o calor

- da mesma ideia). De resto, é para mim novidade ver o Marmelo

associado ao "humanismo", uma vez que foi a "Presença" que o

amamentou. Grande conversa, aliás, mereceria este tema de um

movimento cultural **dirigido**. Você fala, na carta ao Marmelo,

em discussão larga de princípios. Receio bem que fique pouca

coisa a discutir, quando se pretenda manter vivo um movimento

cultural (sobretudo um movimento de arte). Porque a vida de

tudo é o coração que a dá, - não os cânones, que só podem dar

uma "moral" para o comportamento público, logo morte de ane-

mia pela recusa profunda a uma colaboração. Mas não há dúvida

que V. acertou em cheio, na sua resposta. Além do mais, uma x

reunião "humanista" viria revelar a nossa profunda pobreza.

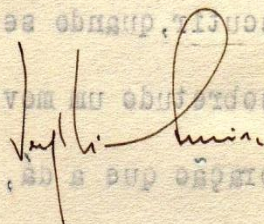
Diz o Marmelo que os "presencistas" teimam em considerar-nos

"crianças". Eu respondo-lhe que têm razão. Nós não demos nada

~~acho~~ (ou pouco mais do que) essa **farófia** fácil, ~~xxxxxx~~ para pa-

palves, favorecida pela acção semi-clandestina. Porque esta coisa de um imbecil se defender com os "princípios", com os obstáculos conhecidos, dá sempre resultado. Se não fossem os "princípios", tal cretino realizaria a sua espantosa obra. Mas há que submeter-se aos "princípios". Se não fosse... E é, em parte, com este **alibi**, em parte com a estúpida tolerância baseada em razões estranhas à cultura, que a estupidez, a ignorância, a impotência têm esfregado as mãos triunfantes. Viesse a reunião, e aí teríamos, sem dúvida, todos os cretinos a desfraldarem a sua cretinice.

Cordial abraço do mto am^o



Évora, 22 – Abril – 955
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Devolvo-lhe a cópia da sua carta, que agradeço. Agradou-me ver nela o essencial do que eu pensava, e, assim, hoje mesmo enviei ao Marmelo uma resposta semelhante à sua. Pelo que me parece, a ideia não é dele (ou pelo menos o calor da mesma ideia). De resto, é para mim novidade ver o Marmelo associado ao “humanismo”, uma vez que foi a *Presença* que o amamentou. Grande conversa, aliás, mereceria este tema de um movimento cultural *dirigido*. Você fala, na carta ao Marmelo, em discussão larga de princípios. Receio bem que fique pouca coisa a discutir, quando se pretenda manter vivo um movimento cultural (sobretudo um movimento de arte). Porque a vida de tudo é o coração que a dá – não os cânones, que só podem dar uma “moral” para o comportamento público, logo morto de anemia pela recusa profunda a uma colaboração. Mas não há dúvida que você acertou em cheio, na sua resposta. Além do mais, uma reunião “humanista” viria revelar a nossa profunda pobreza. Diz o Marmelo que os “presencistas” teimam em considerar-nos “crianças”. Eu respondo-lhe que têm razão. Nós não demos nada senão (ou pouco mais do que) essa *farófia* fácil, para pa / palvos, favorecida pela acção semi-clandestina. Porque esta coisa de um imbecil se defender com os “princípios”, com os obstáculos conhecidos, dá sempre resultado. Se não fossem os “princípios”, tal cretino realizaria a sua espantosa obra. Mas há que submeter-se aos “princípios”. Se não fosse... E é, em parte, com este *alibi*, em parte com a estúpida tolerância baseada em razões estranhas à cultura, que a estupidez, a ignorância, a impotência têm esfregado as mãos triunfantes. Viesse a reunião, e aí teríamos, sem dúvida, todos os cretinos a desfraldarem a sua cretinice.

Cordial abraço do muito amigo

Vergílio Ferreira

Carta XXV (Lisboa, 21.05.1955)

Lisboa, 21 de Maio de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Duas linhas à pressa. Acabo de receber uma carta da Ilse Losa com pedido de resposta na volta do correio a propósito de um telegrama que muitos escritores portugueses vão enviar a Tomas Mann pela passagem do seu octogésimo aniversário. Os nomes de que ele me fala são muitos e excedem o perigo das capelinhas. O texto do telegrama (que, aliás, me parece chocho) é o seguinte : "Thomas Mann - Saudamos, no seu octogésimo aniversário, o grande escritor que sempre elevou a literatura, em belez e humanidade, acima de todas as emergências e preconceitos que a pretenderam macular ou reduzir: símbolo da cultura e da consciência livres do mundo que jamais se vergou a qualquer compromisso".

Como me pede que sugira novos nomes, resolvi escrever-lhe a si estas duas linhas. Escuso de lhe dizer que não tenho pessoalmente qualquer interesse especial na iniciativa. Admiro muito o Tomas Mann e por isso assinarei mesmo um telegrama ensosso como este. Se você quiser participar da coisa, escreva à Ilse Losa um simples postal (Rua Campo Alegre, 942-Porto) dando-lhe a adesão (não precisam da assinatura propriamente dita, visto que se trata dum telegrama). Se não, basta deitar esta para o cesto dos papéis e não pensar mais nisso.

Até breve. Um bom abraço do velho amigo e admirador

Lisboa, 21 de Maio de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Duas linhas à pressa. Acabo de receber uma carta da Ilse Losa⁷² com pedido de resposta na volta do correio a propósito de um telegrama que muitos escritores portugueses vão enviar a Thomas Mann pela passagem do seu octogésimo aniversário. Os nomes de que ela me fala são muitos e excedem o perigo das capelinhas. O texto do telegrama (que, aliás, me parece chocho) é o seguinte: *Thomas Mann – Saudamos, no seu octogésimo aniversário, o grande escritor que sempre elevou a literatura, em beleza e humanidade, acima de todas as emergências e preconceitos que a pretenderam macular ou reduzir: símbolo da cultura e da consciência livres do mundo que jamais se vergou a qualquer compromisso.*

Como me pede que sugira novos nomes, resolvi escrever-lhe a si estas duas linhas. Escuso de lhe dizer que não tenho pessoalmente qualquer interesse especial na iniciativa. Admiro muito o Thomas Mann e por isso assinarei mesmo um telegrama insosso como este. Se você quiser participar da coisa, escreva à Ilse Losa um simples postal (Rua Campo Alegre, 942 – Porto) dando-lhe a adesão (não precisam da assinatura propriamente dita, visto que se trata dum telegrama). Se não, basta deitar esta para o cesto dos papéis e não pensar mais nisso.

Até breve.

Um bom abraço do velho amigo e admirador

⁷² Ilse Lieblich Losa (1913-2006), escritora portuguesa de origem judaica que colaborou regularmente na *Vértice*, assinando sobretudo artigos sobre pedagogia.

Carta XXVI (Lisboa, 12.07.1955)

Lisboa, 12 de Julho de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Este ano deu cabo de mim. Estou bastante em baixo e precisado, como nunca, dumas férias. Vinte ou vinte e cinco dias ~~de~~ de descanso realmente completo em qualquer parte. Mas para arranjar estas férias, tenho que dar-lhe imenso ainda até ao fim do mês, de língua de fora como os ciclistas na última etapa!... O editor resolveu não parar com a "A Paleta" durante as férias, como estava combinado, e, então, tenho que enfrontar-me por estes pintores e estas ~~xixixix~~ pinturas dentro por umas boas sessenta e tal páginas de máquina, antes de partir.

Porque lhe digo tudo isto? Para lhe explicar a razão por que so agora li a "Manhã Submersa" e so agora sobre ela lhe escrevo. Mais ou menos na mesma altura, saíram outros livros - que tive de ler por dever de camaradagem e que, propositadamente, antepus ao seu. Depois, não teria coragem, principalmente tratando-se de assunto, digamos, semelhantes.

Em certa medida, compreendi agora - e dou-lhe razão em parte - que V., ~~xxxxix~~ como me disse, considere este livro uma obra de intervalo. Estou de acordo em que ela não alinha com os pontos mais altos da sua obra, nem é aquilo de que ficamos à espera depois de "Mudança" e de "A Face Sangrenta". Mas que ~~na~~ seja apenas um livro, que se publica porque e preciso não se deixar a gente esquecer do publico, ir dando qualquer coisa à estampa para enganar o silencio, quanto a isso, mais devagar. Creio que V., não pôs aqui a força toda, nem de entusiasmo, nem de cuidado artesanal. Explico-me : creio "Manhã Submersa" um livro feito tarde demais. Explico-me ainda: vivemos um problema, ele é a nossa preocupação constante, a nossa obsessão, precisamos por isso de escrevê-lo; mas mil ^{uma} razões (levam-nos) a adiar o momento de o fazer, adiamos, adiamos, vivemos entretanto novas experiências, vamos, de certo modo, mudando de pele; e quando vem o dia de nos libertarmos do primeiro problema, já não é bem de uma libertação ~~de~~ que se trata, já se trata ~~apenas~~ de conta-lo e, com grande surpresa nossa, ligeiramente de fora. Ligeiramente, mas o bastante para a coisa se reduzir a um livro que também fazemos, uma obra de intervalo, algo que publicamos, sem grande entusiasmo, só para não deixar o publico esquecer-nos de todo - ou, muito mais, para cumprirmos um compromisso que, embora sem palavras, nem testemunhas, assumimos um dia perante nos proprios.

Possivelmente, meu caro Vergílio Ferreira, não se trata de nada disso. Mas o que eu quero dizer-lhe é que, embora eu sinta que neste livro falta qualquer coisa que, só em hipótese, admito ser um excessivo afastamento no tempo do problema tratado, um resultado de ele ter sido escrito já fora da obsessão, o que eu quero dizer-lhe é que, apesar disso, e este o livro dum escritor que está na posse dos seus meios - que sabe contar ao leitor, comovendo-o, que sabe levá-lo com tanta facilidade e ardente simpatia pelo livro fora que é com magia que ~~ele~~ o vê acabar-se. E isto, que lhe digo com toda a sinceridade, é naturalmente a nota principal.

Acho que está muito bem conseguida a explicação da criação desses estranhos monstros negros que passeiam nas ruas à nossa volta e que tão atenta e disciplinadamente se movimentam que conseguem em certos momentos, como este que vivemos, mexer implacavelmente os cordelinhos dum país inteiro. Ali se acha esta resposta a estas perguntas frequentes: como é possível que um ser humano como qualquer de nós tenha escolhido aquela vida? Que se tenha submetido e transformado aquele ponto? Que, entrando na teia por precipitação infantil ou por necessidade, se não tenha livrado dela?

Ouvi observações sobre o final do livro que me parecem de considerar: não será este final excessivamente brumoso sobre a razão pela qual o rapaz se liberta do pesadelo? Não poderia, sem forçar a verdade psicológica, o papel da vontade individual ser um pouco mais sublinhada? Não adiro inteiramente a esta crítica, mas confesso que a não repilo ~~intencionalmente~~ de todo. Todo o livro é atravessado por uma tristeza acabrunhante, bem justificada, mas que eu gostaria muito que não fosse a tese do romance. O seu ambiente mas não a sua tese. Ora a própria felicidade do herói - apesar do seu acto desesperado de uma revolta transferida - parece ele sofrer-la, como pelo livro fora sofreu o próprio sofrimento. Não seria possível, sem o perigo da alegria por receita, por palavra de ordem, etc, brilhar aqui um fio de esperança para a própria natureza humana?

Como sabe, deixei de fazer crítica literária e não estou inclinada a voltar atrás, nesta ~~minha~~ sensata resolução. Não sei quem se ocupa do livro no "Vértice" nem quando. Mas não calcula como me custa ver ~~em~~ os livros como "Manhã Submersa", na verdade tão raros, não terem imediatamente referência, crítica, discussão à sua volta. É terrível o poço em que vivemos. ~~Se não fosse assim, não poderia ser assim~~ Vou tratar de indagar.

"Manhã Submersa" foi certamente, para mim, dos acontecimentos mais agradáveis deste ano. Aceite um grande abraço por ele, além do abraço habitual do seu velho amigo e admirador.

Lisboa, 12 de Julho de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Este ano deu cabo de mim. Estou bastante em baixo e precisando, como nunca, dumas férias. Vinte ou vinte e cinco dias de descanso realmente completo em qualquer parte. Mas para arranjar estas férias, tenho que dar-lhe imenso ainda até ao fim do mês, de língua de fora como os ciclistas na última “étape”... O editor resolveu não parar com a *A Paleta* durante as férias, como estava combinado, e, então, tenho que enfronhar-me por estes pintores e estas pinturas dentro por umas boas sessenta e tal páginas de máquina, antes de partir.

Porque lhe digo tudo isto? Para lhe explicar a razão por que só agora li a *Manhã Submersa* e só agora sobre ela lhe escrevo. Mais ou menos na mesma altura, saíram outros livros – que tive de ler por dever de camaradagem e que, propositadamente, antepus ao seu. Depois, não teria coragem, principalmente tratando-se de assuntos, digamos, semelhantes.

Em certa medida, compreendi agora – e dou-lhe razão em parte – que você, como me disse, considere este livro uma obra de intervalo. Estou de acordo em que ela não alinha com os pontos mais altos da sua obra, nem é aquilo de que ficámos à espera depois de *Mudança* e de *A Face Sangrenta*. Mas que seja apenas um livro, que se publica porque é preciso não se deixar a gente esquecer do público, ir dando qualquer coisa à estampa para enganar o silêncio, quanto a isso, mais devagar. Creio que você não pôs aqui a força toda, nem de entusiasmo, nem de cuidado artesanal. Explico-me: creio *Manhã Submersa* um livro feito tarde de mais. Explico-me ainda: vivemos um problema, ele é a nossa preocupação constante, a nossa obsessão, precisamos por isso de escrevê-lo; mas mil e uma razões nos levam a adiar o momento de o fazer, adiamos, adiamos, vivemos entretanto novas experiências, vamos, de certo modo, mudando de pele; e quando vem o dia de nos libertarmos do primeiro problema, já não é bem de uma libertação que se trata, já se trata apenas de *contá-lo* e, com grande surpresa nossa, ligeiramente de fora. Ligeiramente, mas o bastante para a coisa se reduzir a um livro que *também* fazemos, uma obra de intervalo, algo que publicamos, sem grande entusiasmo, só para não deixar o público esquecer-nos de todo – ou, muito mais, para cumprirmos um compromisso que, embora sem palavras nem testemunhas, assumíramos um dia perante nós próprios.

Possivelmente, meu caro Vergílio Ferreira, não se trata de nada disto. Mas o que eu quero dizer-lhe é que, embora eu sinta que neste livro falta qualquer coisa que, só em hipótese, admito ser um excessivo afastamento no tempo do problema tratado, um resultado de ele ter sido escrito já fora da obsessão, o que eu quero dizer-lhe é que, apesar disso, é este o livro dum escritor que está na posse dos seus meios – que sabe contar ao leitor, comovendo-o, que sabe levá-lo com tanta facilidade e ardente simpatia pelo livro fora que é com mágoa que ele o vê acabar-se. E isto, que lhe digo com toda a sinceridade, é naturalmente a nota principal. /

Acho que está muito bem conseguida a explicação da criação desses estranhos monstros negros que passeiam nas ruas à nossa volta e que tão atenta e disciplinadamente se movimentam que conseguem em certos momentos, como este que vivemos, mexer implacavelmente os cordelinhos dum país inteiro. Ali se acha esta resposta a estas perguntas frequentes: como é possível que um ser humano como qualquer de nós tenha escolhido aquela vida? Que se tenha submetido e transformado àquele ponto? Que, entrado na teia por precipitação infantil ou por necessidade, se não tenha livrado dela?

Ouvi observações sobre o final do livro que me parecem de considerar: não será este final excessivamente brumoso sobre a razão pela qual o rapaz se liberta do pesadelo? Não poderia, sem forçar a verdade psicológica, o papel da vontade individual ser um pouco mais sublinhado? Não adiro inteiramente a esta crítica, mas confesso que a não repilo de todo. Todo o livro é atravessado por uma tristeza acabrunhante, bem justificada, mas que eu gostaria muito que não fosse a tese do romance. O seu ambiente mas não a sua tese. Ora a própria felicidade do herói – apesar do seu acto desesperado de uma revolta transferida – parece ele sofrê-la, como pelo livro fora sofreu o próprio sofrimento. Não seria possível, sem o perigo da alegria por receita, por palavra de ordem, etc., brilhar aqui um fio de esperança para a própria natureza humana?

Como sabe, deixei de fazer crítica literária e não estou inclinado a voltar atrás nesta sensata resolução. Não sei quem se ocupará do livro no *Vértice* nem quando. Mas não calcula como me custa ver os livros como *Manhã Submersa*, na verdade tão raros, não terem imediatamente referência, crítica, discussão à sua volta. É terrível o poço em que vivemos. Vou tratar de indagar.

Manhã Submersa foi certamente, para mim, dos acontecimentos mais agradáveis deste ano. Aceite um grande abraço por ele, além do abraço habitual do seu velho amigo e admirador

Carta XXVII (Lisboa, 06.09.1955)

Lisboa, 6 de Setembro de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira :

Que tal de Sevilha e das outras tórridas terras de "nuestros hermanos"? Eu andei a fingir que repousava (e quase e consegui, desta vez) lá pelo Minho. Durante um mês fugi horrorizado de qualquer espécie de papeis. E, mal regressei, a primeira coisa que li, com o prazer que calculara, foi a sua resposta ao "sagaz Adolfo".

Foi portanto você, depois de férias, o primeiro motivo que me levou a meter papel na máquina, pois comecei a escrever-lhe uma carta que não cheguei a concluir e enterrei no cesto de papeis. A verdade é que você não me tinha pedido opinião sobre o caso e não quis ser abalado. Ontem, porém, o João telefonou-me lá dos paraísos dos Senhores da Serra, onde beatificamente goza as ausências de Lisboa (porque vou estando em situação de pensar que isto da ausência de Lisboa é das coisas melhores que um homem pode ter...), e mostrou-se interessado em que eu lhe escrevesse também. Também porque, ao que então soube, o João tivera sobre a sua resposta uma opinião semelhante à minha e dissera-lho por escrito.

Eis, pois, o que o penso sobre a sua carta ao Sampaio. O seu texto é muito sério e inclui argumentos valiosos. Quanto ao que lá está escrito, V. responde definitivamente ao cavalheiro. Mas receio muito que o tom geral de que se serviu na resposta seja infeliz, que ele o inferiorize aos olhos do público desatento (só deste, evidentemente, mas que também conta nestas questões de polémicas), e que acabe por fazer passar despercebida a argumentação seria que lá está - mas abafada ~~xxx~~ pelo ar de chalaça fácil - que não é evidentemente o seu tom habitual e que poderá talvez fornecer facilidades de maneio ao cavalheiro na réplica ou réplicas inevitáveis que irá fazer. O não se referir ao homem pelo ~~xxx~~ seu nome corrente (C.M.) mostra um desdém que parece mais afectado que real - e de que V. não precisa para nada; os motejos género "super-miolo" provocam riso, sem dúvida alguma, mas um riso que pouco dura; a "citação", sobretudo, dos versos do homem propositadamente alterados e tornados estúpidos parece-me prejudicial porque o porão, a você, numa posição imediatamente ~~xxxx~~ fraca perante, por exemplos, os admiradores de Casais como poeta. (Que os há. Eu, por exemplo, que tenho da pessoa Casais, do político Casais e, em grande parte, do ensaísta Casais a pior das opiniões, considero-o um bom poeta). Por outro lado, a sua argumentação é tão séria e a resposta ao ~~xxxxxxxx~~ cavalheiro tão importante, que, quanto a mim, seria extremamente lamentável que ela não produzisse ~~xxxxxxx~~ todo o efeito meramente pela maneira por que é apresentada.

Por isso lhe pergunto : não seria você capaz (se estiver de acordo com o meu ponto de vista) de re-estudar o tom da carta, de alterá-la na forma de apresentação, não ~~xxx~~ facilitando a luta ao cavalheiro ao usar um tom de certo modo próximo da arruaça - em que ele é exímio.

Desculpe-me, meu caro Vergílio Ferreira, a sinceridade com que lhe ponho o problema. Mas tenho a impressão que está em causa a sua posição e, um pouco também, a de todos nós.

Um bom abraço do seu velho amigo e admirador

Lisboa, 6 de Setembro de 1955.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Que tal de Sevilha e das outras tórridas terras de "nuestros hermanos"? Eu andei a fingir que repousava (e quase o consegui, desta vez) lá pelo Minho. Durante um mês fugi horrorizado de qualquer espécie de papéis. E, mal regressei, a primeira coisa que li, com o prazer que calculará, foi a sua resposta ao "sagaz Adolfo"⁷³.

Foi portanto você, depois de férias, o primeiro motivo que me levou a meter papel na máquina, pois comecei a escrever-lhe uma carta que não cheguei a concluir e enterrei no cesto de papéis. A verdade é que você não me tinha pedido opinião sobre o caso e não quis ser abelhudo. Ontem, porém, o João telefonou-me lá dos paraísos dos Senhores da Serra⁷⁴, onde beatificamente goza as ausências de Lisboa (porque vou estando em situação de pensar que isto da ausência de Lisboa é das coisas melhores que um homem pode ter...), e mostrou-se interessado em que eu lhe escrevesse também. Também porque, ao que então soube, o João tivera sobre a sua resposta uma opinião semelhante à minha e dissera-lho por escrito.

Eis, pois, o que penso sobre a sua carta ao Sampaio⁷⁵. O seu texto é muito sério e inclui argumentos valiosos. Quanto ao que lá está escrito, você responde definitivamente ao

⁷³ Adolfo Casais Monteiro (1908 – 1972).

⁷⁴ Casa de férias de João José Cochofel no Senhor da Serra, perto de Coimbra, ponto de encontro de muitos dos nomes ligados ao Neo-Realismo, sobretudo do grupo de Coimbra.

⁷⁵ Álvaro Sampaio, pseudónimo de Luís Albuquerque na *Vértice*. A propósito desta carta (*Vértice: Revista de Cultura e Artes*, n.º 99-101, Novembro de 1951-Janeiro de 1952), e da polémica que a mesma gerou, prolongando-se por mais uns anos, explica V. F. na sua *Conta Corrente 2*: «Tive com este homem [Casais] um início de polémica [que ficará conhecida como *caso Fernando Pessoa*] que não desenvolvi. A história. Um dia, aí por 49 ou 50, passei as férias na Costa Nova, onde estava o Luís Albuquerque. E certa tarde fomos a casa do Mário Sacramento, que morava, salvo erro, em Ílhavo. Era minha intenção fazê-lo voltar às letras de que se aposentara. Irritados com a manipulação exclusivista de Pessoa, lembrámo-nos então de desencadear uma ofensiva. Albuquerque assinava artigos na *Vértice* com o pseudónimo de Álvaro Sampaio. Combinámos que ele abria fogo a que eu responderia e depois o Sacramento e depois quem viesse. Albuquerque disparou, eu ripostei com uma “Carta a Álvaro Sampaio” publicada na *Vértice* em 51, creio. Orientado por um sentido polémico e uma óptica ainda um tanto neo-realeira, produzi coisa agressiva em que desvalorizava o poeta sem o contrapeso da valorização [...]. Casais, no apêndice de um folheto sobre Pessoa, trata-me por isso de “cavalo”. Não gostei. Redigi então uma nova e enorme “Carta a Álvaro Sampaio”. Eu não seria propriamente um “cavalo”, mas a minha posição era falsa, porque insistia aí na desvalorização do poeta. E não publiquei a coisa. Com pena. Não sou indiferente ao apetite de arrear, à boa maneira lusitana [...]. E eu sentia que era talvez socialmente útil adornar ao Casais o seu ímpeto com algumas mossas. Mas o meu combate era injusto e amochei. Entretanto Casais lá deve ter reconsiderado que eu não seria talvez da família dos equídeos e na reedição do opúsculo omitiu o apêndice» (Ferreira, 1981: 25). Na mesma obra, uns meses e umas páginas depois, V. F. retoma o assunto: «Quando em resposta à minha “Carta a Álvaro Sampaio sobre Pessoa” Casais me tratou de cavalo, redigi uma longa réplica mas que não publiquei. A minha posição era falsa porque em polémica não se pode ceder um palmo e eu devia em consciência ceder muitos quilómetros na valorização de Pessoa. Porque para lá das geringonças malabaristas, Pessoa é um poeta grave. Toda a ironia e jogo é nele um disfarce de uma amargura e seriedade profundas. E isso atingia-me flagrantemente. Além de que o meu primeiro escrito tinha escritos neo-realeiros de que me purgara definitivamente. Acontecia assim que o dizer mal de Pessoa fora em parte um exorcismo contra a sua sedução, um modo de instaurar um grande intervalo entre ele e mim. De modo que fiquei cavalo sem repontar. Sei, aliás, que o Casais pôde ainda elogiar-me para amigos comuns. E não é por acaso que na reedição do opúsculo em que vinha a sua gentileza de eguariço não reproduziu a eguarada.» (Ferreira, 1981: 183-184)

cavalheiro. Mas *receio muito* que o tom geral de que se serviu na resposta seja infeliz, que ele o inferiorize aos olhos do público desatento (só deste, evidentemente, mas que também conta nestas questões de polémicas) e que acabe por fazer passar despercebida a argumentação séria que lá está – mas abafada pelo ar de chalaça fácil – que não é evidentemente o seu tom habitual e que poderá talvez fornecer facilidades de manejo ao cavalheiro na réplica ou réplicas inevitáveis que irá fazer. O não se referir ao homem pelo seu nome corrente (C. M.) mostra um desdém que parece mais afectado que real – e de que você não precisa para nada; os motejos género "super-miolo" provocam riso, sem dúvida alguma, mas um riso que pouco dura; a "citação", sobretudo, dos versos do homem propositadamente alterados e tornados estúpidos parece-me prejudicial porque o porão, a você, numa posição imediatamente fraca perante, por exemplo, os admiradores de Casais como poeta (que os há. Eu, por exemplo, que tenho da pessoa Casais, do político Casais e, em grande parte, do ensaísta Casais a pior das opiniões, considero-o um bom poeta). Por outro lado, a sua argumentação é tão séria e a resposta ao cavalheiro tão importante, que, quanto a mim, seria extremamente lamentável que ela não produzisse todo o efeito meramente pela maneira por que é apresentada.

Por isso lhe pergunto: não seria você capaz (se estiver de acordo com o meu ponto de vista) de re-estudar o *tom* da carta, de alterá-la na forma de apresentação, não facilitando a luta ao cavalheiro ao usar um tom de certo modo próximo da arruaça – em que ele é exímio?

Desculpe-me, meu caro Vergílio Ferreira, a sinceridade com que lhe ponho o problema. Mas tenho a impressão de que está em causa a sua posição e, um pouco também, a de todos nós.

Um bom abraço do seu velho amigo e admirador

A carta que V. me envia, e parece
 a eu do Cochofel (seu, aliás, recebê-la em breve desvalvida de
 t'ora). Duplamente ofendido, pois, pelas suas observações. Elas
 correspondem, de resto, à minha intenção já transmitida ao
 Cochofel de Espanha, e ao próprio Albuquerque eu cáto
 de lá dias. Profundamente, um efeito, re-escrever o Penso
 em tom mais dominado. Mas terá para isso de não relever
 a esboçada prosa do Monteiro, (ou do Casais, Monteiro)
 Curiosa coisa, todavia: tacitamente ou explicitamente, todos
 admitimos que o sujeito dê largas à arruaça; que outro ceda
 um pouco à imitação natural... Mas, enfim, eu devo, a
 mim próprio ao menos, uma maior moderação. Não ao
 cavalheiro, que se me revelou (afore que reli, na maioridade,
 os seus esboços) bastante curo de ideias e com uma inte-
 ligência de não parada. Os versos... que desorganização irre-
 mediável haverá em mim ~~que~~ a impedir-me que me aton-
 jam? E todavia não se ^{afora} apontar-lhe ^{afora} razões, a não ser uma
 certa gaguez interna ~~que~~ ^{que} ~~tatamurdear~~ ^{tatamurdear} que não deixa
 abrir de um golpe a verdade dele (emocional ou
inteligente). Justo está, bem: a minha paródia é de mau
 gosto (e há o público). Profundamente, me costar a di-
 reito, secamente, e a sério. (Os versos de Penos, que
 indico, bem como esta prosa inicial, são paródia
 também. Verei o que fazer disso). Por resistentes que se-
 am o nervo de um homem, por maior que seja

o respeito ^{perdido} a um ofensor, é difícil resistir de ânimo
domado a quem chamem "cavalo", "asno" etc.
Mas há o público e há a nossa dignidade, afectada
de certo com uma reacção no mesmo tom. Foi de resto o
público (e o "cão" Penna) me obstarão a este esforço
brutal de abandonar o que me interessa para vir fazer
de comadre em rixa ao malheiro. (Por público, entendo
também, - talvez sobretudo - aqueles para quem Monteiro é
um valor como "opinião"). No fim de contar, quem cansa dis-
cussão, é bem possível que a troca de ~~palavras~~ ^{palavras} ~~lefitimas~~ ^{lefitimas} e
d'isso devaneie desde já a dispersar as palavras: há um li-
mite para tudo, sobretudo para a má-educacão. Mas farei
o esforço, farei o esforço, - tenha a certeza.

E mandando de novo:

Junte-se o Aquilino faz e mais 70 anos.
Que pensam Vocês de uma homenagem da Vésper? Eu
acho-a justíssima e certamente reconfortante para o
excelente scitor. Por mim, deixo vivamente esboçar qual-
quer coisa, e fi-lo-ei, se pude, em coro ou a solo.
Os juradores portugueses, Aquilino foi o ~~qual~~ mais de
de comer as ~~palavras~~ glórias nacionais (a um Torga e deri-
vados, quem sabe se até mesmo ao faciliano brasileiro, - e este
e não encontram apenas através dos americanos (do Norte e
do Sul). Mas, para lá de tudo o mais, há a questão
moral de honra para um homem que presta uma longa
vida a ser verdadeiramente um scitor. Que pensam Vocês?

Parto em breve daqui. Mas antes escrevo no
dia 20. Se ~~me~~ ^{me} puder dizer alguma coisa, diga-me para
lá, por favor.

Cordial abraço do grato amigo
e de sempre amigo
Veylio Feneira

Meu caro Mário Dionísio:

A carta que você me envia, esperava-a eu do Cochofel (devo, aliás, recebê-la em breve devolvida de Évora). Duplamente obrigado, pois, pelas suas observações. Elas correspondem, de resto, à minha intenção já transmitida ao Cochofel, de Espanha, e ao próprio Albuquerque, em carta de há dias. Proponho-me, com efeito, reescrever o *Pessoa* em tom mais dominado. Mas terei para isso de não reler a escoicinhada prosa do Monteiro (ou do Casais Monteiro). Curiosa coisa, todavia: tacitamente ou explicitamente, todos admitimos que o sujeito dê largas à arruaça; que outro ceda um pouco à irritação natural... Mas, enfim, eu devo, a mim próprio ao menos, uma maior moderação. Não ao cavalheiro, que se me revelou (agora que reli, na maioridade, os seus escritos) bastante curto de ideias e com uma inteligência de mão pesada. Os versos... Que desorganização irremediável haverá em mim a impedir-me que me atinjam? E todavia não sei apontar-lhe agora razões, a não ser uma certa gaguez interna deles, esse tartamudear que não deixa abrir de um golpe a verdade deles (emocional ou *inteligente*). Mas está bem: a minha paródia é de mau gosto (e há o público). Proponho-me cortar a direito, secamente, e *a sério*. (Os versos de Pessoa, que indico, bem como certa prosa inicial, são paródia também. Verei o que fazer disso.) Por resistentes que sejam os nervos de um homem, por maior que seja / o respeito devido a um ofensor, é difícil resistir, de ânimo domado, a que nos chamem “cavalo”, “asno”, etc. Mas há o público e há a nossa dignidade, afectada decerto com uma reacção no mesmo tom. Só de resto o público (e o “caso” Pessoa) me obrigariam a este esforço brutal de abandonar o que me interessa para vir fazer de comadre em rixa ao soalheiro. (Por público, entendo também – talvez sobretudo – aqueles para quem Monteiro é um valor como “opinião”.) No fim de contas, meu caro Dionísio, é bem possível que a troca de impressões entre mim e o sujeito, legítima e digna, devesse desde já dispensar as palavras: há um limite para tudo, sobretudo para a má educação. Mas farei o esforço, farei o esforço – tenha a certeza.

E mudando de rumo:

Soube que o Aquilino faz em breve 70 anos. Que pensam vocês de uma homenagem da *Vértice*? Eu acho-a justíssima e certamente reconfortante para o excelente escritor. Por mim, desejo vivamente escrever qualquer coisa, e fá-lo-ei, se puder, em coro ou *a solo*. Dos prosadores portugueses, Aquilino foi dos que mais deram de comer às glórias nacionais (a um Torga e derivados, quem sabe se até mesmo ao Graciliano brasileiro – se este se não encontrou apenas através dos americanos (do Norte e do Sul)). Mas, para lá de tudo o mais, há a questão moral de homenagear um homem que gastou uma longa vida a ser verdadeiramente *um escritor*. Que pensam vocês?

⁷⁶ No canto superior esquerdo da carta, pode ler-se, escrita a tinta azul por M. D., a nota “Respondido”.

Parto em breve daqui. Mas estarei em Évora no dia 20. Se me quiser dizer alguma coisa, diga-ma para lá, por favor.

Cordial abraço do grato amigo e de sempre admirador

Vergílio Ferreira

P. S. Agrada-me dizer-lhe que sobre a minha 1.^a *Carta a A. Sampaio*, o José Régio declarou ao irmão (que mo transmitiu) haver ali “algumas coisas muito bem vistas”. Para lá dos excessos (necessários aliás) a que recorri, apraz-me verificar que alguma coisa de justo e conveniente pratiquei: F. Pessoa *já não é o mesmo*. Para isso em alguma coisa dei a minha ajuda – aos que comigo concordam. De resto, antes de mim malhou o G. Simões, o próprio Régio, etc. Pessoa (génio) é hoje uma questão pessoal de alguns apenas.

Carta XXIX (Évora[?], Setembro/Outubro 1955[?])

Resposta

Meu caro M. Dionísio:

Não sei onde pára o Cochofel e por isso lhe envio a V. as primeiras pp. do escrito anti-Adolfo. Peço eliminem toda a paródia aos versos do barde (p.28). E podem começar a composição. Tenho muitas emendas e acrescentos a fazer; mas posso guardar-me para as provas.

Provavelmente não dominei ainda inteiramente o tom. Mas vim encontrar « 2 longos escritos assinados com um pseudónimo (que encobre o nome de um padre-cavalgadura) e publicados no jornal DEFESA (de Agosto) em que sou bestialmente agredido por causa do romance MANHÃ SUBMERSA. Fiz uma consulta a um advogado, para ver se é possível sentar o jornal no mocho. E tudo isto me traz irritado. Assim me vai parecendo um sonho a tranquilidade de outrora, com uma folha de papel em frente, um bocado de tinta e de silêncio.

Estive no Porte com o O. Lopes, a I. Lusa, e J. Resende (de quem tenho agora aqui no escritório um belo óleo) e com outros. Longa conversa Cordial abraço de

Válgas Lusa.

Évora[?], Setembro/Outubro 1955?⁷⁷

Meu caro Mário Dionísio:

Não sei onde pára o Cochofel e por isso lhe envio a você as primeiras páginas do escrito anti-Adolfo. Peço que eliminem toda a paródia aos versos do bardo (p. 28). E podem começar a composição. Tenho muitas emendas e acrescentos a fazer; mas posso guardar-me para as provas.

Provavelmente não dominei ainda inteiramente o tom. Mas vim encontrar 2 longos escritos assinados com um pseudónimo (que encobre o nome de um padre-cavalgadura) e publicados no jornal *Defesa*⁷⁸ (de Agosto) em que sou bestialmente agredido por causa do romance *Manhã Submersa*. Fiz uma consulta a um advogado, para ver se é possível sentar o jornal no mocho. E tudo isto me traz irritado. Assim me vai parecendo um sonho a tranquilidade de outrora, com uma folha de papel em frente, um bocado de tinta e de silêncio.

Estive no Porto com o O. Lopes, a I. Losa, o J. Resende (de quem tenho agora aqui no escritório um belo óleo) e com outros. Longa conversa.

Cordial abraço do

Vergílio Ferreira

⁷⁷ Ainda que esta carta não esteja datada, facilmente constatamos, dado o contexto, ter sido escrita na sequência da carta anterior, algures entre Setembro e Outubro. No canto superior esquerdo da mesma, pode ler-se, escrita a tinta azul por M. D., a nota “Respondido”.

⁷⁸ Artigo publicado no jornal semanário católico *A Defesa* (Évora, 1923), a 5 de Agosto de 1955, com o título “O Equívoco da Submersão de Vergílio Ferreira” e assinado por Carlos Maia. Vergílio Ferreira haveria de escrever, três anos depois, no *Jornal de Évora*, um artigo em resposta a este intitulado “Do Sr. Carlos Maia e do seu carolíngio parecer” (*Jornal de Évora*, 2 de Novembro, 1958).

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO POPULAR

BILHETE POSTAL

NUNCA ESTUDASTE
NEM LESTE?
GANHA AGORA
O QUE PERDESTES.

1955

Remetente

v. f. f. f.
v. f. f. f. 28
EVOZA

22 H
28-VI
1956
EVOZA

50 CTVS.
PORTUGAL

M. Elias farias, 176-3º Dº
Lisboa

28.6.1958

John can fix Dennis;
Li ant. fo. En chio. Perfecto.
En. for the (new) eyes.
Leaf heavy on
V₁/1. Linn

Vergílio Ferreira
Rua da Mesquita, 28
Évora
28. 6. 1956⁷⁹

Ex.^{mo} Sr.
Dr. Mário Dionísio
Av. Elias Garcia, 176 - 3.º - D.º
Lisboa

Meu caro Mário Dionísio:

Li o artigo⁸⁰. Em cheio. Perfeito.
Era o que lhe queria dizer.
Cordial abraço do

Vergílio Ferreira

⁷⁹ A data de 28.06.1956 surge escrita a tinta azul, pela mão de M. D., no canto superior esquerdo do bilhete.

⁸⁰ Tudo leva a crer que o artigo em questão de M. D. se refere a “Comentário a uma exposição”, publicado no jornal *República* a 22 de Junho do mesmo ano, tendo em conta não só a proximidade temporal relativamente à data da carta, mas também por ter sido este o único artigo escrito pelo autor em Junho do mesmo ano.

Postal ilustrado II (S. Martinho do Porto, 23.08.1956)



47 S. MARTINHO DO PORTO — Pesca à rede

S. Martinho do Porto, 23.8.56

Casa da Quinta **BILHETE POSTAL**
Portugal
Emegê

Aqui vamos na nossa volta S. Martinho
é como preta, e numa imagem secreta,
parecido com um leide. Tem todavia algumas
dunas vistas de altitude que levam a desco-
brir mares. Mas as p'ras ostendo facto
da pose do Infante D. Henrique. De
isto a minha "mitificação" é a da minha
também (que é a do espaço) e não a
do mar (que é a da paisagem). Então foi
na S. Pedro de Paul. O melhor da paisagem
foi ainda foi feito por D. Dinis. Lá vimos
o aspecto do Afonso Lopes Vieira. Polue a pe-
cha. Com uma paisagem daquela - o que se fez!
Voz? Imagino-os afluente de repente os
assalto da "visita", as mãos rodando a tela
nos intervalos e à Eduarda estagando a bicicleta na
estada do Aviação. Saudades dos vizinhos de Sintra,
ao bus. Alcor e ao fundo Conselhoiro.
Para Voz, amigos, saudades a sério. Resina & Vergílio

Edmundo.

Dr. Mário Dionísio
D. Maria Betria

Casa do L. Frei da Quinta

Sintra - Galamane

Edição da Junta do Turismo

Made in Germany

S. Martinho do Porto, Agosto 956

Ex.^{mos} Srs.

Dr. Mário Dionísio e D.^a Maria Letícia

Casa do Sr. José da Quinta

Sintra – Galamares

Caros amigos:

Aqui vamos na nossa volta. S. Martinho é como praia, e numa imagem secreta, parecido com um bidé. Tem todavia algumas dessas vistas de altitude que levam a descobrir mares. Mas eu já vou estando farto da *pose* do Infante D. Henrique. De resto a minha “metafísica” é a da montanha (que é a do *espaço*) e não a do mar (que é a da *lonjura*).

Ontem fomos a S. Pedro de Moel. O melhor daquilo tudo ainda foi feito por D. Diniz. Lá vimos o espectro do Afonso Lopes Vieira. Pobre espectro. Com uma paisagem daquelas – o que ele fez!

Vocês? Imagino-os aguentando alegremente os assaltos das “visitas”, ao Mário rodando a tela nos intervalos e à Eduarda estragando a bicicleta na estrada do Aviário.

Saudades aos nevoeiros de Sintra, ao Sr. Alcino e ao querido Conselheiro. Para vocês, amigos, saudades a sério.

Regina & Vergílio

Évora, 27 - Letra 516

12. Inês (28)

Querida Inês:

Deixámos-las, salvo erro, em 1. Junho.
Nho do Porto. A nossa rota depois incluiu a
aldeia, v. de. Ref, o Pinheiro, o Porto. Encontrei
os meus conhecimentos: v. de. Inês, Inês, Inês,
Inês, românicas e conheci no Porto o Ramon
de Almeida. Bom espírito, não é assim?
O Rui feio! falhei-o por um tiz. Tinha abelha
de Inês, onde nos ficámos dois dias.

Junto remeto as fotografias.
Há uma foto da Eduarda. Não sei se Vós
cultivam a foto. A interessarem-se, digam-me.
Poderei tentar uma ampliação maior da
que refiro.

Travo a fim a minha loquacidade.
os trâmites da readaptação ao facto do
costume não dão azo ao paleio. Gente

Vou de Vacas.

lanang : ju: betua. laide à tduade.
huf huf ji - u

YH. h

Évora, 27 – Setembro – 956
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Dionísio:

Deixámo-los, salvo erro, em S. Martinho do Porto. A nossa rota depois incluiu a aldeia, Vila Real, o Minho, o Porto. Enriqueci os meus conhecimentos: vi belas paisagens, belas igrejas românicas e conheci no Porto o Ramos de Almeida⁸¹. Boas aquisições, não é assim? O Rui Feijó⁸² falhei-o por um triz: tinha abalado de Âncora, onde nos quedámos dois dias.

Junto remeto as fotografias. Há uma boa da Eduarda. Não sei se vocês cultivam a foto. A interessarem-se, digam-no: poderei tentar uma ampliação maior da que refiro.

Travo aqui a minha loquacidade: os trâmites da readaptação ao fado do costume não dão azo ao paleio. Conte / você de vocês.

Saudação à Maria Letícia. Saúde à Eduarda.

Cordial abraço para si do

Vergílio Ferreira

⁸¹ António Ramos de Almeida (1912 - 1961), jornalista, professor, crítico literário e ensaísta, importante teórico do Neo-Realismo e autor de *A Arte e a Vida* (1941), por muitos considerado um texto programático do movimento. Foi igualmente colaborador na *Vértice*.

⁸² Rui Feijó (1921 - 2008), escritor, tradutor, historiador, deputado, autarca e último dos membros do grupo neo-realista de Coimbra, tendo integrado também a *Vértice*.

Carta XXXI (Lisboa, 29.12.1957)

Lisboa, 29 de Dezembro de 1957.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Além do meu trabalho habitual, meti-me este ano na aventura de concluir o meu estágio, interrompido há dezassete anos! Uma conferência, de relativa responsabilidade, há pouco feita em Lisboa, foi escrita e re-escrita, a pouco e pouco, em horas roubadas ao sono. E aqui tem a razão por que só hoje lhe venho dar um abraço pela publicação do seu "Do Mundo Original", há tanto tempo em cima da minha mesa de trabalho e para o qual todos os dias tenho olhado com uma ponta de remorso.

Foi um prazer para mim ler este seu livro, como sempre acontece com os seus trabalhos. No mar quase estagnado da nossa cultura, como não se ha-de saborear o encontro com aqueles raros ^{casos} que ainda pensam e para os quais escrever é alguma mais - muito mais - do que encher a bem ou a mal uns centos de páginas e vê-las acolhidas com interesse na imprensa e (sobretudo...) no balcão do livreiro?

Este prazer não foi, aliás, senão a continuação do que sempre me deram as nossas conversas de Galamares. Os seus problemas, as suas perguntas, as suas dúvidas e propostas não são uma novidade para quem tem acompanhado a sua evolução, em livros e artigos, ou, mais acaloradamente, em conversas de férias. Mas, escrito, todo o mundo se renova. É aí - na elaboração e re-elaboração escrita - que ele atinge afinal (para aqueles que têm esta qualidade ou este defeito, esta propriedade, de encontrarem nela o fim e o meio de tudo) a sua significação e intensidade mais profundas. Ler este seu livro (relê-lo, em muitos casos) é recomeçar interminavelmente o nosso diálogo (o meu diálogo consigo, o meu diálogo consigo mesmo). Onde, sem dúvida alguma, em muitos momentos - como sabe - o acompanho. Onde ~~xxx~~ também - e como você também sabe - em muitos outros nos afastamos (cada vez mais? receio que sim, mas não saberia afirmá-lo, precavido como hoje estou para as tantas ~~xxxx~~ surpresas que, felizmente, se nos deparam nos outros e em nós). É possível os mesmos passos ou uma meditação semelhante sobre passos aparentemente semelhantes levarem a caminhos diferentes? A conclusões divergentes? É bem possível. Creio que é talvez o que se está a dar connosco. Mas não será toda a conclusão essencialmente transitória? Os últimos anos mostram-nos reencontros surpreendentes e imprevisíveis

Desculpa-me dizer-lhe, sobretudo na pressa com que lhe escrevo, o que pode produzir a impressão (mas falsíssima) de que estou a querer, de algum modo, impor-lhe a minha razão ou o que supponho ser a minha razão e não seria mais do que a assimilação inconsciente de uma atitude exterior, por sua vez mais ou menos habilidosa-mente imposta, etc. É da minha viagem interior, verdadeiramente int minha e verdadeiramente interior, que, todavia, se trata. E nela que ao fim encontro as fortíssimas razões de esperar, ou julgo ver negadas no seu livro. Que julgo ver negadas, mas por meio de uma ponte de observações, de raciocínios, de perguntas, tão semelhantes a tantas que tenho formulado e que formulo (e certamente formularei) que não posso acreditar que o desacordo que o seu livro torna evidente entre nós (quero dizer: entre a sua visão xxxx aparentemente final do homem e da arte, e a minha) não será mais do que um desacordo transitório, mais : do que um desacordo necessário para futuros acordos.

Não creia, meu caro Vergílio Ferreira, que o meu sa-
bor, da vida é hoje doce. Quem sabe se, nalguns casos,
será um pouco mais amargo do que o seu. Mas não ven-
so que apenas se sofra durante a tempestade. Que a
tempestade traga apenas desencanto, desilusão, pessimi-
smo, egoísmo, enfado total, escombros. Cada um destes
males existe. Sinto, experimento-o, um a um, (eu, M.D.)
até ao extremo limite do risco. Mas, através de cada
um desses males e deles todos, o que sinto acima de tu-
do é que, como ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ "cresce-se
repetia incansavelmente o nosso Van Gogh, "cresce-se
na tempestade". E - creio bem - tudo está nisso.

Desculpe, de novo, o atraso desta carta. E aceite um grande abraço do amigo e admirador

Lisboa, 29 de Dezembro de 1957.

Meu caro Vergílio Ferreira:

Além do meu trabalho habitual, meti-me este ano na aventura de concluir o meu estágio, interrompido há dezassete anos!⁸³ Uma conferência⁸⁴, de relativa responsabilidade, há pouco feita em Lisboa, foi escrita e reescrita, a pouco e pouco, em horas roubadas ao sono. E aqui tem a razão por que só hoje lhe venho dar um abraço pela publicação do seu *Do Mundo Original*, há tanto tempo em cima da minha mesa de trabalho e para o qual todos os dias tenho olhado com uma ponta de remorso.

Foi um prazer para mim ler este seu livro, como sempre acontece com os seus trabalhos. No mar quase estagnado da nossa cultura, como não se há-de saborear o encontro com aqueles raros que ainda pensam e para os quais escrever é alguma coisa mais – muito mais – do que encher a bem ou a mal uns centos de páginas e vê-las acolhidas com interesse na imprensa e (sobretudo...) no balcão do livreiro?

Este prazer não foi, aliás, senão a continuação do que sempre me deram as nossas conversas de Galamares. Os seus problemas, as suas perguntas, as suas dúvidas e propostas não são uma novidade para quem tem acompanhado a sua evolução, em livros e artigos, ou, mais acaloradamente, em conversas de férias. Mas, *escrito*, todo o mundo se renova. É aí – na elaboração e reelaboração escrita – que ele atinge afinal (para aqueles que têm esta qualidade ou este defeito, esta propriedade, de encontrarem nela o fim e o meio de tudo) a sua significação e intensidade mais profundas. Ler este seu livro (relê-lo, em muitos casos) é recomençar interminavelmente o nosso diálogo (o meu diálogo consigo, o meu diálogo comigo mesmo). Onde, sem dúvida alguma, em muitos momentos – como sabe – o acompanho. Onde também – e como você também sabe – em muitos outros nos afastamos (cada vez mais? receio que sim, mas não saberia afirmá-lo, precavido como hoje estou para as tantas surpresas que, *felizmente*, se nos deparam nos outros e em nós). É possível os mesmos passos ou uma meditação semelhante sobre passos aparentemente semelhantes levarem a caminhos diferentes? A conclusões divergentes? É bem possível. Creio que é talvez o que se está a dar connosco. Mas não será toda a conclusão essencialmente transitória? Os últimos anos mostram-nos reencontros surpreendentes / porque imprevisíveis. Tudo recomeça constantemente. Na solidão como fase final, quando você a encontra e carinhosamente a recebe, no seu "é bom regressar e estar só", não nos podemos encontrar. Mas o que se lhe afigura como conclusão – e para afirmá-la como tal terá você certamente, pelo menos, tantas e

⁸³ Em 1957, quando os estágios do ensino liceal regressam a Lisboa, M. D. inscreve-se no 2.º ano de estágio no Liceu Normal de Pedro Nunes.

⁸⁴ Neste mesmo ano, no âmbito da I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, na altura acabada de criar, M. D. dá uma conferência intitulada *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea* na SNBA, que repetirá em Coimbra (Museu Machado de Castro) e em Castelo Branco (Cine-Teatro Avenida). No ano seguinte será publicado o ensaio homónimo (Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1958).

tão fortes razões como eu para negá-la – só o posso compreender (e cada vez mais) como momento de passagem. O horror, a presença, a autenticidade da solidão, como negá-los nestes dias, se os vivemos efectivamente? Só os não experimenta quem passa por fora, contornando, ladeando dificuldades e o sofrimento delas. Mas, meu caro Vergílio Ferreira, aqui – eis o que sinto ainda com mais convicção do que quando "o alarido" era muito, eis o que oiço mais nitidamente do que nunca neste "silêncio" presente – não é o fim. Não cerramos nunca a porta sobre a nossa discussão. Não fazemos muito mais do que supor que a cerramos. Do que supor que desejamos cerrá-la. E, por mais fatigante que, em dada altura, consideremos "ter razão" – como tudo, nessa altura, consideramos fatigante, incluindo viver – é à necessidade e à verdadeira alegria de ter razão que sempre voltamos. Felizmente. Saudavelmente. Humanamente. Desculpe-me dizer-lho, sobretudo na pressa com que lhe escrevo, o que pode produzir a impressão (mas falsíssima) de que estou a querer, de algum modo, impor-lhe a minha razão ou o que suponho ser a minha razão e não seria mais do que a assimilação inconsciente de uma atitude exterior, por sua vez mais ou menos habilidosamente imposta, etc. É da minha viagem interior, verdadeiramente minha e verdadeiramente interior, que, todavia, se trata. É nela que ao fim encontro as fortíssimas razões de esperar, que julgo ver negadas no seu livro. Que julgo ver negadas, mas por meio de uma ponte de observações, de raciocínios, de perguntas, tão semelhantes a tantas que tenho formulado e que formulo (e certamente formularei) que não posso acreditar que o desacordo que o seu livro torna evidente entre nós (quero dizer: entre a sua visão aparentemente final do homem e da arte e a minha) não será mais do que um desacordo transitório, mais: do que um desacordo necessário para futuros acordos.

Não creia, meu caro Vergílio Ferreira, que o meu sabor da vida é hoje doce. Quem sabe se, nalguns casos, será um pouco mais amargo do que o seu. Mas não penso que apenas se sofra durante a tempestade. Que a tempestade traga apenas desencanto, desilusão, pessimismo, egoísmo, enfado total, escombros. Cada um destes males existe. Sinto, experimento-o, um a um (eu, M. D.), até ao extremo limite do risco. Mas, através de cada um desses males e deles todos, o que sinto acima de tudo é que, como repetia incansavelmente o nosso Van Gogh, "cresce-se na tempestade". E – creio bem – tudo está nisso.

Desculpe, de novo, o atraso desta carta. E aceite um grande abraço do amigo e admirador

Carta XXXII (Évora, Junho 1958)

Évora, Junho 1958
(R. Jussupite, 28)

Quer car Jussupite: de uns dias.
Quer. Eu fidei pela sua importância para o tempo, como justificação desta degradação humana e eleitoral. Li o Espirito, naturalmente de um sólo, e é só a si: - quanto recente por lá mesmo. Com todos os seus pontos também até, ainda por pouco extensos, de-
monia quem o seu autor. Porque V. tem um "estilo" sem o ter, que é a
melhor forma de te-lo (e me lembro este aspecto (p. de palavras): é o estilo
que é tem, modo de ser pessoal, maneira espontânea de estar presente no que se escreve.
Define uma maneira uma espécie de tática de guerrilha, com avanços e retrocessos,
surtidas constantes com algo de inesperado: um ponto final não é nunca no seu livro
uma garantia de que podemos respirar: fê-lo muitas vezes ainda mais austeramente,
um complemento circunstancial a disparar contra nós.

Logo isso mesmo é um livro mais de estimular o leitor, inquieto
te-lo, como é um livro sinal de intemperidade do autor, de sua in-
quietude forçada: a mais vibrante nota para mim do seu ensaio é a
do reconhecimento de que há um facto pouco conhecido... é a
solução por V. o reconhecimento de um entusiasmo no D. C. da L.
transmita na Vértice. Ou: tudo isso é o mesmo que

Quis, talvez, athermista da arte só ainda um modo de melhorar
e vivamente e profundamente exprimir o mesmo tempo: "não se pode
resolver mais uma nova arte". Li. Isso me fez pensar no realismo,

Évora, Junho 958
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Muito obrigado pela sua conferência que veio bem a tempo, como purificação nesta degradação humana e eleitoral. Li o opúsculo, naturalmente de um fôlego, e é sob a sua impressão recente que lhe escrevo. Como todos os seus escritos também este, ainda que pouco extenso, denuncia bem o seu autor. Porque você tem um “estilo” sem o ter, que é a melhor forma de tê-lo (se me consente este aparente jogo de palavras): é o estilo que é *tom*, modo de ser pessoal, maneira espontânea de estar presente no que se escreve. Define essa maneira uma espécie de tática de guerrilhas, com avanços e retrocessos, surtidas constantes com algo de inesperado: um ponto final não é nunca na sua prosa uma garantia de que podemos repousar: falta muitas vezes ainda uma anotação, um complemento circunstancial a disparar contra nós.

Mas isso mesmo é um bom meio de estimular o leitor, inquietá-lo, como é um belo sinal da intranquilidade do autor, da sua inquieta procura: a mais vibrante nota para mim do seu ensaio é a do reconhecimento de que há crise nos quatro pontos cardiais... Eu já sabia que você o reconheceria desde uma entrevista no *Diário de Lisboa* transcrita na *Vértice*. Assim é belo ouvi-lo afirmar que as próprias soluções extremistas da arte são ainda um modo de realmente e vivamente e profundamente exprimirem o nosso tempo: “não se pode *resolver* criar uma nova arte”. Sim. Por isso me pergunto se o realismo, / ao menos em certa forma canónica, pode ser uma das faces da arte de hoje. Sei bem quanto você tem procurado pôr as coisas no seu lugar. Mas não prolongaremos um equívoco falando ainda em “realismo” a propósito, por exemplo, de uma Vieira da Silva? *Sinto* que a arte “abstracta” (ao menos a geométrica) é um limite, e daí que eu não imagine o que possa vir *depois*. Mas já não sei se algo de eficiente se lhe pode opor *hoje*. De qualquer modo é belo e bom ouvi-lo desmascarar um Pomar e um Almada (p. 32).

Assim, por sobre tudo, o que mais uma vez para mim define este seu ensaio é o seu sincero humanismo, a defesa do que em arte defende e dignifica o homem, a união da arte à vida de modo a não fazer daquela um luxo, uma superfluidade, uma distração – mas uma dimensão em que é posto em causa o que de mais sério, grave, há na condição humana.

* *
*

Como fui vítima, nos meus últimos livros, de “gralhas” infames, anoto-lhe aqui algumas do seu livro, para a futura edição:

P. 14 (data de *Eugénie Grandet*); p. 15 (data do nascimento da arte abstracta); p. 18 (Manet e não Monet – autor do *Clemenceau*).

* *
*

Conhece o retrato de Joyce feito por Brancusi⁸⁵? Que bem ficava na p. 11. É das graças mais engenhosas que já vi. Veja-o no *James Joyce par lui-même*⁸⁶ (col. “Écrivains de toujours”).

* *
*

Sobre o que você diz de Malraux⁸⁷ (“que tem o segredo de afirmar o evidente”), longa carta poderia escrever-lhe. Sim. Nas *Vozes do Silêncio* até o título vem de outrem (E. Faure⁸⁸). Li os 3 volumes de Duthuit⁸⁹ sobre os seus erros. E todavia... Mas felizmente (para si) o papel acabou.

Cordial abraço do velho amigo e admirador

Vergílio Ferreira

P. S. Quem superintende nas *Iniciativas Editoriais*⁹⁰? Caberia lá um escrito meu (coisa para 40 páginas)? É uma *Carta ao futuro*⁹¹ de que *Notícias*⁹² publicou 2 trechos (faltando ainda 4). Literatura escura, com chuva, estrelas, deuses mortos e o mais do meu fado. Suponho que *Iniciativas* exigem mais sol...

⁸⁵ Constantin Brancusi (1876 – 1957), prestigiado escultor romeno, autor de *Portrait of James Joyce* (1929)

⁸⁶ PARIS, Jean (1957). *James Joyce par lui-même*. Paris: Éditions du Seuil.

⁸⁷ André Malraux (1901 – 1976), autor de *Les Voix du Silence* (Paris: Gallimard, 1951).

⁸⁸ Élie Faure (1873 – 1937), historiador de arte e ensaísta francês.

⁸⁹ Georges Duthuit (1891 – 1973), historiador e crítico de arte francês.

⁹⁰ Iniciativas Editoriais, chancela editorial de *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea*, de M. D.

⁹¹ FERREIRA, Vergílio (1958). *Carta ao Futuro*. Lisboa, Portugal.

⁹² *Jornal Diário de Notícias*.

Evac 12. July - 518
(? profit, 28)

[illegible]

to de trabalho humano. Deturcamente, o livro deflete
do meu escrito (e do romance) e por este humanismo
e um ideal não atufado por mim (por mim, talvez)
e daí por tal escrito provavelmente destoe do meu,
por a blatante problem.

Como vai a minha vida? e por falar por
ano? dos exames? e sobre exames: como se resolvem
o seu? e prospectos? Lira e Lisboa?

Ex-voto. Lira e 21 ed. de Pandemonium. De cada
vez por outro o livro, mais novo "galhos". Rev. Lira
conipa "incómodo" para "isotrodo" no p. 127,
45 linha a linha do fi.

para hoje a v.
amip. e a v.
ada

Vll. hum

Évora, 12 – Junho – 958
(Rua da Mesquita, 28)

Meu caro Mário Dionísio:

Muito obrigado pela sua pronta resposta à minha carta. Dos mentores da *Colecção*⁹³, só conheço o Carlos de Oliveira. Dele próprio, aliás, não tenho notícias há alguns anos, suponho que pela sua ideia, justificável decerto, de que as nossas relações não lhe tinham interesse. De modo que não me é possível escrever a qualquer deles. Para o caso, porém, de você lhes falar, esclareço desde já o que importa do meu ensaio. É ele uma espécie de introdução ao romance que escrevo (*Aparição*⁹⁴) e em que defino os limites extremos de um verdadeiro humanismo: a *evidência* da plenitude nos limi / tes da condição humana. Naturalmente, o grave defeito do meu escrito (e do romance) é que este humanismo é um ideal não atingido por mim (por nós, talvez) e daí que tal escrito possivelmente destoe do mais que a *Colecção* publicou.

* *
*

Como vai da sua saúde? E que quebra foi essa? Dos exames? E sobre exames: como se resolveu o seu⁹⁵? E projectos? Fica em Lisboa?

* *
*

Enviei-lhe a 2.^a edição de *Mudança*⁹⁶. De cada vez que abro o livro, acho novas “gralhas”. Peço-lhe corrija “incómoda” para “cómoda” na página 127, 4.^a linha a contar do fim.

Grande abraço do muito amigo e de sempre admirador

Vergílio Ferreira

⁹³ Iniciativas Editoriais.

⁹⁴ FERREIRA, Vergílio (1959). *Aparição*. Lisboa: Portugalíia Editora.

⁹⁵ Referência ao Exame de Estado para o Ensino Oficial feito por M. D. nesse ano e que lhe permitiu tornar-se professor efectivo do Liceu Camões.

⁹⁶ FERREIRA, Vergílio (1958). *Mudança*. Lisboa: Arcádia. Cf. lista de dedicatórias.

de uma imediata operação. Como veterano de guerra de combate, fui atenuado com uma fulcra solidária e animadora. Da solidiedade, superfluo falar, do envolvimento, dito. E se que há uns 12 anos a minha maior era a rede, uma rede obscura que identificava o Paraíso com fontanários, grutas, talos, com sapatos... Terrível. Mas só isso. Porque o meu primeiro, quando me existia com o atordoamento das narcoções. Depois, porém, nem a rede dese já afiligranado. E aí o tempo depois, um pouco frágil, o que dese depois o meu inimigo. Dito, logo se viu, o resultado da refrega.

Não meli ainda o final. Quanto a edificação, um esboço, verbi. J. J. F. resumidamente declara-se no seguinte o nome do autor da farsa. É que o sujeito, que é um tarado de megalomania, reinuncia na cecidade constantemente. Na penúltima ~~na~~ de folha literária do "Notícias", lá vinha o patacata com o seu mudo

de reflexão da "nova frase". Já foi recom-
dado: há a sua finalidade de calar. Ele deu ali
já um nome à nova corrente: "fotoserismo". Pois
desfins já vi a uma tal bandalheira por um final.
per Jacório tu catedra e palmaria?

frase May do
M. L.

Évora[?], Abril 1959⁹⁷

Meu caro Mário Dionísio:

Surpreendeu-nos, apesar de tudo, a notícia da sua imediata operação. Como veterano desse género de campanhas, aqui estou com uma palavra solidária e animadora. Da solidariedade, supérfluo falar; do encorajamento, digo-lhe só que há uns doze anos a maçada maior era a sede, uma sede obsessiva que identificava o paraíso com fontenários, grutas, talvez com sarjetas... Terrível. Mas só isso. Porque o receio prévio, nem esse existia com o atordoamento dos narcóticos. Hoje, porém, nem a sede deve já afligir, suponho. E aí o temos depois com bons fígados, o que deve alegrar os seus inimigos. Diga, logo que possa, o resultado da refrega.

Não recebi ainda o jornal. Quanto a adquirir-lhe um exemplar, verei. Julgo conveniente declarar-se na *Gazeta*⁹⁸ o nome do autor da proeza⁹⁹. É que o sujeito, que é um tarado de megalomania, reincide na cretinice constantemente. Na penúltima folha literária do *Notícias*¹⁰⁰, lá vinha o patarata com o seu sonho / de *Führer* da “nova geração”. Há que reconduzi-lo à sua qualidade de cabo. Ele deu aliás já um nome à nova corrente: “fotosferismo”¹⁰¹. Pois chegámos já nós a uma tal bandalhice que um qualquer pacóvio tem cátedra e palmatória?

Grande abraço do

Vergílio Ferreira

⁹⁷ Apesar de não estar datada, assume-se que esta carta foi escrita algures entre 9 e 16 de Abril de 1959, tendo em conta a referência à “penúltima folha literária do *Notícias*” (cf. nota 100).

⁹⁸ *Gazeta Musical e de Todas as Artes* (1950 – 1962), ex-*Gazeta Musical*, suplemento cultural onde participaram nomes como Fernando Lopes-Graça, João José Cochofel, Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, Fernando Piteira Santos, entre outros escritores neo-realistas e personalidades ligadas ao movimento.

⁹⁹ Afonso Cautela (n. 1933), poeta, jornalista e importante nome da causa ambientalista, fundador do Movimento Ecológico Português.

¹⁰⁰ Artigo publicado a 2 de Abril de 1959 na folha literária “Artes e Letras” do *Diário de Notícias*, então dirigida por Natércia Freire, com o título “Uma Nova Teoria da Criação Humana”, a propósito das estreias editoriais de Ernesto Sampaio, com *Luz Central*, e Herberto Helder, com *O Amor em Visita*.

¹⁰¹ Neste mesmo artigo, o autor justifica o termo: “*Fotosferismo*, eis como poderíamos baptizar a nova teoria da Criação Humana que me parece surgir com Ernesto Sampaio. A fotosfera no campo das ondas luminosas e a gravidade no campo das ondas magnéticas, eis os dois termos-chave para compreender o fotosferismo ou gravitacionismo de Ernesto Sampaio”.

Carta XXXV (Praia das Maças, Fontanelas, 14.08.1960)

Praia das Maças
Fontanelas
14/8/1960

Interprete-se o seguinte:
Ainda não sei em quanto tempo cometeremos a façanha.
Partido às 8h 30, não poderemos ir até às 9h e a volta a meia.
Saída? Nada famosa. Nada mesmo.
Reflexo à primeira fama... Certo ter de ir já pensando
por perdidos, em algum lugar - de ir de morte. de
S. Francisco? De S. João Baptista? Para S. Francisco
faltam-me as barbas; e em S. Francisco sem barbas
é o mesmo que uma Sra. de fortuna com elas. de
S. João Baptista não me convém idêg. Refiro-me por
de Terremoto, tenho muito frio. E a fim de ver - o
meio de ir lá - me os pontos de sol. Quanto a
música de entem, não me reduz a 95 de Beethoven.
Apesar de mais pungente foi anar os nervos
aos convidados. Propomos um fado da Amália. fi-
be o aviso. Ah, a insânia dos meus gênios, um

1. *Chrysomelidae*
 2. *Chrysomelidae*
 3. *Chrysomelidae*
 4. *Chrysomelidae*
 5. *Chrysomelidae*
 6. *Chrysomelidae*
 7. *Chrysomelidae*
 8. *Chrysomelidae*
 9. *Chrysomelidae*
 10. *Chrysomelidae*
 11. *Chrysomelidae*
 12. *Chrysomelidae*
 13. *Chrysomelidae*
 14. *Chrysomelidae*
 15. *Chrysomelidae*
 16. *Chrysomelidae*
 17. *Chrysomelidae*
 18. *Chrysomelidae*
 19. *Chrysomelidae*
 20. *Chrysomelidae*
 21. *Chrysomelidae*
 22. *Chrysomelidae*
 23. *Chrysomelidae*
 24. *Chrysomelidae*
 25. *Chrysomelidae*
 26. *Chrysomelidae*
 27. *Chrysomelidae*
 28. *Chrysomelidae*
 29. *Chrysomelidae*
 30. *Chrysomelidae*
 31. *Chrysomelidae*
 32. *Chrysomelidae*
 33. *Chrysomelidae*
 34. *Chrysomelidae*
 35. *Chrysomelidae*
 36. *Chrysomelidae*
 37. *Chrysomelidae*
 38. *Chrysomelidae*
 39. *Chrysomelidae*
 40. *Chrysomelidae*
 41. *Chrysomelidae*
 42. *Chrysomelidae*
 43. *Chrysomelidae*
 44. *Chrysomelidae*
 45. *Chrysomelidae*
 46. *Chrysomelidae*
 47. *Chrysomelidae*
 48. *Chrysomelidae*
 49. *Chrysomelidae*
 50. *Chrysomelidae*
 51. *Chrysomelidae*
 52. *Chrysomelidae*
 53. *Chrysomelidae*
 54. *Chrysomelidae*
 55. *Chrysomelidae*
 56. *Chrysomelidae*
 57. *Chrysomelidae*
 58. *Chrysomelidae*
 59. *Chrysomelidae*
 60. *Chrysomelidae*
 61. *Chrysomelidae*
 62. *Chrysomelidae*
 63. *Chrysomelidae*
 64. *Chrysomelidae*
 65. *Chrysomelidae*
 66. *Chrysomelidae*
 67. *Chrysomelidae*
 68. *Chrysomelidae*
 69. *Chrysomelidae*
 70. *Chrysomelidae*
 71. *Chrysomelidae*
 72. *Chrysomelidae*
 73. *Chrysomelidae*
 74. *Chrysomelidae*
 75. *Chrysomelidae*
 76. *Chrysomelidae*
 77. *Chrysomelidae*
 78. *Chrysomelidae*
 79. *Chrysomelidae*
 80. *Chrysomelidae*
 81. *Chrysomelidae*
 82. *Chrysomelidae*
 83. *Chrysomelidae*
 84. *Chrysomelidae*
 85. *Chrysomelidae*
 86. *Chrysomelidae*
 87. *Chrysomelidae*
 88. *Chrysomelidae*
 89. *Chrysomelidae*
 90. *Chrysomelidae*
 91. *Chrysomelidae*
 92. *Chrysomelidae*
 93. *Chrysomelidae*
 94. *Chrysomelidae*
 95. *Chrysomelidae*
 96. *Chrysomelidae*
 97. *Chrysomelidae*
 98. *Chrysomelidae*
 99. *Chrysomelidae*
 100. *Chrysomelidae*

2/10/1900

O vosso roteiro foi aprovado, excepto quanto à fantasma e, em vez disso, sempre: é que tenho medo à treva para a retirada. Mas não perdes pela alteração: um dia iremos alimentá-los ao vosso Palácio. Simplemente o plano é por um alívio, para que tudo se passe à luz do sol.

Landade, de toda a tribo

Alh

Consultada a conta de rodovias,
verifiquei que a distância é mais
curta do que eu julguei. E atendendo
a que férias são para dormir, estaremos
no nosso destino às 10h. O.K.?

Praia das Maças

Fontanelas

14/08/960

Amigos:

Combinado portanto: Segunda lá estaremos à Boca do Inferno. Horas? Depende da travessia. Porque não sei em quanto tempo cometeremos a façanha. Partidos porém às 8h30m, creio poderemos aí estar entre as 9h e as nove e meia.

Saúde? Nada famosa. Nada mesmo. Regresso à primeira forma... Creio ter de ir já pensando, por prudência, em como hei-de ir de morto. De S. Francisco? De S. João Baptista? Para S. Francisco faltam-me as barbas; e um S. Francisco sem barbas é o mesmo que uma Snr.^a de Fátima com elas. De S. João Baptista não me convém talvez. Porque se for de Inverno, tenho muito frio. E se for de Verão – o médico proibiu-me os banhos de sol. Quanto a música de enterro, não me seduz a 9.^a de Beethoven. Apeteço algo de mais pungente que arrase os nervos aos convidados. Proponho um fado da Amália. Fique o aviso. Oh, a insânia dos nossos génios, com / projectos para defuntos!

E a propósito de mortos: quem irá agora a Presidente dos Escritores? Eu lembrara-me do Ferreira de Castro. Mas como ele é doentamente modesto, talvez o Assis Esperança¹⁰².

O vosso roteiro foi aprovado, excepto quanto à jantarada e eu vos digo porquê: é que tenho medo à treva para a retirada. Mas não perdeis pela alteração: um dia iremos alimentar-nos ao vosso Palace. Simplesmente optaremos por um almoço, para que tudo se passe à luz do sol.

Saudades de toda a tribo

Vergílio Ferreira

P. S. Consultada a carta de rodoviar, verifiquei que a distância é mais curta do que eu julgava. E atendendo a que férias são para dormir, estaremos no vosso Inferno às 10h. OK?

¹⁰² António Assis Esperança (1892 – 1975), escritor e jornalista português, colaborou nas publicações *Seara Nova*, *O Diabo e Vértice* e dirigiu o jornal de crítica teatral *A Crítica*. Foi um dos fundadores da Sociedade Contemporânea de Autores, pertencendo à 1.^a direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Carta XXXVI (Praia das Maças, Fontanelas, 12.08.1963)

12.08.63

Não demostrei sinal no refugio da Beira,
porque tivemos um problema com a máquina. Partimos
muito cedo para refugios vizinhos no fim da tarde. Mas
antes de descermos a lancha, o cansaço alegor que estava velho
e sentia-me. Forçamos a andar, caminhava mais um quilôme-
tro e sentia-me muito mal. Refugiado num técnico que havia
pelo menos, inspecionaram-nos todas as vísceras ao lado, e
nunca em vão. Si 9 horas depois (sofri convulsões!) só pas-
sadas nove horas é que por simples palpito se fez uma
lavagem ao estômago do animal, depois de descausada a tábua
que havia por cima, e prosseguimos enfim. Não vimos no depósito
de farinha o lixo necessário para ficarmos convencidos de que
o mel vinha dali; e assim viajámos sempre com o medo na
boca até à noite, onde descansei 1 ou 2 da manhã. Já
encontrámos aviso de que o nome completo fosse posto num
dia para Anabela "em sinal de soberania"; e toda essa
preocupação e nervosismo nos impediram de nos dizer "até lá".
Alfritamos após a d. e. lo de outro modo, per-
fundizando-nos "até fundo". Não - até às aulas. E entretanto, eu
já me marando com uma fantasia presa que a
solidão do Zito me pegou; a Refina, batendo da hoste.

É Vaca? para silfatura? Não, não? Trabalho
por fora, além do de casa - dormir? Quem?

Levou o atf. de lápis, só as teclas.
Brev. Brev. Brev. Enquanto não dáte a casa deixo,
para a maioria de nós, é bom por a novidade algu-
mas coisas. Mas a casa está tão pequena... Talvez não
seja a principal a sala. Quem?

Alguns

Regime de V. L.

Praia das Mações
Fontanelas
12 – Agosto – 963

Caros amigos:

Não demos sinal no regresso da Beira, porque tivemos um percalço com a viatura. Partíramos de manhã para seguirmos viagem no próprio dia até aqui. Mas antes de chegarmos a Coimbra, o carro alegou que estava velho e sentou-se. Forçávamo-lo a andar, caminhava mais uns quilómetros e sentava-se outra vez. Requisitado um técnico que havia pelos arredores, inspeccionaram-se todas as vísceras ao bicho, e sempre em vão. Só 9 horas depois (sofrei connosco!), só passadas nove horas, é que por simples palpite se fez uma lavagem ao estômago do animal, depois de descarregada a tralha que trazia por cima – e prosseguimos enfim. Não vimos no depósito de gasolina o lixo necessário para ficarmos convencidos de que o mal vinha dali; e assim viajámos sempre com o credo na boca até Lisboa, onde chegámos à 1 ou 2 da manhã. Mas encontrámos aviso de que o nosso compadre Major partia nesse dia para Angola “em missão de soberania”; e toda essa precipitação e comoção nos impediram de vos dizer “até logo”.

Aqui estamos agora a dizê-lo de outro modo, perguntando-vos “até quando”. Nós – até às aulas. E entretanto, eu por mim marrando contra uma gramática grega que a solicitude do Reitor¹⁰³ me pregou; a Regina tratando da horta. / E vocês? Boa vilegiatura? Frio, calor? Trabalhos por fora, além do de comer e dormir? Contem.

Lemos o artigo do Mário sobre Exames¹⁰⁴. Bravo. Bravíssimo. Enquanto se não deita a casa abaixo, para se construir de novo, é bom que se consertem algumas divisões. Mas a casa está tão podre... Imagine-se que até o Marechal¹⁰⁵ o sabe. Leram?

Saúde e optimismo.

Abraços amigos

de

Regina & Vergílio

¹⁰³ Joaquim Sérvulo Correia, Reitor do Liceu Camões até 1974.

¹⁰⁴ Artigo de Mário Dionísio, intitulado “Um problema de importância nacional – a exigência dos exames”, publicado no *Diário de Lisboa* a 9 de Agosto de 1963.

¹⁰⁵ Marechal Higinio Craveiro Lopes (1894 – 1964), ex-Presidente da República. Referência à entrevista concedida dias antes ao suplemento *Diário de Lisboa*, inicialmente censurada, com o título “Julgo que deveriam discutir-se livremente certos aspectos fundamentais da política geral, a evolução da vida económica e os problemas ultramarinos”, onde tece fortes críticas ao modelo político-económico vigente (*Diário de Lisboa*, 10 de Agosto de 1963).

Carta XXXVII (Praia das Maçãs, Fontanelas, 27.08.1963)

Praia das Maçãs
Fontanelas

27.8.1963

Querido João:

Quando lhe escrevi, o Homem não produziu ainda a oração
e confesso que pela primeira vez - subleito - admiti que iria dizer coisas. Havia a
entrevista do Juiz com o anúncio insinuado de "revelações", a implícita aprovação
cessória disso, as afirmações imperiais, foi um pouco engarrafado em entrevistas mudo,
e tudo isso me alertou. Afinal - foi logo! Eu devia falar. Eu sei que se de (o
Juri Réio...) usa ainda testes, e se o treino das flexões é para gente subalterna.
Mas a oração - como toda, já previamente "histórica" - deu um sêntido
alto às forças do mal. Com efeito - no dia 11. V. sou - o primeiro e ultimamente uma OAS
entre nós, embora com a certa dimensão provincial que me tudo nos caracteriza. Certo sujeito
um pouco pistoleiro lembrou-me de andar por entre uns tantos indivíduos não ins-
citos nos cadernos eleitorais, prometendo-lhes coisa da boa. Histórias cômicas circulam
já o propósito do caso, como era de esperar, visto que a sua barreira de riso foi
tudo entre nós se resolve. Assim se conta de cartas em duplicado para o mesmo re-
feito, ameaça por telefone a um indivíduo que não recebeu ainda carta e através
para fora das regras do jogo, donde resultou um diálogo absurdo entre o terrorista de
voz cavernosa e a inocência desenhada e insensivelmente do outro, cartas enviadas
e sujeitos que já estão no escuro eterno. Paralelamente à acção terrorista, nos arrastamos
professores quase viva infestação. Porque a falta de carta e da ameaça é um in-
dício grave de impureza de costumes. Como garantos a pureza do "cofi" e da testilidade
uma integridade de princípios? Eis, porque, ao que conta, há já quem se refugia a
carta no mercado negro. Para lá, porém, de toda esta palhaçada, é evidente que
se come o riso de um erro de apêndice, de um breve excesso de excitação, de uma
ponta momentânea do norte, de um pequeno entusiasmo ao folo dos cow-boys. Mas já
nos intuídos de coisas sérias.

Leu a nota do Ministro sobre leões? Não é de João. Não me
foi o homem o plágio. Não tem uma impressão? Aliás a parte "constit-
va" do arrogado reduz-se a uma nada. Entretanto aprendemos.

Saudades meus João. M. Leticia e Edmundo
(o foto está a Leticia a preparar o resto do 3º apq).
L. A. F. Lucas para o de J. L.

Meu caro Mário:

Quando lhe escrevi, o Homem não produzira ainda a oração¹⁰⁶. E confesso que pela primeira vez – suponho – admiti que iria dizer coisas. Havia a entrevista do Marechal com o anúncio insinuado de “sensações”, a implícita aprovação censória disso, as afirmações imperiais, já um pouco engasgadas, e um noticiário miúdo, e tudo isso me alertou. Afinal – que logro! Eu devia lembrar-me de que só ele (e o José Régio...) usa ainda botas; e de que o treino das flexões é para gente subalterna.

Mas a oração – como todas, já previamente “histórica” – deu um súbito alento às forças do Mal. Com efeito – não sei se você sabe – organizou-se ultimamente uma OAS¹⁰⁷ entre nós, embora com a curta dimensão provinciana que em tudo nos caracteriza. Certos sujeitos com bossa pistoleira lembraram-se de ameaçar por carta uns tantos indivíduos não inscritos nos cadernos eleitorais, prometendo-lhes coça da boa. Histórias cómicas circulam já a propósito do caso, como era de prever, visto que é na barrigada de riso que tudo entre nós se resolve. Assim se conta de cartas em duplicado para o mesmo sujeito, ameaças por telefone a um indivíduo que não recebera ainda carta e estava pois fora das regras do jogo, donde resultou um diálogo absurdo entre o terrorista de voz cavernosa e a inocência desembaraçada e inconveniente do outro, cartas enviadas a sujeitos que já estão no descanso eterno. Paralelamente à acção terrorista, nos arraiais progressistas grassa viva inquietação. Porque a falta da carta e da ameaça é um indício grave de impureza de costumes. Como garantir à face do “café” e da tertúlia uma inteireza de princípios? Eis porque, ao que consta, há já quem negoceie a carta no mercado negro. Para lá, porém, de toda esta palhaçada, é evidente que se corre o risco de um erro de agulha, de um breve excesso de excitação, de uma perda momentânea do norte, de um pequeno entusiasmo ao jogo dos *cowboys*. Mas falemos entretanto de coisas sérias.

Leu a nota do Ministro¹⁰⁸ sobre Exames? Aqui e além pareceu-me que o homem o plagiou. Não teve essa impressão? Aliás, a parte “construtiva” do arrazoado reduzia-se a quase nada. Entretanto aguardemos.

¹⁰⁶ Referência a António de Oliveira Salazar (1889 – 1970) e ao seu discurso *Declaração sobre política ultramarina* (Lisboa: SNI, 12 de Agosto de 1963) em resposta à Resolução S/5380 da ONU de 31 de Julho do mesmo ano (que rejeitava o conceito português de “províncias ultramarinas”), a que não terá sido certamente indiferente a entrevista ao Marechal Craveiro Lopes, publicada dois dias antes (cf. nota 105).

¹⁰⁷ Organisation Armée Secrète, organização paramilitar francesa, criada em 1961 e ligada à extrema-direita, que se opôs fortemente à independência da Argélia.

¹⁰⁸ Não foi encontrada qualquer informação. Tratando-se de um artigo sobre pedagogia, poderá ser uma referência a Inocêncio Galvão Teles, Ministro da Educação Nacional entre 1962 e 1968.

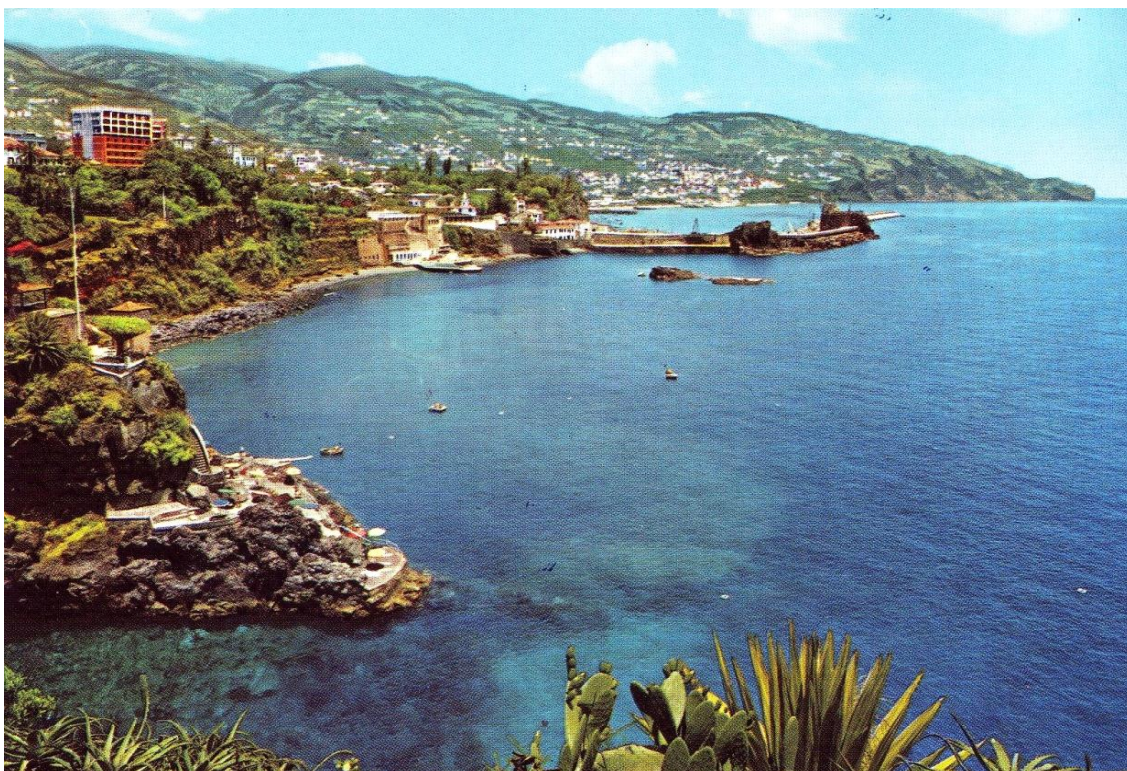
Saudades nossas para a Maria Letícia e Eduarda (o Gilo¹⁰⁹ está em Lisboa a preparar os restos do 3.º ano).

Cordial abraço para si do

Vergílio Ferreira

¹⁰⁹ Gilo, diminutivo de Virgílio Kasprzykowski, filho de Regina Kasprzykowski.

Postal ilustrado III (Funchal, 26.12.67)



Funchal

Ex.^{mos} Srs.

Natal '67 (26. 12. 67)

Dr. Mário Dionísio e Esposa

POR AVIÃO¹¹⁰

Av. Elias Garcia, 176 - 3.º - D.º

Lisboa

Caros amigos:

Daqui, da Ilha Ogígia (um pouco *fade*, entendia o Ulisses...), vos enviam um abraço
que faça ponte do Ano Velho ao Novo
os

Regina e Vergílio

¹¹⁰ A nota “POR AVIÃO”, escrita a tinta azul no topo e ao centro do postal, bem como a assinatura do seu nome e o número do prédio e andar da família Dionísio, foram escritos pela mão de Regina Kasprzykowski.

LISTA DE DEDICATÓRIAS

O Caminho Fica Longe (Lisboa, Editorial Inquérito, 1943. Oferecido em 1950):

Para o Mário Dionísio, com a simpatia e a admiração do Vergílio Ferreira. Évora, 4-Abril-950

Vagão J (Coimbra, Coimbra Editora, 1946):

Para o Mário Dionísio, com a camaradagem e admiração do Vergílio Ferreira. Melo (Serra da Estrela), 22-XI-946

Mudança (Lisboa, S.I., 1949 e Lisboa, Arcádia, 1958 (2.^a ed.)):

Ao Mário Dionísio, a quem a literatura moderna portuguesa muito deve, homenagem do Vergílio Ferreira. Évora, 1-XII-949

Ao Mário Dionísio, ao insigne ensaísta, ao criador literário e plástico, ao bom amigo, com a amizade e admiração de sempre do Vergílio Ferreira

A Face Sangrenta (Lisboa, Contraponto, 1953):

Ao Mário Dionísio, ao inolvidável contista de “O dia cinzento”, ao crítico, ao poeta e ao amigo, com a amizade e a admiração de sempre, Vergílio Ferreira. Évora, 25-Maio-954

Manhã Submersa (Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1954 e Lisboa, Portugália, 1960 (2.^a ed.)):

Para o Mário Dionísio, com a amizade e a admiração de sempre, Vergílio Ferreira. Évora, Março, 1955

Para Maria Letícia e Mário Dionísio, com muita amizade, Vergílio Ferreira. Lisboa, Julho, 960

Do Mundo Original (Coimbra, Textos Vértices, 1957):

Ao Mário Dionísio, ao autor desse fundamental “A Paleta e o Mundo”, com a amizade e admiração de sempre do Vergílio Ferreira. Évora, Outubro, 957

Aparição (Lisboa, Portugália, 1959 e 1960 (2.^a ed.)):

Ao Mário Dionísio, velho e querido amigo, a quem todos muito devemos, com um abraço do Vergílio Ferreira. Lisboa, 12 – Agosto – 959

Para Maria Letícia e Mário Dionísio, queridos amigos, esta reincidência... Vergílio Ferreira. Lisboa, Junho 960

Carta ao Futuro (Coimbra, S.N., 1959 e Lisboa, Portugal, 1966 (2.ª ed.)):

Ao Mário Dionísio, um dos muitos responsáveis pela cultura moderna portuguesa, com a amizade e admiração de sempre do Vergílio Ferreira. Évora, Março de 1959

Ao Mário Dionísio, com o velho abraço da velha amizade, esta Carta-Programa que como todos os programas poderia ter sido alterada por qualquer motivo imprevisto, mas que ainda o não foi. Vergílio Ferreira. Lisboa, Janeiro, 966

Cântico Final (Lisboa, Ulisseia, 1960 e Lisboa, Portugal, 1966 (2.ª ed.)):

Para Maria Letícia e Mário Dionísio, bons amigos, ainda esta lembrança do Vergílio Ferreira. Lisboa, Junho 960

Ao Mário Dionísio, ainda esta “ficha” para a minha identificação (ou de muitos de nós?) com o velho abraço do velho amigo Vergílio Ferreira. Lisboa, Junho, 966

O Existencialismo é um Humanismo (Lisboa, Presença, 1962 e 1966 (2.ª ed.)):

Ao Mário Dionísio, que não pode com as “angústias”, mais este escrito sobre as ditas, com um abraço de verdadeira amizade do Vergílio Ferreira, Lisboa, Novembro, 962

Ao Mário Dionísio, este renovado escrito sobre morte, angústia e outras desgraças humanas, com o velho abraço de amizade que é também para mim uma das maiores “graças”, Vergílio Ferreira. Lisboa, Fevereiro, 966

Estrela Polar (Lisboa, Portugal, 1961 e 1967 (2.ª ed.)):

À Maria Letícia e ao Mário Dionísio, mais este atentado contra a nova e sã literatura, com as minhas desculpas... e a inalterável amizade do Vergílio Ferreira. Lisboa, Maio, 962

Para o Mário Dionísio, esta “reincidência” com talvez – agora ao menos – algumas atenuantes – e o velho abraço amigo do Vergílio Ferreira. Lisboa, Outubro 967

André Malraux: Interrogação ao Destino (Lisboa, Presença, 1963):

Ao Mário Dionísio, com a amizade e a admiração de muitos anos para muitos anos, do Vergílio Ferreira. Lisboa, Março, 963

Apelo da Noite (Lisboa, Portugal, 1963):

Ao Mário Dionísio, estes “salvados” do incêndio neo-realista, com o velho abraço da velha amizade e admiração do Vergílio Ferreira. Lisboa, Junho 1963

Alegria Breve (Lisboa, Portugal, 1965):

Ao Mário Dionísio, esta história em violeta com o desejo de que, se puder, a reconte em si em rosa e o velho abraço do Vergílio Ferreira. Lisboa, 19-Novembro-1965

Espaço do Invisível (Lisboa, Portugal, 1965):

Ao Mário Dionísio, esta cavaqueira em que também vem à baila, com o abraço da velha amizade do Vergílio Ferreira. Lisboa, Junho, 1965

Bilhete (Liceu de Camões, Lisboa, 1967[?]¹¹¹):

Escandalizou algum tanto, este Dia Cinzento, quando apareceu: ele excedia, pela sua temática, certa estreiteza humanista então em voga. Mas é o que foi ontem uma razão de escândalo que é hoje precisamente uma razão de apreço. Vergílio Ferreira

¹¹¹ Segundo Eduarda Dionísio, este bilhete solto presente no epistolário de M. D. corresponde a um pequeno papel que no verso tem um carimbo do Liceu de Camões, onde os dois correspondentes eram professores. Tratar-se-á talvez de um pedido de M. D. a V. F. por ocasião de uma reedição de *O Dia Cinzento* (Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1967), uma vez que esta nota viria mais tarde a figurar na contracapa da mesma, que conta também com uma ilustração do pintor Júlio Pomar.

BIBLIOGRAFIA/ FONTES

BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. (1950). *Vértice: Revista de Cultura e Artes*. N.º 78, vol. IX. Coimbra;
- AA. VV. (1951). *Vértice: Revista de Cultura e Artes*. N.º 96, vol. XI. Coimbra;
- AA. VV. (1955). *Vértice: Revista de Cultura e Artes*. N.º 137, vol. XV, Coimbra;
- ADAMOPOULOS, Sarah; VASCONCELLOS, José Luís Falcão de (2009). *Liceu de Camões: 100 Anos, 100 Testemunhos*. Lisboa: Quimera;
- BENTO, Paulo Nuno Torres (2006). *Flausino Torres: Documentos e Fragmentos Biográficos de Um Intelectual Antifascista* [Correspondência Mário Dionísio – Flausino Torres]. Porto: Afrontamento;
- DIONÍSIO, Mário (1954). O Sonho e As Mãos. *Vértice: Revista de Cultura e Artes*. N.º 124, vol. XIV, 33-37. Coimbra;
- DIONÍSIO, Mário (1954). O Sonho e As Mãos. *Vértice: Revista de Cultura e Artes*. N.º 125, vol. XV, 93-101. Coimbra;
- DIONÍSIO, Mário (1955). *A Paleta e o Mundo*. Lisboa: Europa-América;
- DIONÍSIO, Mário (1987). *Autobiografia*. Lisboa: O Jornal;
- DIONÍSIO, Mário (1967). *O Dia Cinzento e Outros Contos*. Lisboa: Europa-América;
- FERREIRA, Vergílio (1980). *Conta Corrente I*. Amadora: Bertrand Editora;
- FERREIRA, Vergílio (1981). *Conta Corrente II*. Amadora: Bertrand Editora;
- FERREIRA, Vergílio (2008). *Diário Inédito*. Amadora: Bertrand Editora;

FERREIRA, Vergílio (2001). *Escrever*. Chiado: Bertrand Editora;

FERREIRA, Vergílio (1991). *Espaço do Invisível II*. Amadora: Bertrand Editora;

LOPES, Jorge Costa (2010). *As Polémicas de Vergílio Ferreira (e Uma Antipolémica ou Polémica do Silêncio)*. Lisboa: Difel;

PITA, António Pedro; SANTOS, David; PINTO, João Maio (2007). *Batalha Pelo Conteúdo: Movimento Neo-Realista Português: Exposição Documental*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo;

RAMOND, Viviane; LOURENÇO, Eduardo (pref.) (2008). *A Revista Vértice e o Neo-Realismo Português*. Coimbra: Angelus Novus;

SENA, Jorge de; FERREIRA, Vergílio; SENA, Mécia de (org. e notas) (1987). *Correspondência: Jorge de Sena – Vergílio Ferreira*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

FONTES

Biblioteca Nacional de Portugal

PORBASE

Biblioteca e Arquivo Pessoal e espólio literário e artístico de Mário Dionísio (Casa da Achada – Centro Mário Dionísio);

Eduarda Dionísio (filha de Mário Dionísio e membro fundador da Casa da Achada – Centro Mário Dionísio);

Prof. Doutor Helder Godinho e Ana Isabel Turíbio (equipa de investigação do espólio de Vergílio Ferreira na Biblioteca Nacional).

ÍNDICE REMISSIVO

Albuquerque, Luís de (29, 58, 70, 122, 126)
Almeida, António Ramos de (136)
Amado, Jorge (34, 35)
Amaral, Francisco Keil do (85)
Amorim, António Guedes de (29)
Aparição (147)
Aragon, Louis (73)
Aurélien (73)
Autobiografia (47, 111)
Beethoven, Ludwig van (153)
Brancusi, Constantin (144)
Braque, Georges (48)
Caldwell, Erskine (34, 35)
Cântico Final (91, 96)
Carta ao Futuro (144)
Castro, José Ferreira de (109, 153)
Cautela, Afonso (150)
Charrua, António (58, 68)
Cochofel, João José (73, 84, 85, 96, 122, 126, 129)
Defesa, A (129)
Dia Cinzento, O (48)
Diário de Lisboa (143)
Diário de Notícias (144)
Diderot, Denis (73)
Dionísio, Eduarda (133, 136, 159)
Do Mundo Original (139)
Drama de Vicente Van Gogh, O (53)
Duthuit, Georges (144)
Éluard, Paul (53)

Encontros em Paris, (47)
Esperança, António Assis (153)
Eva (68)
Face Sangrenta, A (38, 50, 119)
Fafe, José Fernandes (85)
Faure, Elie (144)
Feijó, Rui (136)
Fougeron, André (47, 73)
Francastel, Pierre (88)
Freitas, Lima de (58)
Gazeta Musical e de Todas as Artes (150)
Grácio, Rui (62)
Iniciativas Editoriais (144, 147)
Italianas no Mercado (47)
Ivo, Lêdo (26)
Joyce, James (144)
Kasprzykowski, Regina (156)
Kasprzykowski, Virgílio (159)
Liberdade (111)
Lopes, Francisco Higinio Craveiro (156, 158)
Lopes, Óscar (77, 129)
Lopes-Graça, Fernando (77, 85)
Losa, Ilse (116, 129)
Macedo, Jorge Borges de (85)
Malraux, André (35, 69, 144)
Manet, Édouard (144)
Manhã Submersa (58, 68, 91, 105, 119, 120, 129)
Mann, Thomas (116)
Marmelo e Silva, José (109, 111, 114)
Monet, Claude (144)
Monteiro, Adolfo Casais (122, 123, 126, 129)
Mudança (35, 50, 70, 119, 147)

Negreiros, José de Almada (143)
Oliveira, Carlos de (35, 77, 147)
Paleta e o Mundo, A (88, 96, 99, 102, 106, 119)
Panorama (29)
Parisienses no Mercado (47)
Pessoa, Fernando (26, 122, 126, 127)
Picasso, Pablo (48, 53)
Pintura e sociedade (88)
Pomar, Júlio (143)
Portinari, Cândido (53)
Primeiro de Janeiro, O (88)
Presença (114)
Ramos, Graciliano (35, 126)
Redol, António Alves (34, 35, 109)
Régio, José (42, 127, 158)
Resende, Júlio (64, 88, 106, 129)
Ribeira do Tejo (58)
Ribeiro, Aquilino (126)
Ricardo Malheiros, Prémio (102)
Riso Dissonante, O (26, 35)
Rodrigues, Amália (153)
Sá-Carneiro, Mário de (26)
Salazar, António de Oliveira (158)
Sampaio, Álvaro (122, 127)
Saraiva, António José (84)
Século Ilustrado, O (29)
Silva, Maria Helena Vieira da (143)
Silva, Maria Letícia (136, 159)
Sim e o Não, O (29, 69)
Simões, João Gaspar (127)
Sol Nascente (111)
Solicitações e Emboscadas, As (48)

Sonho e as mãos, O (73, 77)

Tratado do Materialismo Dialéctico (69)

Torga, Miguel (34, 126)

Triolet, Elsa (35)

Um problema de importância nacional – a exigência dos exames (156, 158)

Van Gogh, Vincent (53, 54, 62, 63, 140)

Vale, António (77, 84)

Vértice (29, 34, 38, 47, 68, 72, 81, 84, 85, 91, 96, 99, 105, 109, 111, 120, 126, 143)